



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO 33 - Nº 652 - NOVEMBRO DE 2021 - R\$ 5,00

## **Massas Especial-Documento**

**TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS,  
DEPOIMENTOS E PALESTRAS**

**Sobre a Pandemia, construção do Partido  
Operário Revolucionário, movimento  
sindical, luta da juventude, opressão da  
mulher e perseguição política na escola**

**Defesa programática do POR, diante  
da crise sanitária, econômica e social**

**Somente a classe operária organizada,  
com seu programa e métodos próprios,  
pode enfrentar consequentemente  
a desintegração do capitalismo  
e o avanço da barbárie!**

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.  
CAIXA POSTAL Nº 630 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO - [www.pormassas.org](http://www.pormassas.org) - [facebook.com/massas.por](https://facebook.com/massas.por)

Este número especial do Jornal Massas contém seis transcrições de participação do POR em atividades, como o depoimento ao Núcleo de Ética e Direitos Humanos do curso de pós-graduação de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP); exposição na Semana de História, da UNICID; e entrevistas ao Canal Mesa de Debates, dirigido por Guilherme de Almeida Soares. Abrange temas e aspectos sobre o posicionamento político e organizativo diante da Pandemia, construção partidária, situação da classe operária, questões sobre a juventude e a opressão da mulher, e, em particular, denúncia e campanha contra a perseguição política à professora Mônica Moraes, do Rio Grande do Norte. Embora variados, os temas e questões foram discutidos de forma a expressarem posições programáticas e de princípio marxista do POR.

O leitor verá, no conjunto das exposições e das entrevistas, uma linha de análise sobre a crise sanitária, econômica e social, tendo por base os seus reflexos distintos nas classes sociais, a conduta político-organizativa das direções sindicais, o significado da passividade do movimento operário, diante das diretrizes burguesas para a Pandemia, a crítica estratégica à política de colaboração de classes, e as respostas programáticas. Procuramos, ao editar, amenizar, o máximo possível, a forma oral e prosaica.

A primeira transcrição consta de três partes: 1) construção do POR; 2) posicionamento diante da Pandemia; 3) crítica às direções sindicais e políticas do movimento.

A segunda, se limitou a demonstrar o problema histórico das endemias, epidemias e pandemias nos marcos do capitalismo; e do lugar dos monopólios químico-farmacêuticos no enfrentamento à Pandemia.

A terceira, sobre a juventude, destacam-se: 1) o capitalismo em decomposição sacrifica importante parcela da juventude oprimida; 2) a importância de organizar a juventude operária, de forma que possa ajudar a juventude oprimida da pequena burguesia a trilhar o caminho da revolução; 3) a necessidade de superar a crise de direção por que passa o movimento estudantil, controlado por direções que praticam a conciliação de classes; 4) combater sem trégua todas as formas de ensino a distância, que leva a decomposição do ensino às últimas consequências; 5) lutar contra toda forma de discriminação que atinge a juventude, em particular, a juventude preta.

A quarta, sobre o sindicalismo e política, abrangeu os seguintes pontos: 1) a burocratização dos sindicatos e a política de conciliação de classes nas condições da crise sanitária e econômica; 2) a campanha do Boletim Nossa Classe, em defesa de um programa próprio de reivindicações do proletariado e dos demais explorados; 3) o divisionismo e corporativismo das centrais sindicais; 4) a importância da luta contra o fechamento de fábricas; 5) crítica ao oportunismo do “Polo Socialista”, convocado pelo PSTU; 6) a questão da frente classista e do programa próprio da classe operária diante da Pandemia.

A quinta, sobre as esquerdas e a luta da mulher, tratou de vários aspectos: 1) como a combinação da crise sanitária e econômica atingiu as massas femininas; 2) o agravamento da opressão sobre as mulheres trabalhadoras, no capitalismo em decomposição; 3) crítica à visão identitária do feminismo burguês e pequeno-burguês, e o caráter de classe da opressão; 4) a impossibilidade de erradicar a opressão sobre a mulher no capitalismo; 5) o programa proletário de defesa da mulher e de sua completa emancipação.

A sexta, e última entrevista, sobre a perseguição política, expôs: 1) encadeamento dos fatos; 2) arbitrariedade da decisão do Conselho Escolar; 3) caráter político da perseguição; 4) posicionamento sobre o ensino a distância; 5) a necessidade da luta pela liberdade de ensino e pela derrota da política obscurantista da “Escola sem Partido”.

***Essa publicação documenta o enorme esforço do POR em analisar, entender e responder à longa Pandemia e às suas consequências catastróficas, que recaíram e recaem sobre os pobres, miseráveis e famintos.***

Essa publicação documenta o enorme esforço do POR em analisar, entender e responder à longa Pandemia e às suas consequências catastróficas, que recaíram e recaem sobre os pobres, miseráveis e famintos. Está bem clara a responsabilidade do governo ultradireitista de Bolsonaro. Menos claro para as massas, ficou a responsabilidade da burguesia e dos governadores oposicionistas.

E menos ainda, a responsabilidade das direções sindicais e políticas, dentre elas, a responsabilidade das correntes de esquerda. Eis por que, no desenvolvimento da crise, os ataques se limitaram à responsabilização de Bolsonaro. O que não exigiu muito esforço, para demonstrar seu papel ativo em dificultar o enfrentamento do Estado burguês à Pandemia.

Instalou-se uma divisão interburguesa, que acabou por condicionar a política das direções sindicais e dos movimentos populares. Sindicatos, centrais e movimentos se uniram, no sentido de evitar qualquer luta que colocasse as massas nas ruas. E, assim, colaboraram com as medidas “emergenciais”, de Bolsonaro e Congresso Nacional, a exemplo da aplicação da MP 936. Alinharam-se por trás da guerra comercial das vacinas, enquanto milhares morriam diariamente. No fundo, o grande obstáculo para os explorados se defenderem com seu programa, reivindicações e força próprios se encontra nas direções colaboracionistas, adaptadas ao capitalismo e subservientes ao Estado.

O POR teve de travar o combate em todas as frentes, ao governo Bolsonaro, aos governadores de oposição, à burguesia de conjunto, e às direções colaboracionistas. Esse número especial do jornal Massas é mais uma das publicações que evidenciam as nossas posições classistas e revolucionárias, nas difíceis condições da crise sanitária, econômica e política. Fazemos um chamado à militância, que se reivindica do marxismo e do comunismo, a fazer um balanço crítico das posições das correntes de esquerda, e a fortalecerem a construção do partido marxista-leninista-trotskista.

19 de novembro de 2021

# Atividade no Núcleo de Ética e Direitos Humanos do PEPGSS, coordenado pela professora Lúcia Barroco, no dia 15 de abril de 2021

15 de abril de 2021 | **Assistir vídeo:** [https://drive.google.com/file/d/1SYN10fKEL\\_Ghj7iYP6kn5SlZpeJf4k0q/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1SYN10fKEL_Ghj7iYP6kn5SlZpeJf4k0q/view?usp=sharing)

**Erson:** Lúcia, agradeço a possibilidade de fazer um depoimento de quem hoje está no Partido Operário Revolucionário. Passei por três correntes de matriz trotskista. O POR é minha última trincheira, vamos dizer assim, da longa militância, desde os 21 anos, quando descobri o marxismo. Olha que já era tardio! Lênin começou muito jovem, participando de um círculo de operários, onde discutia os problemas, e procurava organizar o movimento proletário.

O POR é uma corrente que surgiu em 1989, se considerar o seu 1º Congresso. Foi o resultado de um processo de decomposição das esquerdas. Vocês sabem que, se tomarmos o tronco do estalinismo, encontraremos uma série de cisões. Se tomarmos o tronco do que se denominou trotskismo, também vamos nos deparar com uma série de divisões. O próprio PSOL, que vocês entrevistaram, é constituído de várias correntes. Não existe um PSOL propriamente dito, existem várias correntes no interior do PSOL, constituindo uma federação partidária. Se procurarmos conhecer cada uma delas, surgirá a pergunta: como podem estar juntas, sob o mesmo partido?

Com essa observação, pretendo indicar que o POR é fruto de uma profunda crise de direção, que foi se instaurando no país, com a falência do Partido Comunista Brasileiro, que chegou a ser dirigente de uma fração da classe operária. Vemos que, depois do golpe de 1964, as cisões se proliferaram, e não conseguimos, até hoje, constituir um partido revolucionário, que, de fato, tenha se enraizado profundamente na classe operária do Brasil. O fenômeno do PT é uma prova disso. Vai surgir justamente como um partido reformista, sobretudo em consequência da crise de direção revolucionária. A ideia de que não é mais possível a revolução, de que não existe a possibilidade da revolução proletária, de que o capitalismo mudou, de que houve a restauração capitalista, de que a queda da URSS comprova a inviabilidade do comunismo, de que a China está voltando ao capitalismo, etc., então, todos esses retrocessos indicariam que a única via continua sendo a de democratizar e humanizar o capitalismo, e que, para isso, o PT cumpriria muito bem a tarefa de reformá-lo. O POR surgiu nesse quadro de grandes dificuldades de constituir um partido revolucionário, baseado integralmente no socialismo científico e nas experiências revolucionárias do proletariado mundial. O ponto de partida para

compreender esse estilhaçamento se encontra no próprio programa. As correntes de esquerda renunciaram a se constituir sobre a base de um programa revolucionário.

Então, qual é a essência do programa, nestas condições? Está em responder, se a revolução proletária, a revolução socialista, continua vigente. Em outras palavras, compreender os retrocessos históricos, a dimensão da crise de direção mundial, dedicar-se à assimilação do marxismo-leninismo-trotskismo, conhecer muito bem as particularidades do país, armar-se do programa, e voltar toda energia para organizar o proletariado.

**Então, qual é a essência do programa, nestas condições? Está em responder, se a revolução proletária, a revolução socialista, continua vigente. Em outras palavras, compreender os retrocessos históricos, a dimensão da crise de direção mundial, dedicar-se à assimilação do marxismo-leninismo-trotskismo, conhecer muito bem as particularidades do país, armar-se do programa, e voltar toda energia para organizar o proletariado.**

No campo daqueles que dizem que a revolução socialista é vigente, vai ter uma enorme variação de linha política, o que tem a ver com a ausência de respostas alicerçadas nas leis econômicas e na política da revolução proletária. Em grandes linhas, o conjunto desses fatores condicionou a origem do POR, que surgiu como um pequeno grupo, voltado a elaborar o programa e a penetrar no seio do proletariado. O POR é essa corrente que percorreu mais de 30 anos de luta. Temos, portanto, uma considerável existência, cujo principal resultado tem sido um rigor na elaboração das teses marxistas da revolução proletária no Brasil.

O livro da Pandemia, que mostrei, no início de nossa discussão, é o 12º. Estamos preparando um novo livro sobre o movimento operário, que abrangerá um período anterior e durante a Pandemia. Podemos afirmar que o POR tem avançado na elaboração coletiva, vinculada às necessidades da luta de classes. Acrescento a importância do jornal Massas. Vocês poderão acompanhar nossas publicações no nosso site. Se vocês quiserem fazer alguma outra pergunta sobre o nosso partido, talvez possa melhorar a breve exposição.

**Lucia:** eu tenho uma pergunta. O partido tem uma origem ou uma influência trotskista?

**Erson:** Tem sim, o POR se reivindica da IV Internacional, que é o resultado da luta de Trotsky contra a degeneração estalinista do partido comunista russo e a degeneração da III Internacional. A III Internacional foi extinta, em 1943, por um decreto de Stalin e de seu grupo político, então, a classe operária ficou sem uma internacional. Então, os partidos comunistas

do mundo inteiro se dispersaram, e cada um foi levando sua política conforme as contingências nacionais de cada país. Eis por que o POR se reivindica do trotskismo.

Mas, é importante entender a seguinte questão histórica: não existe o trotskismo sem o leninismo. Sem essa compreensão, se envereda por uma distorção histórica. Exatamente por essa ocorrência é que muitas correntes, ao separar Trotsky de Lênin, seja formal ou informalmente, consciente ou inconscientemente, acabam caminhando para o centrismo. O centrismo é definido como uma corrente que está entre o marxis-

***No momento em que Trotsky encarna as posições clássicas, principistas e práticas do internacionalismo, na luta contra os desvios do estalinismo, dá continuidade ao leninismo. Então, é por isso que eu queria fazer a explicação, porque não existe trotskismo, e o próprio Trotsky fala, não existe trotskismo sem leninismo.***

mo e o reformismo. Por isso, ele oscila, ora para a política do proletariado, ora para uma das variantes da política burguesa. Não vou citar nenhum nome, como nenhuma corrente centrista está presente na discussão, não sei se seria bom, mas é no campo das correntes que se reivindicam do trotskismo que se encontram várias versões do centrismo, portanto não são marxista-leninista-trotskistas.

Vocês vão ver que Lênin teve razão em todas as questões fundamentais em suas divergências com Trotsky, tanto no período anterior, quanto no posterior à Revolução Russa. Em todas as questões de divergência, Lênin provou que tinha razão. Como é que o Trotsky se tornou leninista? Essa pergunta deve estar na mente dos que nos ouvem. Quando Trotsky entra no partido bolchevique, passa a encarnar as leis da revolução na Rússia, por meio desse partido revolucionário, que, quanto ao programa, à teoria e à organização, resultou do tenaz trabalho de Lênin. Até então, é impróprio e falso se falar em trotskismo. Stalin, em sua luta contra as posições de Trotsky, após a morte de Lênin, principalmente, procurou montar um trotskismo oposto ao leninismo. O que os acontecimentos permitem afirmar é que o trotskismo vai se configurar como tal no momento em que reage à burocratização do partido e do Estado soviético, projetando-se como uma corrente internacional, por meio da Oposição de Esquerda Russa, e depois Oposição de Esquerda Internacional. Assim que Lênin morre e a Oposição de Esquerda Russa se afirma, Stalin desata uma feroz perseguição, que culminou com a expulsão de Trotsky da URSS, os Processos de Moscou, e o assassinato de Trotsky. A cisão de Trotsky com Stalin se baseou essencialmente na conservação ou ruptura com o internacionalismo proletário. No momento em que Trotsky encarna as posições clássicas, principistas e práticas do internacionalismo, na luta contra os desvios do estalinismo, dá continuidade ao leninismo. Então, é por isso que eu queria fazer a explicação, porque não existe trotskismo, e o próprio Trotsky fala, não existe trotskismo sem leninismo. Não sou eu quem está fazendo esse reconhecimento, Trotsky o faz em sua obra “A Revolução Desfigurada”, que reúne documentos da

Atividade no Núcleo de Ética e Direitos Humanos do PEPGSS

época em que se travava a luta de 1923 a 1928-29, dentro ainda na União Soviética. A filiação do POR ao trotskismo se deve a esse fundamento histórico. Não sei se eu esclareci a pergunta.

**Lucia:** *sim, sim. A Neide quer falar.*

**Neide:** Eu só queria saber, se o POR é dissidência de outra organização, partido ou corrente, como nasceu.

**Erson:** O POR tem um pouco a ver com a minha militância. Eu comecei no trotskismo em uma corrente, há muito extinta, chamada “Organização Primeiro de Maio”, no final dos anos 1970. Em seguida, na corrente estudantil “Liberdade e Luta” e na respectiva “Organização Socialista Internacionalista” (OSI), que passou a editar o jornal “O Trabalho”. Depreciativamente, a imprensa burguesa nos chamava de “Libelu”. Foi um momento muito rico, politicamente. “Liberdade e Luta” esteve à frente da reconstrução do movimento estudantil, reerguendo os Centros Acadêmicos (CAs) e os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs). Assim, se aplainou o caminho da reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE). Nesse momento, imperava a luta pelo fim da ditadura militar, e reconstrução das organizações independentes. Nesse mesmo processo, participei ativamente na formação das oposições sindicais e, finalmente, da fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Sem dívida, no movimento estudantil, Liberdade e Luta foi um pilar nesse momento do combate à ditadura militar.

No transcurso dessa militância, ora clandestina, ora semiclandestina, estive na fundação OSI, que acabou mergulhando no PT, e aí permanece até hoje. A OSI resultou da fusão da Organização Primeiro de Maio, Fração Bolchevique e grupo de exilados na França, chamado “Outubro”. Fiz parte do congresso de fusão. As minhas divergências começaram aí dentro. E eram divergências internacionais, uma vez que passaram a existir diferenças muito profundas, entre o Partido Operário Revolucionário, da Bolívia, cujo principal dirigente foi o já falecido Guillermo Lora, e a “Organização Comunista Internacionalista” (OCI), da França. E eu fui muito influenciado por diferenças internas, que no fundo diziam respeito ao programa da revolução proletária, à caracterização da revolução nos países semicoloniais, à tática da frente única anti-imperialista, e até mesmo às tarefas que a vanguarda revolucionária deveria cumprir no movimento sindical, sobretudo. Dali houve uma primeira ruptura de minha parte. Juntamente com um pequeno núcleo, e em contato com argentinos exilados no Brasil, pertencentes à “Política Obrera” (PO), contribuí para a fundação da organização “Causa Operária”, hoje, PCO. Causa Operária foi corrente interna ao PT. O reformismo petista se definiu no seu primeiro Congresso contra a revolução; decidiu que a ditadura do proletariado era coisa do passado, confundindo-a com a ditadura burocrática estalinista. Causa Operária adotou a bandeira de Governo dos Trabalhadores, abandonando o governo operário e camponês, em função da defesa da candidatura de Lula. PO da Argentina também fazia uma revisão da estratégia de poder. O Partido Operário Revolucionário (POR) surgirá desse processo. Hoje, as nossas diferenças se consolidaram. PCO tem como defesa, ainda hoje, que o que vai real-



mente resolver o problema dos trabalhadores e a crise política do governo Bolsonaro é a eleição de Lula. O mesmo apregoa o jornal O Trabalho, que continua adaptado até a medula ao reformismo petista. Então, nós estamos completamente separados nesse posicionamento, que depois nós podemos debater no interior da minha exposição.

**Lucia:** *Mais alguém quer perguntar alguma coisa agora, ou deixa para depois?*

*Acho que não tem ninguém. Erson, pode continuar.*

**Erson:** Fiz um roteiro geral para essa exposição, que consta dos seguintes aspectos gerais: no quadro da Pandemia, vão surgir a questão científica e hospitalar, a econômica, a das classes e a política. São dimensões interligadas, que emergem no quadro de mais de um ano de Pandemia, cuja tragédia das massas trabalhadoras não preciso comentar detalhadamente. O Brasil já está caminhando para 400 mil mortos e, nesse ritmo, chegará com certeza a 600 mil. Há estimativas de que pode chegar a 900 mil mortos. São números astronômicos. Com certeza, vai atingir 500 mil mortos. É uma questão de pouco tempo. Estamos, então, realmente diante de uma catástrofe, que está atingindo fundamentalmente a classe operária e os demais trabalhadores, vai atingir mais amplamente os favelados e os moradores dos bairros operários empobrecidos. Está aí por que a catástrofe sanitária trouxe consigo essas várias dimensões, que enumerei como questão científica, econômica e social.

Começando pela questão científica, que é a mais imediata e a mais visível. Como surgiu a questão científica? Surgiu em torno à única alternativa que os governos contavam, que era a do isolamento social. É claro que outras medidas, como o uso de máscara, cuidados higiênicos, etc. eram complementares. A essência mesmo do problema se achava no isolamento social. Evidentemente, ao seu lado, surgia a deficiência hospitalar.

O isolamento social é uma medida reconhecidamente científica. Em que aspecto? Permite interromper a contaminação, retardar o seu avanço, e, com isso, dar tempo para alcançar uma segunda medida mais efetiva, que é a vacina. A imunização natural, por si só, não faria frente a uma pandemia tão mortífera. Então, o isolamento social, que foi uma medida determinada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), não poderia deixar de ser adotada pelo Brasil. Não se tinha a noção de sua durabilidade e até que ponto poderia alterar sensivelmente o curso da Pandemia. Mas, sabia-se que era o único instrumento à disposição, até que chegasse a vacina, ou seja, a chave da solução do problema.

Ocorre que, entre uma medida científica e a sua aplicação, há uma diferença muito importante. A medida científica não existe por si só. Resultado de um conhecimento já existente, vinculado a determinações econômicas. Aí está o vínculo, que muito se tem ocultado, pela discussão ideológica entre os governantes e instituições da ordem burguesa. O isolamento social é aplicado pelos governantes, que, por sua vez, respondem ao poder econômico. Que classe define o alcance do isolamento social? Em última instância, a burguesia. Através de quem? Dos seus governos, auxiliados por uma plêiade de cientistas, médicos e técnicos. As consequências econômicas do isolamento social atingem os interesses do poder econômico.

E o poder econômico vai, do grande capital, ao pequeno e médio, a despeito de ser o grande capital a força definidora. Por exemplo, o comércio e os serviços estão sendo muito atingidos pelo isolamento social. Quer dizer, fecham-se os negócios; sobrevém a crise econômica, etc. O isolamento social, considerado em abstrato, tendo como base material apenas os fundamentos científicos, já testados e reconhecidos, é, portanto, plenamente justificável e necessário. Mas, a sua aplicação é determinada pelo poder econômico. Essa é a chave do problema. Vimos, em particular no Brasil, que se gestou uma cisão no seio da República federativa. Hoje, temos uma crise federativa no Brasil, que não víamos desde a década de 1930. Se observarmos o que se passou em 1930, com a ascensão de Getúlio, depois com o Estado Novo, houve todo um processo de choques interburgueses, passando pela Revolução Constitucionalista de 1932, que pôs às claras uma profunda crise na forma como funcionava a federação e a centralização política. Apenas lembramos esse momento histórico para identificar a noção de crise federativa. Sabemos que as diferenças são grandes. A formação de uma aliança de governadores, sob a liderança de Dória, contra as posições de Bolsonaro, de combate ao isolamento social, e de resistência à adoção da

*Ocorre que, entre uma medida científica e a sua aplicação, há uma diferença muito importante. A medida científica não existe por si só. Resultado de um conhecimento já existente, vinculado a determinações econômicas. Aí está o vínculo, que muito se tem ocultado, pela discussão ideológica entre os governantes e instituições da ordem burguesa. O isolamento social é aplicado pelos governantes, que, por sua vez, respondem ao poder econômico. Que classe define o alcance do isolamento social? Em última instância, a burguesia. Através de quem? Dos seus governos, auxiliados por uma plêiade de cientistas, médicos e técnicos.*

vacina, foi parar no Supremo Tribunal Federal. A derrota do governo Bolsonaro abriu uma fenda nas relações federativas. Eis a dimensão política que indiquei logo acima. Criou-se um confronto no interior dos governos da burguesia. Inclusive homens como o Dória, que ajudou a eleger Bolsonaro, de repente se tornaram adversários, cujas agressões, quase que diárias, mudaram completamente o tom nas relações políticas.

Essa cisão tem implicado a derrocada do governo de Bolsonaro, que perdeu a capacidade de centralizar a federação. Trata-se historicamente da centralização oligárquica, portanto, autoritária. A vida política do Brasil é marcada por governos ditatoriais. A tão falada autonomia dos estados e municípios pouco tem a ver com a realidade política do país. O fato de Bolsonaro ser responsabilizado, e corretamente responsabilizado, pelo atraso da vacina, e por combater as medidas de *lockdown*, indica a quebra da governabilidade centralizadora.

Mas, existe outra dimensão do problema político que fica

oculta. Diz respeito ao fracasso da política de isolamento social, tanto é que as mortes continuam crescendo. A contaminação se mantém alta. O estado de São Paulo permanece em situação de emergência, e Dória retrocede em sua postura, e já começa a suspender as medidas de isolamento. Essa medida se choca com o funcionamento do capitalismo. A burguesia necessita reativar seus negócios e obter lucro. O funcionamento do capitalismo permite acumular capital. Tudo que obstaculiza a acumulação de capital se converte em crise política. O isolamento social é incompatível com os interesses da burguesia, que se sobrepõem às necessidades das massas. Não sei se vocês se lembram do movimento no palácio do governo. Isso na primeira fase da Pandemia, quando um grupo de empresários, guiado pelo presidente Bolsonaro, foi ao Supremo para contestar as suas posições de apoio aos governadores. Houve uma passeata nos corredores dos Três Poderes, com Bolsonaro à frente, para pressionar os ministros do STF a não intercederem em favor da aplicação do isolamento social. Aquele foi um dos momentos em que se retratou perfeitamente o denominado “negacionismo” de Bolsonaro. No fundo, um reflexo da oposição de setores capitalistas às diretrizes dos governadores. Neste caso, ficou patente que o “negacionismo” não se limitava a convicções ideológicas do Presidente, do tipo reacionário, como o “terrapiplanismo”. O essencial é que expressa o fundamento econômico da crise sanitária. Bolsonaro tem claro que, se assumisse o isolamento social, a crise econômica iria se aprofundar. O seu temor foi de que a quebra econômica abriria um precipício sob os seus pés. Os fundamentos econômicos foram o fator determinante do “negacionismo”. Esse aspecto de fundo ninguém explica. Fica acobertado, como se fosse puramente ideológico.

O POR, logo na origem da crise, o que se pode comprovar em nosso livro sobre a Pandemia, fez a seguinte afirmação: a aplicação do método científico do isolamento social é inviável no capitalismo. Essa foi nossa tese originária. Sua aplicação seria tão limitada, que ela não conteria o processo da Pandemia, a mortandade e o comprometimento da saúde de milhares e milhares no Brasil e no mundo. Quem seriam os mais atingidos? Os trabalhadores! Essa é uma de nossas divergências e discussões com as esquerdas. Por quê? Por que se negaram a admitir essa diferenciação, uma vez que se colocaram por trás da política burguesa do isolamento social. Salvo alguma exceção, consideraram que o isolamento social era a única solução. Assim, se juntaram à campanha de Dória e da frente de governadores, procurando se diferenciar verbalmente com as exigências para se cumprisse a normatização. Evitaram responder sobre quem é que promovia o isolamento social, que classe social respondia ao isolamento social, e que governos o promoviam. Esse posicionamento, inevitavelmente, passou a ter consequências práticas. Ou seja, a desativação de toda luta, o fechamento das portas dos sindicatos, e o refúgio no mundo virtual das denúncias contra o “negacionismo” e o “genocídio” de Bolsonaro.

As esquerdas, quase todas, se alinharam por trás da política do isolamento social. De nossa parte, fizemos a distinção entre o isolamento social como método científico e a sua aplicação, moldada pela política burguesa do isolamento social. Essa distinção, se não se realiza, não se pode fazer a defesa dos operários, dos trabalhadores, no seu campo próprio de luta. É

por isso que as correntes acabaram, inclusive as direções sindicais, praticamente todas, seguindo as pegadas de Dória e da aliança dos governadores. Mesmo fazendo oposição eleitoral a Dória, no fundamental, estavam todos nessa aliança dos governadores. Inclusive, incluía os governadores do PT, do PCdoB, que é o Dino, no Maranhão; e do PDT e do PSB, que são considerados partidos mais à esquerda do espectro da oposição burguesa. Nota-se, portanto, uma grande confusão política. Ao não se distinguir o isolamento social de sua aplicação, se colocou para a classe operária, para todos os trabalhadores, que a única saída, a única atitude, era a da passividade. As direções sindicais e praticamente toda a esquerda agarraram-se à bandeira do “Fique em Casa”. Mas, a contradição era e é tão profunda, que, em nenhum momento, foi possível um isolamento social que barrasse a Pandemia. O máximo que se atingiu do isolamento social foi o índice de 60%, na primeira etapa. Na segunda etapa, a que atravessamos agora, o máximo que se tem conseguido é 40%. Essa constatação prova que o método do isolamento social, submetido a limitações econômicas e políticas, não pode ser um instrumento de defesa da classe operária. A posição de proteger uma parte da população e deixar outra a descoberto é própria dos interesses materiais da burguesia, aos quais os governantes se submetem, em última instância. Essa tem sido a tese e análise de classe da incidência da Pandemia sobre as massas, que guiaram desde o início a política do POR. Temos nadado duramente na contracorrente.

A segunda questão é a da vacina, que depende dos monopólios. É nas condições de guerra comercial mundial, principalmente entre os EUA e a China, que se coloca a urgência da disseminação da vacina. Também nesse caso, as condições científicas e as condições materiais para se ter a vacina para o mundo inteiro estão plenamente dadas. É possível erguer ou transformar indústrias com rapidez, é possível produzir os insumos em grande escala, de acordo com as necessidades, mas, no entanto, a vacina vem a conta-gotas, e controlada pelos países mais avançados. 70% das vacinas estão na mão de meia dúzia de países. Os EUA exercem um grande controle, e os países atrasados, semicoloniais, têm de se arrastar por detrás da guerra comercial, promovida pelos monopólios. Colocou-se, e ainda se coloca, a defesa da vacinação universal, e nós dizemos, que se comece pelos pobres e miseráveis, porque são os mais atingidos. As massas continuam tomando os coletivos, indo para o trabalho. Essa imposição econômica rompe o isolamento social, e o vai tornando impraticável. E a classe operária permanece contida e desarmada política, organizativa e ideologicamente. Houve um verdadeiro desarme da classe operária. Vejamos em que sentido. No sentido de que os explorados não têm nada a dizer e a defender como classes oprimidas. No sentido de que não podem ter uma posição própria, que têm de depender do Estado, têm de se sujeitarem às brigas entre Bolsonaro e os governadores.

Essa dependência se vem realizando em base a um fundo ideológico, que é manejado pelas direções sindicais e pelos partidos reformistas, e que as esquerdas, de certa maneira, se vão adaptando e repetindo. Estão às claras os aspectos científicos, econômicos e políticos, se projetam sobre as massas, sem que possam compreender as leis do capitalismo que regem as tragédias sociais. Notem que chegamos ao ponto de, hoje, fal-

tar insumos e remédios para as UTIs. As pessoas estão morrendo na fila, aqui em São Paulo, que é o estado mais poderoso da União. Tomemos o caso do Hospital Sorocabano, fechado no centro da Lapa. Foi preciso um movimento para abrir leitos, mas o hospital não foi restabelecido. Isso sob o governo Dória, que se agarrou à bandeira contra o “negacionismo”, o “genocídio” e “defesa da vida”. Como se vê, tratamos do terceiro aspecto, o ideológico. As direções sindicais e políticas se colocaram nesse mesmo terreno ideológico, confundindo e desarmando a classe operária. Notem que as diretrizes, sejam as do “negacionismo” de Bolsonaro, sejam as do isolamento social dos governadores, acabam, de alguma maneira, servindo aos interesses da burguesia. Mostram a falência da burguesia e do seu Estado, diante das necessidades de proteger as massas.

E, se existe essa falência, que força social poderia e pode responder? Somente a classe operária organizada e os demais trabalhadores. E por onde viria essa resistência? A começar por seus sindicatos, e movimentos popular e camponês. Ocorre que as direções fecharam as portas dos sindicatos, e disseram aos trabalhadores que não poderiam manifestar-se coletivamente nas ruas, embora as massas continuassem indo às ruas, aos seus empregos, tomando os coletivos, se sujeitando à contaminação e correndo o risco de morte. Vejam que tamanha contradição!

Estamos vendo que esse atravancamento do movimento operário e do movimento popular serve à política enganosa dos governadores, de um lado, e à política negacionista e genocida, de outro. Esse atravancamento não teve como ser absoluto. As válvulas de escape mostraram as tendências de luta. As manifestações de massa nos EUA golpearam a farsa de que os trabalhadores não deviam ganhar as ruas. As massas foram às ruas contra a opressão racial, contra a opressão de classe, sob os riscos da contaminação. Agora mesmo, estão fazendo manifestações. Por que não fazer manifestações? Como vamos seguir esta norma, de que manifestações não podem ser feitas, porque temos de seguir o isolamento social? Essa é uma conclusão política e prática das direções, que se submeteram à política burguesa do isolamento social.

Vejam o fechamento da FORD. É escandaloso. Com uma penada, a multinacional destruiu milhares de empregos. Vejam, agora, a LG, que também está encerrando as suas atividades. E qual é a resposta? Fazem movimentos isolados, voltados a obter indenizações. Lembra que, no começo da Pandemia, os metalúrgicos da Renault fizeram uma greve de 21 dias, no Paraná. Ficou isolada. Foi parar na Justiça do Trabalho, que decidiu por cima do movimento e, finalmente, a multinacional realizou as demissões. Qual é a função dos sindicatos? Ir lá negociar o valor da indenização, ou combater pelos empregos? Vejam até onde chegamos. Não se defendem mais os empregos. Não defendendo os empregos, se aceita o crescimento, não só do desemprego, como também do subemprego. Assisitimos, à luz do dia, crescer a informalidade, a miséria e a fome crônicas. E sem nenhuma resistência nacional dos sindicatos e movimentos. Estão todos passivos, aguardando o resultado da política burguesa do isolamento social, e a chegada da vacina.

Pode-se perguntar: mas todo mundo está com medo, não é? Existe um temor quase que generalizado. É verdade, mas esse temor não impede que as massas sejam levadas para as

fábricas, tenham de tomar os ônibus, trens e metrô. Certo? Os camelôs têm de sair à labuta do dia-a-dia. O temor existe, mas têm de trabalhar. Então, por que o temor vale para trancar as portas dos sindicatos, mas não vale para as necessidades materiais das massas, que são forçadas a ir ao trabalho? Essa é uma falsa dicotomia, à qual as esquerdas se adaptaram. Adaptação que está custando muito caro ao movimento operário. Fábricas têm sido fechadas, uma onda de demissões tomou conta do país, e inúmeros acordos prejudiciais aos trabalhadores vêm sendo impostos, sob a chancela do plano emergencial do governo Bolsonaro e do Congresso Nacional. A Medida Provisória 936 (MP 936) facultou milhares de acordos de redução salarial. A renda dos trabalhadores diminuiu, e custo de vida aumentou. O custo de vida, hoje, está impressionante. Vejam o preço proibitivo de R\$ 95 o botijão de gás para milhões de família. As contradições do capitalismo em decomposição vieram à tona com a crise sanitária. O que a Pandemia fez foi escancarar essas contradições, que já existiam.

As consequências políticas para a classe operária são bem distintas das da burguesia. As direções sindicais e políticas retiraram dos explorados a única forma de se defender, que é a da ação coletiva. Tirando-se a ação coletiva da classe operária, os trabalhadores se reduzem a indivíduos, à mercê da barbárie. Essa é a consequência política para o conjunto dos oprimidos. As consequências políticas para a burguesia surgem na forma de divisões e disputas pelo poder do Estado.

Fundamentei as minhas considerações sobre as dimensões: científica, econômica, política e ideológica. Quero frisar a questão da classe como fator determinante dessas quatro dimensões. A Pandemia atinge todas as classes. Do burguês – notem as notícias sobre as mortes de figurões – ao favelado, o coronavírus faz vítimas. Como a pandemia atinge todas as classes, se obscurecem as distinções de classe. A Pandemia atinge todas as classes, mas não da mesma forma. Não na mesma intensidade. Não com o mesmo resultado. Os burgueses têm, ao seu dispor, uma rede privada hospitalar extraordinariamente aparelhada. Os burgueses e a classe média alta têm um Einstein, uma Beneficência Portuguesa, etc. Já se detecta a tentativa comercializar a vacina. A classe operária não tem nada. A classe operária tem apenas a força social para se defender. Se é dissolvida como força social, a classe operária fica inteiramente à mercê do flagelo. E há um verdadeiro flagelo no país, e no mundo. Por quê? Porque a classe operária está desorganizada, e submetida a uma direção que pratica a política de conciliação de classes. O PT é um dos maiores responsáveis pelas travas levantadas contra a força social das massas. Essa política de conciliação de classes, no caso da Pandemia, se reduz à aceitação de que a burguesia e os governantes são capazes de evitar o flagelo, e solucionar a crise sanitária, econômica e social.

Evidentemente, a duração de 1 ano e 3 meses de pandemia, com milhares de mortos, era motivo mais do que suficiente para os explorados estarem nas ruas, em defesa de um programa próprio. Se tomarmos a Gripe Espanhola, de 1918, como marco histórico das pandemias, constatamos que também matou uma quantidade enorme no Brasil e no mundo. Mas, ocorreu em um momento que as condições do capitalismo para solucionar e defender as massas estavam muito aquém de hoje. A ciência médica das vacinas deu um salto gigantesco no



conhecimento das epidemias e pandemias. O problema, qual é? É que a avançada ciência comparece na forma do capital monopolista. O que veda às massas o acesso. Trata-se de uma contradição impressionante. Os sindicalistas e reformistas não são capazes de revelar essa verdade à maioria oprimida. Não se atrevem a se colocar pela organização de um levante anti-imperialista. Uma luta anti-imperialista contra o domínio dos monopólios da medicina é um ponto de partida da luta pela independência nacional. As desavenças em torno à Sinovac deixam bem claro que o país e as massas estão pagando caro pela guerra comercial, que tende a recrudesce.

As pessoas morrendo, e os explorados amarrados em torno às brigas de camarilhas na Anvisa, Butantan e Fio Cruz. Essa contradição tinha de ser demonstrada para os explorados. Nós não temos vacina, não por causa da briguinha dos governadores com o Bolsonaro. Não é só devido à briguinha contra o negacionismo e o genocídio do governo reacionário. Essa briga é pequenininha, diante da brigona que se deve travar contra os monopólios, contra o domínio imperialista e contra a guerra comercial. Como se pode aturar que os EUA acumulem cerca de 50 milhões da vacina da Astra-Zeneca, pra valorizar a vacina da Pfizer e da Moderna? Vejam que é uma luta maior que a que temos de desenvolver contra os governantes brasileiros, por ser internacional. Como a classe operária está desorganizada no mundo inteiro, não tem como fazer com que as massas deem sua própria resposta. A vanguarda está obrigada a se apoiar, sem vacilação, em um fundamento básico do marxismo: jamais a classe operária pode deixar seus problemas nas mãos de outra classe. Jamais! No momento em que o proletariado deixa de se defender com seus próprios meios, com sua própria política, e com seu programa próprio, renuncia à luta de classes. A renúncia à luta de classes torna o proletariado mais servil e mais escravizado. Esse é o grande problema que estamos vivendo. Vejam que as centrais sindicais, a CUT, a Força, etc., estão negando-se a fazer o 1º de Maio nas ruas. Por que os negros, apoiados por brancos oprimidos, podem, nos EUA, ganhar as ruas, e, aqui no Brasil, não podemos? Por que os operários da LG podem fazer suas assembleias – fizeram, inclusive, uma passeata na Av. Paulista – e por que não podemos fazer o 1º de Maio?

Ah! Existe o risco de contaminação. Existe sim o risco da contaminação, mas o risco já nos acompanha diariamente, quando saímos para trabalhar. Estamos envolvidos pelo risco. Os caixas de supermercado têm de estar no supermercado. Os caixas de farmácia têm de estar no seu posto. O risco já está colocado socialmente. Não é que estamos em uma situação de um grande isolamento, todo mundo unificado, o governo sustentando economicamente as massas em isolamento... aí não podíamos quebrar o isolamento. Porque esse isolamento realmente era prático e estaria surtindo efeito. Mas, quando

esse isolamento se mostra fracassado, e cresce a Pandemia. Morrem mais de três mil pessoas por dia, como é que podemos ficar calados? Como é que podemos ficar amarrados de perna e mão, dizendo: que vocês resolvam por nós. Não! Esse não é um princípio dos trabalhadores, esse é um princípio burguês. O princípio do trabalhador é lutar em qualquer circunstância, com seus métodos, com o seu programa e com suas bandeiras. É assim também em uma guerra. Quer mais terrível que uma guerra? Não é? Os bolcheviques tiveram de lutar clandestinamente, para organizar a luta no interior de uma guerra. E as massas tinham de enfrentar inclusive as penalidades do poder em guerra. Então, a Pandemia cria uma situação de guerra. E assim que tem de ser vista. Qualquer ação que desarme os operários serve à burguesia, impotente em resolver o problema. É essa a conclusão política, organizativa e também ideológica. A posição ideológica é de que classe operária não pode renunciar a ter a sua própria luta. A consequência ideológica da política de conciliação de classes é exatamente oposta à do marxismo.

Para concluir essas considerações, é preciso acentuar elementos particulares dessa crise. Eu coloquei num quadro geral, mas vou destacar agora que é a incapacidade da burguesia de aplicar os métodos científicos, protegendo economicamente as massas. Vejam que o auxílio de emergência, que era uma miséria de 600 reais, agora, foi reduzido em valor e número de necessitados, e que não dá para nada. Então, surge um movimento de humanitarismo burguês, de mobilizar a classe média para arrumar alimento para os pobres, para os miseráveis. De repente, os pobres e miseráveis precisam de ajuda humanitária dos seus exploradores, daqueles que tiram o sangue do dia-a-dia, quando, na verdade, a luta, para quê? Emprego. Se não tem emprego, temos de expropriar a burguesia. É essa que tem de ser a conclusão. Se não temos força para expropriar

a burguesia agora, vamos acumular força, defendendo bandeiras imediatas, como, por exemplo, a vacinação universal, a começar pelos pobres e miseráveis. Por que não estamos na rua, defendendo a vacina?

O governador não disse que o Ministério da Saúde acabou açabarcando os medicamentos? E sonegando os medicamentos? Por que não saímos as ruas, pelos medicamentos, contra o Bolsonaro e contra o ministério da saúde? Por que não saímos?

Não. Nós ficamos como carneiros, como vítimas, morrendo como moscas, e amarrados com os braços e os pés, porque tem uma Pandemia que está matando.

Vejam que essas contradições têm atingido profundamente as correntes políticas. No 1º de Maio, o POR fez um chamamento às centrais, dizendo: vamos fazer um 1º de maio nacional, organizado. Nem que for curto, sem festividades, como sempre fazem. Transformam o dia do trabalhador em festinhas. Vamos fazer pelo menos uma marcha em cada capital, com as bandeiras

***Como a classe operária está desorganizada no mundo inteiro, não tem como fazer com que as massas deem sua própria resposta. A vanguarda está obrigada a se apoiar, sem vacilação, em um fundamento básico do marxismo: jamais a classe operária pode deixar seus problemas nas mãos de outra classe. Jamais! No momento em que o proletariado deixa de se defender com seus próprios meios, com sua própria política, e com seu programa próprio, renuncia à luta de classes. A renúncia à luta de classes torna o proletariado mais servil e mais escravizado.***



ras: vacina universal, imediata para os pobres e oprimidos, etc. Emprego imediato, fim de fechamento de fábrica. Por que não saímos na defesa de um programa próprio dos explorados? Então, as centrais sindicais não nos deram a mínima importância, e eles fazem um 1º de Maio virtual, com a participação de membros do capital. E a CSP-Conlutas, que é dirigida pelo PSTU, diz assim: precisamos fazer um 1º de Maio independente, que não tenha patrão. Mas, como vai fazer? Virtual. Olha, 1º de Maio virtual é brincadeira. Como pode fazer isso?

Como disse, em uma entrevista, um militar, Santos Cruz, um general, o primeiro general que saiu do governo Bolsonaro. Perguntaram a ele: olha, você não fica possesso com essa guerra que estão fazendo de fake news na internet contra a sua figura? Ele disse: “Não. Eu já enfrentei guerras reais. Onde tem metralhadora e onde morre gente. Então, guerrinha de internet, para mim, não me abala em nada. Eu estou acostumado com as guerras reais.”

A fala desse general serve de exemplificação. Então, eu quero concluir com essa questão particular, de que o legado da crise econômica que vai levar as massas é o legado da fome. E esse legado da fome é muito superior ao legado da Pandemia. Porque a Pandemia, em algum momento, eles vão fazer um controle, ainda que demore. Mas a fome vai continuar, e vai continuar matando, justamente por falta básica de alimentação, de moradia, de condições de saúde, que atingem essas camadas da classe operária, que são as mais desprotegidas. Então, é isso que eu queria comentar para vocês, mas gostaria muito que vocês debatessem, porque eu tenho certeza de que essa formulação, vocês não vão ouvir das outras correntes.

**Lúcia:** obrigada pela sua explanação. Muito, muito boa. Eu vou esperar agora os alunos, em primeiro lugar. Quem gostaria de falar? Vamos fazer um bloco com 3 ou 4 perguntas, aí você responde.

**Luísa:** você falou várias coisas. Desde o caminho que você constrói, do que são as correntes e da linha trotskista do POR. Mas não temos como analisar, sem considerar que também é leninista, aí eu penso sobre a posição programática, sobre o que significou, de modo geral, a luta socialista, e quanto isso hoje se perdeu. Você colocou de alguma forma as teses. Você fala assim, olha, as teses que fundamentam por onde a gente vai e como isso se dá, olhando para o proletariado, isso não só se perde, porque aí ela se dissolve nisso que no final diz, olha, por que a gente não tá na rua. (...) É isso, a gente está meio que condicionada a essa situação do “fique em casa”. Eu me senti provocada pela sua fala, e achei ótimo, mas nesse condicionamento do “Fique em Casa”, se os partidos em si... Como que está isso? (..) Numa conversa que não esteja vinculada às centrais sindicais, mas entre partidos? Enfim, era isso que eu queria colocar.

**Lúcia:** vou fazer uma questão enquanto o pessoal se prepara. Erson, conforme você ia falando do socialismo, da revolução e da classe operária, foi me dando uma sensação de como foi ficando distante da gente, é incrível! Faz décadas e décadas e décadas que você não ouve mais os partidos falarem nestes termos. É uma coisa incrível! A sensação que eu fui sentindo, desse afastamento mesmo, assim, todo mundo diz que é marxista, mas se esqueceu, ou se negou esse princípio, que é o da revolução e do próprio socialismo. A pergunta que

eu queria fazer é sobre as classes médias. Como é que ficam as classes médias nessa lógica do seu raciocínio?

A Neide quer falar, perguntar.

**Neide:** quero agradecer muito a sua presença. Extremamente ricos esses momentos, análises bem importantes, assim, instigantes. Queria pensar sobre duas questões. A questão das manifestações, que foi um dilema para mim. Eu participei de quase todas, se não todas as manifestações contra o golpe que derrubou a presidenta Dilma Rousseff. (...) Agora, essas manifestações atuais. Eu lembro que, há um ano e pouco, não, menos de um ano, um tempo, alguns meses após o início da Pandemia, as torcidas fizeram uma tentativa de puxar manifestações. (...) E depois, nas próximas, a Frente Povo Sem Medo. Eu lembro até que levaram uma faixa imensa, da quantidade de mortos daquele momento. (...) A primeira manifestação foi muito reprimida pela polícia. (...) E aí vieram as carreatas, os barulhaços, mas a gente sabe que não tem tido o mesmo efeito. (...) Mas, eu acho que de fato é um grande dilema, a gente que defende o isolamento, mas com um auxílio emergencial decente, com apoio aos pequenos comerciantes, enfim, fazer chamamento de grandes manifestações, mas eu concordo que deveria ter estratégias, atos na rua com consciência, com estratégia de distanciamento, acho que a gente não pode perder essa coisa do distanciamento, senão o que a gente prega também, eu acho que fica contraditória, porque nos EUA houve, teve toda aquela comoção, aquelas grandes manifestações, e, um tempo depois, também aumentou o número de contaminação, então eu concordo que principalmente as entidades sindicais teriam de puxar algumas coisas, com algumas estratégias (...) Principalmente, agora, reforçar que está saindo a CPI da Covid, engrossar isso aí para a gente tentar aí o fora Bolsonaro de fato. E aí eu queria perguntar para o senhor também sobre a questão das frentes. Eu imagino que o senhor seja contra a frente, uma frente ampla, mas assim, mesmo que seja para enfrentar pontos mais críticos da conjuntura, se não seria o caso de uma frente ampla, enfim. E também das frentes para as eleições, se ampla, ou uma frente mais à esquerda, enfim, que o senhor falasse um pouquinho disso.

#### (Houve uma falha na transmissão)

**Erson:** Eu estava dizendo que, entre as perguntas, uma é de caráter histórico. E as outras são bem do momento. Responderei primeiro a histórica. Por que é que chegamos a um retrocesso tão grande na desorganização da classe operária, ao ponto das correntes de esquerda sequer reivindicarem da revolução, já não se fala mais em revolução, não é isso? E parte da esquerda, inclusive, não se reivindica da classe operária. Criou-se a ideia de que a classe operária está em extinção, ou está extinta, então, não existe mais proletariado. Existe uma categoria genérica de trabalhadores, ou classe trabalhadora, na qual o proletariado se encontra diluído como classe. Isso é uma negação da realidade, e uma negação do marxismo, ao mesmo tempo. Chegamos a esse momento, tão obscuro do ponto de vista do socialismo, devido ao processo de restauração capitalista. Não existiu, até onde conheço, uma regressão histórica tão grande como a da destruição das conquistas da Revolução Russa.

A Revolução Russa, que ocorreu em meio à Primeira Guerra Mundial, abriu caminho para as revoluções na Europa. Deu início à transição do capitalismo ao socialismo, que ainda não era propriamente o comunismo, porque o comunismo é a forma superior mundial da sociedade sem classes, segundo Marx e Engels. A degeneração estalinista do partido comunista russo e a liquidação da III Internacional formam um marco do retrocesso. Esse retrocesso não pôde ser revertido pela Oposição de Esquerda, liderada por Trotsky, e pela IV Internacional, que não teve como constituir-se sobre a base de partidos realmente ligados ao proletariado. Profundamente ligados ao proletariado. Por isso, a

***Os marxistas estão nadando contra a corrente, e têm de ter força e paciência para nadar contra a corrente. E a arma para nadar contra a corrente é a teoria marxista e o programa revolucionário. Essas são nossas armas no momento.***

própria IV Internacional se estilhaçou em várias correntes. O que a inviabilizou organizativamente. A IV Internacional permanece vigente no seu Programa de Transição e na luta programática da Oposição de Esquerda contra o processo de restauração capitalista. A classe operária deu um salto na história, depois da Comuna de Paris, que fará 157 anos, sobrevivendo, de março a maio de 1871, contra a investida da reação. A Revolução Russa deu um salto de qualidade histórica, demonstrando a possibilidade de a burguesia ser expropriada, e a propriedade privada dos meios de produção ser transformada em propriedade social. Essa foi uma demonstração completa da história, que até então não se tinha essa comprovação prática, uma vez que a Comuna de Paris foi uma experiência incipiente. É preciso ter claro que a Revolução Russa criou um partido mundial da revolução, que foi a III Internacional.

Vejam que a Primeira Internacional, liderada por Marx e Engels, não chegou a ser partido mundial, foi um princípio, um embrião do partido mundial. E a Segunda Internacional acabou se degenerando, devido ao revisionismo social-democrata, que acabou nos braços da burguesia imperialista na 1ª Guerra Mundial. A Terceira Internacional congregou partidos comunistas do mundo todo, que se formaram sob o fogo da revolução proletária. Eram partidos comunistas, que, em boa parte, não existiam. A Revolução Russa foi tão profunda, que criou um partido comunista, no Brasil, proveniente de anarquistas. É impressionante. Em outros lugares, como, por exemplo, na Argentina e Chile, surgiram de cisões com os partidos sociais-democratas, que de socialista só tinham o nome. Então, houve um processo histórico de criação de uma direção mundial. Essa direção mundial afundou, com o revisionismo estalinista, e concluiu com a liquidação da Terceira Internacional, em junho de 1943. A Revolução Chinesa – a revolução mais importante depois da revolução russa – padeceu do mesmo mal do restauracionismo, hoje na forma de capitalismo de Estado, e acossada pela guerra comercial encabeçada pelos Estados Unidos, podendo se transformar em choques bélicos. Somente

agora, estamos tendo a dimensão mais completa do retrocesso histórico das revoluções proletárias.

A Pandemia está mostrando até onde chegou a regressão, ao ponto das correntes de esquerda, que se dizem socialistas, se negarem a lutar e organizar a classe operária, diante da ofensiva do capital contra a maioria oprimida, e dos perigos da guerra comercial. Aí temos, com toda precisão, o significado da regressão histórica.

Os marxistas estão nadando contra a corrente, e têm de ter força e paciência para nadar contra a corrente. E a arma para nadar contra a corrente é a teoria marxista e o programa revolucionário. Essas são nossas armas no momento. Ainda ultraminoritários, lutando para se fundir com o proletariado, e contar com a força das massas, esse é o curso que conduz à superação da crise de direção mundial.

Diante desse retrocesso enorme, surgem explicações estapafúrdias, como a que a classe operária está se extinguindo, a desindustrialização no Brasil é consequência de políticas econômicas de governo, etc. O que reflete a ausência de explicação dos fundamentos econômicos do capitalismo imperialista, de desintegração e de barbárie social. Daí que nos deparamos com esses impasses que estamos passando neste momento de pandemia. Os impasses se resolvem com o trabalho sistemático em torno à recuperação das conquistas do proletariado, para pôr em pé um partido revolucionário. Não temos alternativa, a não ser recuperar as conquistas históricas do proletariado. Não temos a tarefa de constituir uma teoria socialista. Nós temos a tarefa de assimilar e aplicar a teoria marxista, baseando-se nas experiências do passado e do presente. A Pandemia tem sido um teste para aqueles que se dizem marxistas.

O retrocesso histórico é parte das experiências, que levam à sociedade sem classes. O retrocesso histórico é a grande experiência que estamos vivendo, nós não temos só a experiência das revoluções, que foram extraordinárias, como temos a experiência do retrocesso das revoluções, e isso é parte da constituição do programa. Então, essa é a primeira resposta que eu faria do ponto de vista geral. Esta regressão histórica vai aparecer concretamente diante de uma catástrofe, como essa que estamos vivendo. A política dos sindicatos e das correntes, que se sujeitam à política burguesa do isolamento social, mostra a sua impotência política diante da burguesia e do seu governo. É como se estivessem dizendo assim, “nós somos incapazes de ter um programa próprio e lutar por conta própria, então vamos seguir o que aplicam os governantes”. Essa posição é falsa. A classe operária tem suas respostas.

Quando surgiu a Pandemia, na primeira quinzena de março, iria ocorrer um Dia Nacional de Luta, vocês se lembram? O que fizeram as direções da CUT, Força Sindical, CTB, CSP-Conlutas e partidos a elas ligados? Cancelaram a manifestação. Estava começando a Pandemia. Ao se cancelar o protesto nacional, perdemos uma possibilidade de transformar a mobilização em assembleias populares, para se decidir sobre que resposta a classe operária e os demais explorados teriam diante da pandemia. Tínhamos de ter uma resposta própria. Os explorados não tinham e não têm por que se prender às respostas da burguesia e dos governadores. Tratava-se, já naquele momento, de ter uma resposta própria, e garantir a independência política do proletariado.

A Neide pergunta o que fazer diante dos perigos da contaminação? Ora, se nos guiarmos pelo temor, estamos perdidos, nos submetemos à letargia. O perigo da contaminação e o temor das pessoas são reais, mas as direções não podem transformá-los em política. Transformar o temor em política é escolher o caminho da passividade, portanto, o da sujeição ao poder econômico, ao Estado e aos governos burgueses. As direções sindicais, em todo mundo, estão se apoiando no temor das massas, para promover a passividade, em nome da defesa da vida. Essa é a contradição que vemos no momento.

Se os trabalhadores estão sendo empurrados para o trabalho diariamente, por que é que não podem organizar a luta? Uma minoria tem tido o privilégio de ficar em casa. A maioria está indo à labuta, está enfrentando o vírus. Por que não podemos organizar a luta coletiva? Não há que se guiar por esse temor. Há que se guiar pelas consequências da política burguesa, que está levando à mortandade das massas, está levando ao desemprego, está levando ao aumento da miséria, está levando a um humanitarismo hipócrita. Então, esse é o problema que estamos vivendo, não é de hoje, é desde que começou a Pandemia.

Por que não fazer um 1º de Maio presencial, organizado para ser um marco de recuperação das forças sociais dos explorados? Defendemos junto às centrais que rompesses a passividade. As direções burocráticas pouco se importaram, afinal quem é o POR? O POR não controla sindicatos, não faz parte do ordenamento eleitoral, e não conta com um aparato parlamentar. As direções políticas colaboracionistas se valem da força dos aparatos, e são medidas pela influência sobre os parlamentares. E onde estão a força e a medida dos marxistas? Estão em seu programa e sua estratégia. Estão no seu trabalho dedicado a organizar, no campo da independência política, os explorados. A diferença da organização revolucionária com os aparatos da burocracia sindical e dos partidos reformistas aparece justamente no choque em torno aos bloqueios que impedem a mobilização da classe operária, à neutralização de seus órgãos de classe, que são os sindicatos. A Neide se refere ao “Povo Sem Medo”. Mas, o “Povo sem medo” também se ajustou à passividade geral. E veja que, nas eleições municipais, todo mundo saiu às ruas, à cata de votos. Vimos o Boulos, líder do Povo Sem Medo e candidato pelo PSOL, indo às favelas e se encontrando com a população. Terminadas as eleições municipais, os partidos e seus candidatos se recolheram em suas casas, e voltaram a prescrever o isolamento social, em detrimento das mobilizações dos explorados. De onde vem essa incoerência? Vem do fato de estarem presos aos marcos da propriedade privada dos meios de produção, do funcionamento democrático do capitalismo, e das ilusões democráticas das massas. E essas ilusões democráticas, agora, estão sendo promovidas para ver como se vai solucionar a crise desse governo. O governo Bolsonaro é um governo decrépito, e os partidos de esquerda pretendem achar uma solução para a crise política, nos marcos da democracia burguesa. Qual vai ser a solução? Arrumar um governo eleito, capaz de enganar os explorados e mantê-los submissos ao Estado. Eis por que vão canalizar todas as forças, quando vier esse momento, vão canalizar as massas para as ilusões de que, elegendo um novo governo, se solucionarão os seus problemas. Mas não vai ser assim!

Essa é a questão do momento, inclusive, esse problema das ilusões democráticas não aparecia, até que o Lula fosse liberado para ser candidato. Agora, está aí essa corrida. A Neide também perguntou sobre uma “frente ampla”, ou “frente de esquerda”. A questão não é que frente se irá constituir; a questão é com que política lutamos contra um governo burguês decrépito?

Vocês viram a entrevista de Lula, apresentada pela TV Bandeirantes? Afirmou: “nós fizemos um governo de conciliação entre capital e trabalho, e é esse governo que precisamos. Porque vocês não dão conta, deixando as massas de lado, deixando os sindicatos de lado, isso daqui vai explodir em algum momento, nós somos o canal”. É essa arregimentação que está sendo preparada para o momento em que as explosões sociais vão ocorrer. E vão ocorrer instintivamente. Às vezes, espontaneamente. Como as que ocorreram no Chile, sem que se pudesse prever a força do movimento extraordinário, em um país que foi sufocado a sangue, e depois controlado pela oposição burguesa democrática. As massas, diariamente nas ruas, passaram por cima de suas direções pró-capitalistas, mas acabaram canalizadas para a Constituinte burguesa, para as ilusões de que o Estado irá resolver os seus problemas. Assim, se dissolveu o movimento. Esse foi o papel dos reformistas e burocratas sindicais, diante do levante das massas chilenas. Esse exemplo, entre muitos na história, nos mostra o papel decisivo das direções políticas, para o mal ou para o bem da luta do proletariado. É disso que estamos tratando, ao analisar a situação dramática criada pela Pandemia.

Não sei se respondi todas as questões, mas vocês podem refazer a pergunta, caso não tenha respondido. E podem também se contrapor. Podem não, devem!

*Lúcia: Faltou você falar das classes médias.*

**Erson:** A classe média, ou ela segue a classe operária, ou segue a burguesia. Esse é o lugar da classe média. A classe média é heterogênea, ela também se divide. Por exemplo, as esquerdas estão levantando a bandeira do impeachment, do Fora Bolsonaro e Mourão, etc. É propaganda vazia. O impeachment depende da classe média. Depende da classe média, que é a base para qualquer golpe de Estado. O PT foi derrubado do poder com a destituição de Dilma Rousseff, por um golpe de Estado institucional, pela via do impeachment. Impeachment é um instrumento de golpe. De golpe institucional. E o PT e as esquerdas estão pedindo o impeachment. A bandeira do impeachment indica a impotência de organizar as massas contra o governo, por meio da luta de classes. Essas direções estão presas à jogatina no Congresso Nacional. Não ocorrerá impeachment, se a classe média não sair contra o governo. A classe operária não vai sair pelo impeachment. A classe operária vai sair pelo emprego e contra a fome; vai sair às ruas por suas necessidades materiais. De repente, se levanta a bandeira do impeachment, porque setores da burguesia estão pelo impeachment. Há setores do PSDB que estão pelo impeachment. A classe média foi a base de elevação do Bolsonaro, e é a base de sustentação de Bolsonaro, até agora. Enquanto Bolsonaro tiver força na classe média, não tem impeachment. A classe média é a mais temerosa, é a que mais pode



acatar o isolamento social, isso nas suas camadas mais altas. As camadas mais baixas estão sendo obrigadas a enfrentar a situação da Pandemia no dia-a-dia. Assistimos a manifestações de bolsonaristas nas ruas contra *lockdown*, contra isolamento social. Quem são eles? São os pequenos comerciantes, os pequenos produtores, são as camadas da classe média que estão se sentindo atingidas em seus interesses materiais. Essa classe média, de comerciantes e de serviços, pensa assim, “é melhor eu enfrentar o vírus do que enfrentar a crise econômica.” É assim que pensa e age, e Bolsonaro sabe disso. Se não tivesse esse apoio da classe média, Bolsonaro não seria o “negacionista” que é. Não existe só um negacionismo, existe um negacionismo em à meio da classe média, um negacionismo em meio à burguesia. E quando o Bolsonaro faz as ameaças de que “em algum momento o povo vai me dar razão, etc.”, ele está falando para quem? Para classe média, principalmente. Não está falando para a classe operária, para os favelados. Então, o fato de não organizar a classe operária, permite que a classe média fique solta para as manipulações políticas, que vêm da burguesia, seja pela direita fascizante, pela direita liberal, seja pela esquerda reformista. Então, de fato, a pequena burguesia ou a classe média urbana, e também a rural, tem e terá um peso muito grande na política, enquanto a classe operária se mantiver recuada. Essa é a relação de classe existente na crise que estamos vivendo. Não sei se respondi.

*Lúcia: Respondeu.*

*Bem, estamos chegando ao final da aula, você deve estar cansado também. Ninguém levantou a mão para se colocar. Erson, você deu uma aula de história e de política, então, vai ser muito importante para o pessoal ter essas noções que você desenvolveu aqui. Essas noções de política, de recuperação da história do socialismo, do marxismo, não é isso, gente? Vai ser muito importante. A gravação foi feita, e a Luiza vai te passar o link da gravação.*

**Erson:** Agradeço o envio da gravação, porque, ouvindo, posso ver falhas. Eu sempre observo as falhas de raciocínio, porque oralmente é uma coisa, por escrito é outra.

**Erson:** Eu queria falar só uma coisa para concluir. Quando surgiu a Pandemia e foram reconhecidos seus perigos para a vida humana, causou um temor também nas fileiras do POR. Porque o medo individual, quando ele se expressa como medo individual, em casos como esse, se transforma em política, e é a política da passividade, e é a política da dissolução das correntes. Nós fizemos um trabalho político interno, para não dissolver o partido. Praticamente, todas as correntes se dissolveram. Nós não paramos de fazer nossas reuniões, de realizar nossos atos políticos. Inclusive, fizemos nossas conferências regionais presenciais, no Nordeste, Rondônia e São Paulo, em plena pandemia. O POR não saiu da porta das fábricas. Em todo o movimento contra o fechamento da Ford, o POR esteve presente, com seu Boletim Nossa Classe e seu jornal Massas, e, agora, estamos na luta dos metalúrgicos da LG. Em nenhum momento, nós deixamos de cumprir o dever revolucionário. Chegamos ao entendimento coletivo de que não se constrói uma política revolucionária dobrando-se ao medo subjetivo. E eu me lembrei, inclusive, de uma frase, de Adorno, da Escola de Frankfurt, Adorno, diante do nazismo, formulou uma ideia muito significativa: “o corpo se aleija pela lesão física; o cérebro se aleija pelo medo”. Isso diante do nazismo, imagine, então, diante da Pandemia. Não se deve perder a noção histórica do terror e do medo social. O medo social é parte da história, porque é parte da violência da burguesia contra as massas. Discutimos e mostramos que os combatentes da classe operária não abandonam sua trincheira. Concluiria com essa experiência para mostrar para vocês que foi assim. Todas as demais correntes se diluíram nesse processo, organizativamente, ideologicamente e politicamente. A história vai reconhecer, mais à frente, não só por meio da historiografia, mas também pela classe operária, a covardia de suas direções. A classe operária vai cobrar de suas direções o que eles fizeram para aterrorizá-las, e não organizá-las para a luta. Por isso, quando as massas assimilam o terror, elas estão prostradas diante do terror da burguesia, o fascismo provou isso. E se prostram devido à ausência da direção revolucionária.

Lúcia, muito obrigado pelo convite.

***Não se deve perder a noção histórica do terror e do medo social. O medo social é parte da história, porque é parte da violência da burguesia contra as massas. Discutimos e mostramos que os combatentes da classe operária não abandonam sua trincheira.***

**Publicado o livro:**

**LEON TROTSKY**

**A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO**

Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato.

**LEON TROTSKY**

**A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO**

**R\$ 35**

**ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR**



# Palestra na Unicid – Semana de História

30 de abril de 2021

Pedro:

Erson, seja bem vindo, uma ótima palestra, e fique à vontade.

Erson:

Agradeço à professora Eliane Paschoal, a você Pedro, e aos demais organizadores desta semana de História. Infelizmente, estamos encerrando essa Semana, com o Brasil chegando a mais de 400 mil mortos. É uma marca que, certamente, vai ficar impressa nesta Semana de História, ou seja, na discussão com estudantes e professores. No mundo, já são mais de 3 milhões de mortos, a estatística mais antiga já fala em 3 milhões e 100 mil mortos, e o Brasil acabou ocupando um lugar de projeção da Pandemia. Esses fenômenos, que têm uma origem natural, uma fisionomia natural, acabam sendo tomados apenas como se fossem causas apenas naturais de grandes tragédias, sem a devida solução. Estamos diante da seguinte questão: se o capitalismo, nas condições de desenvolvimento econômico mundial, nas condições de desenvolvimento da ciência, não teria condições de ter um resultado bem inferior ao de mais de 3 milhões de mortos no mundo; mais de 400 mil no Brasil; e mais de 550 mil, nos Estados Unidos.

Como se vê, é um problema complexo, de grande magnitude, e, certamente, vai marcar profundamente o século XXI. Sabemos que a Pandemia do Coronavírus não é uma novidade em si mesma. Aqui mesmo no Brasil – é importante que os estudantes de história conheçam –, ocorreu no início do século XX, em 1918, a pandemia denominada “Gripe Espanhola”. Vocês, estudantes de história, devem ter conhecimento, ou mesmo estudado a fundo sobre a chamada “Revolta da Vacina”, em 1903, acontecimento esse vinculado a um importante brasileiro, que muito contribuiu com a ciência brasileira, Oswaldo Gonçalves Cruz. Com isso, quero dizer que a Pandemia é um fenômeno que tem uma história, e muito bem conhecido.

A noção de pandemia é própria de um momento em que a integração mundial do capitalismo se fez de maneira extraordinária, surgindo em um determinado país, se espalha mundialmente. As epidemias, que eram mais circunscritas a determinados países ou localidades, se transformaram em pandemias. É o que se passou com a “Gripe Espanhola”. Também existem as endemias, que são as situações crônicas de contaminação, e que acabam criando transtornos profundos na vida das massas. A história da ciência deveria fazer parte do estudo da história. Não estou bem informado sobre essa questão, reconheço. Faço apenas uma referência, nesta Semana de História, da Unicid. É um elemento importante, como ponto de partida, inclusive, se estudar a história da ciência – a ciência está dentro da história. Observa-se que as epidemias são muito antigas. São características que marcam épocas históricas. Um dos fatores que as acompanham é a miserabilidades das massas, dos trabalhadores.

Então, é muito importante compreender a Pandemia nas entranhas da História, que envolve a economia como fator decisivo, bem como a política, a ideologia. A pandemia que estamos vivendo tem um diferencial, em relação a pandemia de 1918 – à Gripe

Espanhola –, pelo fato de o capitalismo estar em um grau de desenvolvimento de suas forças produtivas e, portanto, da ciência, muito superior. E, no entanto, um grande drama do momento está em que a vacinação não progride, a vacinação no Brasil vem a conta-gotas. E, por incrível que pareça, tivemos a surpresa de que, na Índia, as mortes são tantas que se empilham cadáveres nas ruas, isso, quando esse país tão populoso e de economia atrasada, semi-colonial, aparecia como um dos exportadores de vacina. De repente, se vê que a Índia sucumbiu, sob o alastramento do Covid-19. Tomo esse exemplo do momento, para exemplificar a contradição do capitalismo. Veja que esse é um problema de grande importância, porque as vacinas têm a ver com os monopólios, com os laboratórios ultraconcentrados, e com as condições de descoberta da vacina. São condições capitalistas muito mais avançadas do que as que existiam no começo do século XX, quando sobreveio a “Gripe Espanhola”. As condições do capitalismo hoje, para combater uma pandemia, como a do Covid-19, são muito mais favoráveis.

---

***Está patente que as pandemias são fenômenos do capitalismo da época de sua inteira globalização. Manifestam-se nas condições extremamente desfavoráveis à existência de grande parcela da população.***

---

Essa é uma discussão que gostaria de desenvolver com vocês: o domínio monopolista das vacinas. E esse domínio chega a tal ponto que meia dúzia de potências controla mais de 80% da produção da vacina e da vacinação, enquanto que a maioria dos países atrasados, de economia atrasada, semicolonias, fica aguardando a possibilidade de comprar a vacina. Refiro-me àqueles que podem comprar. A maioria dos países atrasados, principalmente os africanos, é formada de países extremamente pobres, sequer têm como comprar a vacina. Como se vê, a dependência da imensa maioria dos povos se dá na relação direta com os interesses comerciais dos monopólios.

Vejam que, como falei, esse é um problema muito antigo, e, como problema antigo, sempre se devem encontrar as raízes de classe. Está patente que as pandemias são fenômenos do capitalismo da época de sua inteira globalização. Manifestam-se nas condições extremamente desfavoráveis à existência de grande parcela da população.

Aproveitando essa possibilidade, selecionei um trecho do livro de Engels, que se chama “A Situação da Classe Operária na Inglaterra”. Notem que é um livro de 1845, momento em que o capitalismo industrial estava em ascensão na Europa. Marx e Engels não tinham escrito o Manifesto do Partido Comunista, que é de 1848. Engels era ainda muito jovem, quando fez um estudo profundo sobre os bairros operários, onde apareciam as epidemias, como o tifo e a cólera. Há uma formulação, neste livro, que passo a ler, e recomendo aos estudantes que façam a sua leitura. O capítulo, de onde extraí a passagem, se chama “Resultados”.

*“Quando um indivíduo causa a outro um dano físico de tamanha gravidade que lhe causa a morte, chamamos esse ato de homicídio; se o autor sabe, de antemão, que o dano será mortal, sua ação se qualifica de assassinato. Quando a sociedade’ põe centenas de proletários numa situação tal que ficam, obrigatoriamente, expostos à morte prematura, antinatural, morte tão violenta quanto à provocada por uma espada ou um projétil; quando ela priva milhares de indivíduos do necessário à existência, pondo-os em uma situação que lhes é impossível subsistir; quando ela os constrange, pela força da lei, a permanecer nessa situação até que a morte (sua consequência inevitável) sobrevenha; quando ela sabe, e está farta de saber, que os indivíduos haverão de sucumbir nessa situação e, apesar disso, a mantém, então o que ela comete é assassinato. Assassinato idêntico ao perpetrado por um indivíduo, apenas mais dissimulado e perverso, um assassinato contra o qual ninguém pode defender-se, porque não parece um assassinato: o assassino é todo mundo e ninguém, a morte da vítima parece natural, o crime não se processa por ação, mas por omissão – entretanto não deixa de ser um assassinato.”*

Essa formulação de Engels demonstra que, se se impõe uma situação de miserabilidade à população, e se os bairros operários, que incluem, aqui entre nós, as favelas, têm condições de insalubridade muito precárias, e impera a fome, aí então se encontra o semeador das pandemias. Justamente, a ideia fundamental que Engels expressa nessa passagem expõe que a burguesia e os seus governos são responsáveis por tudo o que socialmente determinado acontece, uma vez que teriam de resolver o problema, mas não o resolvem, porque estão obrigados a manter as vítimas das epidemias em condições de miséria. Essa é uma ideia, uma premissa, que me parece imprescindível para a discussão sobre o que se passa com a Covid-19.

A Pandemia, que já provocou mais de 400 mil mortos, atinge quem? Atinge principalmente a maioria indefesa. Essa maioria está sujeita às ações dos governos. Está sujeita à ação da ciência, que é controlada pelos monopólios. Os monopólios, em geral – não só os farmacêuticos –, colocam a lucratividade acima das necessidades fundamentais das massas. Engels, evidentemente, não falava de monopólios, porque naquele momento o capitalismo ainda estava na fase liberal; hoje, vivemos na fase do capitalismo monopolista, na fase imperialista do capitalismo, em que esses fenômenos da natureza são de sobremaneira arrasadores, em função do aumento da pobreza mundial e em função da ciência ser controlada por um pequeno número de países e cada vez mais distante do acesso da população empobrecida. Gostaria que nós debatêssemos esse aspecto.

Nota-se que faz parte da história, o que acabei de expor. O livro de Engels, “A Situação da Classe Operária na Inglaterra”, faz parte da história da classe operária e das epidemias, que são fenô-

menos naturais anteriores ao capitalismo. O marxismo evidenciou que os fenômenos naturais estão condicionados pelas condições materiais e desenvolvimento social da humanidade. Eis por que iniciei a exposição vinculando a pandemia atual com a do final do século XIX, e início do século XX. Revelar essas condições materiais é muito importante, para se entender o fracasso das políticas dos governos em resposta à Pandemia.

Vocês têm visto que existe uma divisão no Brasil, entre o governo Bolsonaro e os governadores, na realidade, uma aliança de governadores, liderada por Dória, em torno ao isolamento social. Pois bem, o isolamento social é uma medida científica, está constatado que, quanto mais se interrompe o ciclo de transmissão, mais o vírus vai perdendo força, e também, no sentido contrário, quanto mais ocorrer interação entre as pessoas, mais rápida e amplamente o vírus se propagará. O vírus tem a sua forma e meio de proliferação. O isolamento social, portanto, é uma medida que todo epidemiologista vai defender. A Organização Mundial da Saúde (OMS) orienta a utilização do isolamento social, independentemente das condições econômicas e sociais de cada país. No entanto, o que nós assistimos? Não só no Brasil, diga-se de passagem, assistimos ao fracasso dessa medida. O que explica o seu fracasso, se é cientificamente correta? Os limites do funcionamento econômico do capitalismo impossibilitam uma aplicação rigorosa e ampla da própria medida do isolamento social.

Aqui, no Brasil, assistimos a uma parcela da população ficar em casa, atendendo ao isolamento social, mas outra parcela, que é a grande maioria, continua indo ao trabalho, tomando os coletivos, por exigência dos próprios capitalistas e de seus governantes. Assim, a contaminação se vai proliferando, e os bairros pobres e miseráveis vão sendo os semeadores mais promissores do Covid-19.

Estamos diante de outra face da Pandemia, que está ligada ao problema da vacina. Somente a vacina pode dar uma solução mais definitiva, caso seja universal, caso responda a uma cooperação mundial entre as nações, e, inclusive, entre os governantes. Isso não se passa. E não se passa, justamente devido ao poder dos monopólios sobre as vacinas, ao controle monopolista sobre as vacinas.

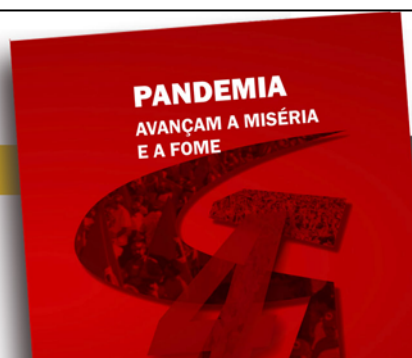
Acabamos de ver, no Brasil, uma polêmica sobre a Sputnik V, da Rússia, a Anvisa reprovando, e a Rússia denunciando que isso foi uma ação política, e vimos também todo o debate que se deu em torno à vacina chinesa, no começo, hoje muitos países dependem dela, mas, no começo, houve um choque das posições do governo federal, de Bolsonaro, com a aliança de governadores, liderada por Dória. O Brasil, nessa disputa, refletiu e reflete uma guerra comercial em torno às vacinas. Essa guerra comercial indica exatamente o controle monopolista que os países imperialistas exercem no mundo inteiro. Aí estão, de um lado, os Estados

**Publicado o livro:**

**PANDEMIA**

**AVANÇAM A MISÉRIA E A FOME**

“A classe operária, desorganizada e estilhaçada mundial e nacionalmente pela crise de direção, se sujeita à política pandêmica, que aterroriza as massas, com a campanha orquestrada internacionalmente pelo imperialismo, e executada nacionalmente pelos Estados. Sem o seu partido e sem uma vanguarda internacional com elevada consciência de classe, e capaz de desenvolver o programa da revolução proletária, os explorados ficam à mercê das respostas burguesas à crise econômica e pandêmica.



**R\$40**

**ADQUIRA  
COM NOSSO  
DISTRIBUIDOR**

Unidos da América, de outro, a China, e, no meio, a Rússia, com a Sputnik V. Esse é um ponto que merece ser discutido, porque, assim, vamos observar como os fatores econômicos, os fatores políticos e os fatores ideológicos se entrelaçam nas lutas políticas entre os governantes. Assim, as massas operárias, a classe média baixa, aqueles que vivem nas favelas, os sem teto, os moradores de rua, toda essa massa humana que vive do seu trabalho, que vive do subemprego, ou de um salário muito baixo, toda essa massa acaba ficando sujeita à guerra comercial.

Chegamos a um ponto central da questão. Se essa guerra comercial não for combatida pelos explorados, a vacinação terá um prazo indefinido para ser aplicada universalmente, portanto, não sabemos até onde o número de mortes pode chegar. Estima-se que, no Brasil, o número pode chegar a 600 mil rapidamente. Isso está demonstrando o fundo econômico, e o fundo de classe; sobre esse fundo é que se desenvolve a tragédia sanitária. Se existe esse fundo econômico, certamente vai existir uma expressão política dessas contradições, que estão na base econômica do capitalismo, que tem as condições materiais e científicas para enfrentar a Pandemia, mas que não pode valer-se dessas condições, porque, valer-se dessas condições significa proteger a maioria oprimida contra o lucro dos capitalistas. Essa é uma contradição que não permite a nenhum governo e a nenhum partido que está no poder aplicar os meios científicos em favor dos oprimidos. Chamo a atenção para que vejam que, no plano da política, se manifesta a divisão no interior da própria burguesia e de seus governos.

Citei os conflitos entre Bolsonaro, Dória e governadores, mas que se deram também entre Trump, quando era presidente, e a própria OMS. Trump praticamente a abandonou, afirmando que a instituição estava a serviço dos chineses. Esse choque político gerou elementos ideológicos. Que são determinadas explicações usadas pelo poder para ocultar sua responsabilidade. Vejam um conceito muito em voga, muito utilizado, que é o “negacionismo”. Existe um setor que seria “negacionista”, no poder do Estado, no caso seriam Bolsonaro, bolsonaristas, os aliados dessa política, inclusive os militares, como vimos no caso de Pazuello, que esteve no Ministério da Saúde, e aplicou uma política contrária, não só ao isolamento, como à aceleração da aquisição da vacina. Sendo assim, outro setor seria “afirmacionista”. Os negacionistas seriam contra a ciência, portanto, daí se deduz o “negacionismo da vida”. Insisto que esse “negacionismo” não é por razões simplesmente religiosas. Essa é a versão que se tem utilizado. O obscurantismo religioso é fato. Mas o “negacionismo” de Bolsonaro não se limita ao obscurantismo. Esse “negacionismo” tem um fundo econômico. Nisto reside sua maior importância. O isolamento social implica a continuidade e aprofundamento da crise econômica, implica o fechamento de fábricas, de atividades comerciais, de setores de serviços; e os capitalistas não podem proteger as massas contra esses resultados. Não só isso, o governo não tem como proteger os pequenos e médios produtores, os pequenos e médios comerciantes, tanto é que os bolsonaristas que saem às ruas, que saem contra o lockdown, são exatamente dessa camada de classe média, que está vinculada ao comércio e serviços. O grande capital, que são as multinacionais e determinados grupos nacionais, tem recursos para suportar, por um longo período, a Pandemia. É no quadro dessas contradições econômicas, de interesses de frações de classe, que aparece o “negacionismo”. Esse é o ponto de vista marxista, que gostaria de debater com os estudantes e professores.

Esse “negacionismo” tem outra face, que fica oculta, e não se fala sobre ela. É o fato de os monopólios controlarem as vacinas, e, ao controlá-las, colocam o interesse do lucro sobre as necessidades mundiais das massas, que aparecem na estatística de milhões e milhões de mortos. O império do lucro é também um “negacionismo”. Não só um “negacionismo” na forma de proteger um setor econômico, mas justamente de controlar o processo de comercialização de uma mercadoria, que se tornou, assim, uma mercadoria de vida ou morte para a humanidade. Aí também há um “negacionismo”, mas se oculta esse “negacionismo”, porque ele tem um conteúdo imperialista, de domínio imperialista. Gostaria também de discutir esse aspecto.

---

***Existe um “negacionismo” das direções a um princípio de classe: somente a classe operária organizada pode defender a si própria. Não tem como os trabalhadores escravizados dependerem dos seus escravizadores, para resolver problemas de tal magnitude.***

---

Existe outro “negacionismo”, que não vem da burguesia, não vem de setores monopolistas, não vem do choque entre os governantes, mas é um “negacionismo” que aparece no movimento operário. E vai aparecer no movimento sindical. Onde está esse “negacionismo”? Está na ideia de que a classe operária não pode mobilizar-se nas condições da Pandemia. O 1º de Maio que teremos será o segundo Dia Internacional dos Trabalhadores sem que as centrais sindicais convoquem manifestações. E a justificativa é a seguinte: não podemos nos aglomerar, por que isso contraria a ciência, contraria o isolamento social. Mas, ocorre que mesmo a parcela de trabalhadores que pôde cumprir o isolamento já voltou ao trabalho. A minoria continua no “fique em casa”. Não existe mais, a rigor, o isolamento social. A esmagadora maioria está obrigada a ir ao trabalho, a pegar os ônibus, a sair às ruas, para garantir o sustento. A luta dos trabalhadores, a organização sindical, seria a única forma de se contrapor ao poder dos monopólios, e à política de Bolsonaro, e superar a política limitada dos governadores. Os governadores passam por um conflito com o governo central, mas acabam, em última instância, se submetendo, limitando a sua ação. Os governadores queriam comprar a Sputnik V, mas não puderam, porque a Anvisa disse não, e ninguém fez nada, tiveram de recorrer à justiça, e na justiça fica toda a discussão sobre a legalidade, quando o interesse das massas só pode ser defendido por elas mesmas. Esse é o ponto fundamental de minha exposição.

Existe um “negacionismo” das direções a um princípio de classe: somente a classe operária organizada pode defender a si própria. Não tem como os trabalhadores escravizados dependerem dos seus escravizadores, para resolver problemas de tal magnitude. Estamos vendo, nessa situação, que não existe apenas o problema da Pandemia, isolado; existe o problema da Pandemia vinculada às condições de existência da força de trabalho no país. O desemprego, as demissões, o fechamento da Ford e da LG exigiram resposta coletiva. Os operários tiveram de fazer as assembleias presenciais. Houve, em São Paulo, uma manifestação do sindicato metalúrgico de São José dos Campos, que fez uma passeata até a embaixada do país de origem da LG, que é uma multinacional sul-



coreana, e os operários tiveram de sair às ruas. Nos EUA, houve um movimento de massa, contra o assassinato de George Floyd, as massas saíram às ruas, em plena Pandemia. Quando se tem uma necessidade que atinge coletivamente a população, os explorados têm de tomar em suas próprias mãos as respostas. Se não fazem isso, as massas ficam subordinadas aos monopólios, de um lado, e aos governantes, de outro, responsáveis pela aplicação dos recursos para viabilizar as medidas científicas, a exemplo do caso do isolamento social e da vacinação.

São essas, as contradições econômicas, as contradições políticas e as contradições ideológicas que estamos vivendo. Eis por que é importante observar como a história da ciência é uma história vinculada ao poder econômico. O capitalismo chegou a um desenvolvimento científico extraordinário. Em pouco tempo, já se tinha a vacina. Resolveu-se a vacina rapidamente, em relação ao tempo necessário do passado, na época de Pasteur, na época de Oswaldo Cruz, onde o processo de descoberta da vacina, os elementos que comporiam o processo todo para fazer a imunização, fazer a proteção do corpo humano, era muito lento. Hoje, já se tem um grande avanço. A vacina da H1N1 serviu de base à vacina da Covid. Nota-se que a ciência andou em grande escala. No entanto, a aplicação da ciência se realiza em baixa escala. É uma ciência extremamente avançada, mas de diminuta utilidade para a defesa da vida da maioria explorada. Essa é uma contradição do capitalismo, própria do capitalismo, dessa fase de desenvolvimento imperialista, de domínio monopolista.

A que conclusão se pode chegar? Estamos arcando com um ano e três meses de Pandemia. O grande problema é que a classe operária precisa retomar suas forças, se organizar, e tomar em suas mãos as reivindicações. Por exemplo, por que não estamos lutando pela vacina, já há muito tempo? Por que aguardamos o resultado da disputa entre os “negacionistas” e os “afirmacionistas”? Por que temos de acatar, aguardar, quando as pessoas estão morrendo nos hospitais, às vezes falta até oxigênio, pessoas morrem nas filas, os cemitérios estão abarrotados, por que então essa passividade social? A passividade social é um fator que favorece a continuidade da Pandemia. Favorece a burguesia, que equaciona os problemas econômicos que aparecem no quadro da Pandemia. Está claro que há uma grave implicação: a crise econômica, que já vinha desde 2008, se agravou com a Pandemia. Os países semicoloniais, de economia atrasada, vão ter pela frente uma etapa muito difícil. Vocês viram que o Biden tem um orçamento de quase 5 trilhões de dólares para levantar os EUA, uma forma inclusive parasitária de o Estado intervir na economia. Soma extraordinária voltada para determinados interesses mundiais do imperialismo norte-americano. O restante do mundo vai ter de se virar como puder, em função de seu atraso econômico e científico.

É necessário pontuar, nessa discussão histórica, o momento que os explorados atravessam. As forças da classe operária foram tão desorganizadas, pelas direções sindicais burocratizadas e adaptadas ao capitalismo, que não temos onde nos apoiar, para nos contrapormos a essa política, denominada de “genocida” pela própria oposição burguesa. Existe um “genocídio”, se tomado no sentido latu senso. E não é um genocídio que se limita às ações de bloqueio do governo Bolsonaro. Existe um genocídio também, pelo bloqueio que fazem as multinacionais, os monopólios que controlam a vacina. Também aí existe uma responsabilidade aplicada, no sentido latu senso, da palavra genocídio. A passagem que li de Engels, que

diz, se alguém sabe que aquela doença vai matar os operários, e sabe premeditadamente que aquilo vai causar grandes transtornos à vida daqueles oprimidos, se não existe uma ação para se contrapor aos resultados das consequências sociais desse fato, então nós temos um homicídio. Esse deve ser o sentido de “genocídio”, que, portanto, deve ser atribuído não só a Bolsonaro, mas também à burguesia, aos monopólios e ao imperialismo.

Essas são as considerações iniciais que faço para essa Semana de História da Unicid. Obrigado, por enquanto.

*Professora:*

*Então, vamos para as perguntas. O Lenon pergunta: Erson, vivemos a falência política dos sindicatos? Por quê?*

*Erson:*

Bem, os sindicatos, historicamente, são uma criação da classe operária, surgiram como organismo de defesa da vida dos trabalhadores, e, portanto, obrigatoriamente, para cumprirem essa função, têm de ser independentes em relação a qualquer forma de política dos capitalistas, dos exploradores. Ocorre que chegamos a um momento, como na atualidade, em que os sindicatos acabaram sendo estatizados, foram submetidos às políticas de Estado. Isso se deve a um processo histórico de burocratização, que distancia os sindicatos das bases operárias, elimina a democracia coletiva, e destrói a função de unir os assalariados em defesa de um programa próprio de reivindicações. As direções político-sindicais se transformaram em uma verdadeira casta, que parasita e sobrevive profissionalmente dos sindicatos.

Vocês sabem que há sindicatos com muita capacidade econômica, são verdadeiros aparatos, e ali se cria uma burocracia que se desvincula da classe operária. Um operário inicia a sua politização e se torna um sindicalista, quase sempre, no começo, ele está vinculado aos instintos de revolta, às necessidades dos seus companheiros, dos locais de trabalho, etc. Conforme vai ascendendo na escala das direções sindicais, vai formando uma relação com o poder econômico da burguesia, e se corrompendo pelos privilégios. Então se avança o processo de cooptação das direções sindicais pelo poder econômico. E também pelo poder político. Uma vez que o sindicato passa a ser controlado pela direção burocratizada, vai perdendo a força coletiva da classe. E notamos que os sindicatos, quando vão perdendo a força coletiva da classe, vão se tornando um aparato que depende, não da elevação da consciência política classista dos trabalhadores para garantir seu autofinanciamento, mas de uma lei feita pela própria burguesia, que regulamenta as suas finanças. Há pouco, com a reforma trabalhista, o governo e legislativo eliminaram o imposto sindical, uma fábula que as centrais e sindicatos deixaram de receber. O que evidenciou o baixo nível de sindicalização existente no país. A burocracia está encontrando um meio de reparar as perdas, porque depende de muito dinheiro, para sustentar o aparato e a si mesma. Isso implica formar novas direções classistas.

É importante nunca desconhecer, não perder de vista, a relação entre sindicato e direção. Os sindicatos vão perdendo força, devido à sua direção política, e não porque são sindicatos. Essa explicação é importante que se faça. E notem que quando os sindicatos acabam se tornando um aparato eleitoral, para eleger parlamentares, para resolver os problemas dentro do parlamento, quando o sindicato se torna um ministerialista, quando o sindicato se torna



também muito vinculado ao Ministério Público, ligado à justiça do trabalho, tenta resolver as consequências da brutal exploração capitalista do trabalho no âmbito da justiça patronal. Substituem-se os métodos próprios da luta de classes, por métodos ditados pelo ordenamento jurídico e político do Estado.

Aconteceu recentemente com fechamento da Ford e LG, em Taubaté. Milhares de postos de trabalho foram destruídos. Toda a negociação acabou sendo orientada pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Perdeu-se a oportunidade de lutar contra o fechamento da fábrica, devido à política das direções. Então, essa é a contradição vivida pelos sindicatos.

Para concluir, voltando à Pandemia, essas direções não têm uma política própria, então acabam seguindo uma política que, para ela, seria uma política que resolveria a sua própria impotência, como é o caso de se submeter à política burguesa do isolamento social, desconsiderando que tal política burguesa do isolamento social é limitada e determinada pelo poder econômico. De forma que a política do isolamento social só ocorre quando se aplicam medidas de diminuição do salário, demissão e quebra de direitos trabalhistas. Assim, os operários estão pagando, não só com a Pandemia, mas também com o desemprego, etc. E os sindicatos continuam passivos, diante de tamanha catástrofe social. Isso, por responsabilidade de sua direção política.

*Professora:*

*A Malu faz uma pergunta, que é a seguinte: qual seria a lucratividade na Pandemia em manter o genocídio, sabendo que já temos vacina e a mesma não está sendo produzida em escala maior para evitar o número de mortes?*

*Erson:*

Esforcei-me para deixar clara uma tese, de que estamos nas mãos do poder econômico, seja na medida do isolamento social, seja em relação à vacina. No caso específico da vacina, esse poder econômico é bem definido. É quem tem o poder científico, quem tem o poder tecnológico e tem o poder de produzir a vacina. Meia dúzia de laboratórios controla todo o mundo. Daí a pergunta: as condições para produzir em grande escala a vacina estão dadas, ou não? Absolutamente, estão dadas.

Vocês fazem história, vocês lembram que, na Segunda Guerra Mundial, os EUA, quando foram atacados pelo Japão, tiveram de se lançar à guerra mundial, o que eles fizeram? Transformaram as indústrias manufatureiras em indústrias bélicas. Isso eles fizeram em pouco tempo. Vocês conhecem a história e sabem disso. Então, por que não se transformar as indústrias, com o poder econômico que hoje existe no mundo, em indústria farmacêutica? Existe um excesso de capital no mundo, existe um excesso de capital financeiro, são três vezes mais que o produto interno bruto mundial, de capital financeiro. Os recursos materiais estão dados para ter vacina suficiente para inundar o mundo, só que as multinacionais não podem fazer isso, e por quê? Porque, se fizerem isso, cai o preço da vacina. A escassez da vacina eleva o preço. Vocês sabem que essa é a lei da oferta e da procura no capitalismo, então a vida

das massas está submetida à lei da oferta e da procura.

E essa é a contradição que eu procurei também expor.

*Professora:*

*Perfeito. A Ana Paula faz uma pergunta assim: você acredita que ainda esse ano nós vamos ter condições de retornarmos às lutas?*

*Erson:*

Olha, essa pergunta é mais difícil de responder. Mas, sempre falamos em probabilidade. É assim: as condições objetivas exigem a luta. Quais são as condições objetivas? A quantidade de mortos

elevada, os hospitais esgotados, falidos, o aumento do desemprego, o aumento da pobreza e da miséria. Vocês imaginam que estamos obrigados a reconhecer o crescimento da miséria nesse um ano? Que houve uma explosão da miséria. São mais de 100 milhões de famílias que estão em considerável risco alimentar. É quase a metade do país nessas condições. Então as condições objetivas obrigam a que os trabalhadores tenham suas reivindicações, tenham seu programa de emergência. A não ficarem submetidos ao programa de emergência do governo. Veja que o auxílio emergencial caiu, de R\$ 600, para uma média de R\$ 200. Isso é um verdadeiro ataque aos explorados. Aí, se começam a ver as

filas de alimentos, para atender a população miserável. E os miseráveis fazem aquelas filas para receber um pacote de alimento. Você quer coisa mais humilhante para os trabalhadores, para os operários, terem de ficar numa fila do governo, com a campanha da televisão, para arrumar alimento. Você imagina uma campanha do governo, pedindo que se doe um saquinho de alimento, no momento em que a pessoa é vacinada. Vocês veem a que ponto o capitalismo chegou, quando os lucros dos bancos cresceram enormemente, quando a concentração das riquezas cresceu enormemente na Pandemia. Se vocês recorrerem aos dados da revista Forbes, verão como os ricos ficaram mais ricos. Então, as riquezas existem, o problema é que elas estão nas mãos de uma ultraminoria. Se a classe operária não sair em luta, ela vai mergulhando cada vez mais na barbárie. Estamos vivendo sob a barbárie. Então essas condições materiais nos dizem que haverá luta.

Agora, as condições que não são materiais, são as condições políticas, ideológicas, são as condições subjetivas, como distingue o marxismo. Essas condições subjetivas bloqueiam a organização da classe operária. Esse bloqueio da organização da classe operária está sendo canalizado para a disputa eleitoral. Estão procurando agora canalizar para isso. Como se, se tirasse o Bolsonaro e se colocasse o Lula, ou outro candidato, se teria uma grande mudança, quando a gente sabe que este Estado é controlado pelas oligarquias, esse Estado é controlado pelo poder econômico, e esse Estado é submisso ao imperialismo. Qualquer que seja o governo que suceder Bolsonaro, vai ser um governo burguês. A classe operária está carente de ter o seu próprio partido, de ter sua própria organização. Isso é um grande bloqueio, para que ela reaja com suas próprias forças. Essa é a minha explicação para essa pergunta, que é bastante difícil prever.

*Professora:*

*O Márcio diz assim: podemos dizer que a falta de união do povo e dos sindicatos vem do governo, devido inclusive ao descaso com a Educação, pois, educar, ensinar a população, desde cedo, é algo importante, isso geraria outra dinâmica?*

**Erson:**

A educação política da classe operária não é feita na escola propriamente dita. A educação política se faz na luta de classes. Os sindicatos foram e podem ser a melhor escola de formação política da classe operária, como o bê-á-bá. Mas é preciso um partido revolucionário. Como, por exemplo, o partido revolucionário dos bolcheviques, dirigido por Lênin. Os partidos que fizeram as revoluções socialistas eram verdadeiras escolas políticas da classe operária. A Educação, queiramos ou não, é ideologicamente controlada também pelo poder econômico. A escola é um reflexo superestrutural da base econômica do capitalismo. Então, a escola não tem como, em si mesma, ser o fator determinante. Agora, se a classe operária se organiza e avança na sua luta, na sua consciência de classe, vai interferir na dinâmica da escola, na dinâmica da Educação. Não é o contrário. A dinâmica da Educação não vai interferir na consciência de classe, na consciência proletária. A escola, ideologicamente, pode ter alguns professores com ideias muito boas, com uma posição crítica, mas a escola está desvinculada da produção social. A relação entre a escola e o trabalho está completamente divorciada. E essa forma – esse distanciamento, essa separação da produção social e da escola – faz com que a Educação seja repetitiva, seja metafísica, seja concorrencial, ela se baseia no indivíduo.

Veja que a Pandemia abriu um caminho enorme para ensino a distância. O ensino a distância é a destruição da escola. Eu falava para os colegas, inclusive em um debate que eu participei em uma Semana da Educação da PUC, lá atrás, eu dizia aos professores: olha, muitos de vocês falam que o ensino a distância é a aplicação da tecnologia na educação. Cuidado, há uma distinção entre o que é a tecnologia e como se deve aplicar na escola, e o que é ensino a distância. Ensino à distância é a destruição da pedagogia. Eu defendia que o avanço da pedagogia é o resultado de uma imposição social, que é a aprendizagem coletiva. A aprendizagem é social. Quando se centra inteiramente no indivíduo, na individualização, a escola se pulveriza.

Não estou de acordo com a ideia de que o problema nosso da evolução da consciência e da unidade da população se deve ao problema da educação. Não se deve ao problema da educação, se deve ao bloqueio que a classe operária sofre de suas direções políticas.

*Professora:*

*A Mônica escreve o seguinte: diante dessa lógica, a classe operária não tem a quem recorrer, certo? Apesar de todo apelo da oposição em promover esse discurso, declarando que o governo é genocida, a verdade é que o sistema é genocida, seja de que lado for. Dentro do sistema capitalista, não há democracia. Estamos iludidos?*

**Erson:**

Essa é uma observação muito contundente e muito significativa, e vejo que, quem pensa dessa maneira tem até dificuldade de convencer as pessoas de que essa é uma verdade. Que

o capitalismo está numa fase de decomposição, de tal maneira, que está aprofundando a barbárie. A barbárie acompanhou o capitalismo em escala, desde a sua origem. Mas, ela chegou numa escala agora muito elevada, é uma escala mundial da barbárie. Nós tivemos dois momentos particulares da barbárie capitalista, que foram a Primeira Guerra e a Segunda Guerra Mundial. Quando alguém se lembra da bomba atômica de Hiroshima e de Nagasaki, tem ideia do que é a barbárie. De onde pode chegar a destruição humana, em função de interesses econômicos das potências. A fome é um dos sintomas mais bárbaros, num momento em que o capitalismo tem todas as condições materiais para bani-la. Mas, suas contradições impossibilitam. Aumentam a pobreza e miséria de continentes inteiros, como é o caso da África. Vejam os retrocessos na América Latina, que é constituída por nações oprimidas, nações semicoloniais, nações pobres, como se têm potenciado as condições de miserabilidade. Aí explodem as contradições.

Vocês se lembram de que um dos pensadores mais avançados no Brasil foi Josué de Castro. Quando, na Geografia da Fome, ele disse: não adianta querer explicar a fome por razões da seca, pelas razões naturais. Procurem as razões econômicas e sociais, que aí nós vamos descobrir a raiz da fome, a raiz da miséria. Esse quadro de barbárie é o resultado de leis econômicas, de leis históricas. Qual é a base da lei econômica, da lei histórica, que leva à barbárie no sistema capitalista, que é o sistema mais avançado que já existiu? É justamente as contradições entre as forças produtivas e as relações de produção. Quer dizer, as forças produtivas – das quais fazem parte a força de trabalho, a tecnologia e a ciência – são altamente desenvolvidas, mas elas estão submetidas à camisa de força da propriedade privada dos meios de produção. E essa camisa de força da propriedade privada dos meios de produção se impõe na forma monopolista. Concentra-se riqueza nas mãos de poucos monopólios, de poucos Estados no mundo. Este fenômeno se traduz em barbárie. Eu acho que essa é a questão de fundo da pergunta que a aluna fez.

O problema, portanto, não está em que a classe operária não tem a quem recorrer. Está em que os explorados constituem uma força transformadora, diante da burguesia arcaica e putrefata. Trata-se de encontrar uma organização própria, com um programa próprio e, portanto, com uma direção própria. Os sindicatos foram as primeiras organizações de classe próprias do proletariado, mas ainda limitados à defesa das condições de existência dos assalariados nos marcos do capitalismo. Como vimos, os sindicatos estão burocratizados, o que se exige construir novas direções classistas. Mas, a classe operária não se limitou a constituir sindicatos, constituiu também seus partidos revolucionários. Mencionei o partido bolchevique, como o mais avançado da história da luta de classes. Hoje, atravessamos uma crise de direção, com o retrocesso restauracionista das revoluções do século XX. Não há outra solução, a não ser construir os partidos revolucionários, e independizar os sindicatos.

*Professora:*

*O João fala o seguinte: o que mudou nos operários do século XVIII e XIX, da Inglaterra, França, para os dias de hoje? O avanço da ciência chega muito devagar aos trabalhadores, é a opressão do sistema capitalista que continua com outra roupagem? Ou seja, nada mudou?*

Erson:

É claro que houve mudança, nada é estático, a mudança é sempre objetiva, ela caminha por razões que não dependem de nossa consciência. Então, é claro que o operário do século XIX, e menos no início do século XX, eram operários que conviviam com um momento em que as forças produtivas capitalistas estavam se ampliando, se desenvolvendo. Hoje, as forças produtivas capitalistas estão bloqueadas. E elas estão bloqueadas com o alto desenvolvimento das próprias forças produtivas nas formas tecnológicas. Por isso, tem tido uma redução no número da classe operária, em boa parte dos países. E tem havido um crescimento de setores, que são setores de serviços e comércio, que formam uma grande massa de assalariados empobrecidos, desqualificados, boa parte desqualificada. Então, essa massa de assalariados faz parte da classe operária, embora o proletariado fabril seja a sua coluna vertebral.

A pergunta, certamente, tem um fundo, que é hoje uma contestação, de que a classe operária já não existe mais, ou está em extinção. Em absoluto. A classe operária é a coluna vertebral do funcionamento do capitalismo, porque ela é a responsável pela produção social. Vejam que houve uma diminuição da classe operária nas potências, EUA, França, Alemanha, mas vejam também como a classe operária cresceu na China. Vejam como as multinacionais correm atrás da força de trabalho barata, devido à necessidade de extrair a mais-valia, de aumentar a taxa de lucratividade. A tendência do capitalismo, em suas mudanças tecnológicas, em sua tecnificação, é a de reduzir a quantidade de força de trabalho, e aumentar a capacidade tecnológica das fábricas. Isso leva a uma tendência, que Marx analisou como tendência à queda média da taxa de lucro mundial. Os capitalistas vivem esse problema. Nós acabamos de assistir, agora, o pronunciamento de Biden sobre a proteção do clima, como mudar as matrizes do petróleo e do carvão, para as matrizes de energia renovável, etc. O que não tem a ver, de fato, com uma política de proteção da natureza. Tem a ver com a necessidade do capital de transferir seus capitais para setores que podem ser lucrativos. Esse é o movimento que estão fazendo. Com a ideia de que seria uma maneira de proteger a natureza, e assim por diante.

A mudança que houve na classe operária foi nesse sentido, mas não houve uma mudança no fundamental. Ou seja, não houve mudança no fato de que a extração da mais-valia pelos capitalistas vem da classe operária. O capitalismo não sobrevive sem mais-valia. Não se acumula capital sem a exploração do trabalho, e a exploração do trabalho continua mais dura, mais pesada ainda. Essa é a realidade. A classe operária continua sendo a coluna vertebral da produção social, e é ela que vai fazer a transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. A luta pelo socialismo, portanto, hoje é extremamente imperativa; se não se luta pelo socialismo, se submete à barbárie. O capitalismo não está em progresso, está em regressão. Portanto, não lutar pelo socialismo é se submeter às tendências bárbaras do capitalismo, inevitavelmente.

Professora:

Vamos fazer mais duas perguntas, e encerrar. O Pedro faz a seguinte pergunta: A quebra do monopólio das vacinas se dará pela quebra de patentes, e para que isso ocorra, de fato, se dá com a pressão da classe operária nas ruas, não por meio de lives. O que o senhor acha?

Erson:

Primeiro gostaria de esclarecer que a quebra de patente não quebra o monopólio. Os monopólios continuarão existindo, mesmo quando se suspende a patente. A quebra da patente, a única coisa que faz é dar o direito de outra empresa de produzir, utilizando-se da mesma fórmula. O que se coloca diante dos monopólios – os monopólios controlam a economia mundial – é responder à estrutura monopolista da economia. Ressaltou-se o monopólio da vacina, porque estamos vivendo essa tragédia, mas existe monopólio em todos os ramos fundamentais da produção. Desde a indústria química, indústria automobilística, à agroindústria, bem como à indústria extrativista. Todo o sistema econômico é regido pela força dos monopólios. Então, a quebra da patente seria um emplastro, vamos dizer assim. Temos de defender a quebra da patente, mas sabendo que não atinge o monopólio. O que atinge os monopólios é a luta da classe operária por expropriá-los. Por estatizar os monopólios. Tem-se de sair às ruas pela quebra das patentes, mas não ter ilusão de que a quebra da patente rompe com o poder dos monopólios. Não rompe. É preciso entender isso.

***Toda contestação ao poder econômico é uma expressão da luta de classes, e a luta de classe é uma luta violenta. Por isso, para entender o problema, a questão da violência, não é uma questão de desejo, não é uma questão ser ou não ser humanizado. A violência é um choque de classes, e a história inteira, os historiadores sabem que não houve revolução que não tivesse a violência como parteira.***

Professora:

Vou fazer a pergunta da Mônica: quando falamos em movimentos sindicais, união dos trabalhadores, a questão da segurança também não precisa ser considerada? Hoje, nós temos organizações que atuam em parceria com a classe dominante, quando alguns grupos se levantam em favor das questões sociais, são severamente reprimidos. Quem está à frente desses movimentos e assassinatos? Como no caso da Marielle e tantos outros.

Erson:

Sim, é claro. Toda contestação ao poder econômico é uma expressão da luta de classes, e a luta de classe é uma luta violenta. Por isso, para entender o problema, a questão da violência, não é uma questão de desejo, não é uma questão ser ou não ser humanizado. A violência é um choque de classes, e a história inteira, os historiadores sabem que não houve revolução que não tivesse a violência como parteira. Agora, existe a violência que é praticada pela classe oprimida e a violência que é praticada pela classe opressora. A violência do proletariado é a de defesa da sua própria vida. Ao defender sua própria vida, tem de expropriar a burguesia, é quando a burguesia age com toda a violência para evitar o desenvolvimento da consciência política e da organização de classe. Chega-se ao ponto de se ter uma lei de segurança nacional da época da ditadura militar, que até hoje é aplicada. Bolsonaro a utiliza, para impedir liberdade de expressão, de dizer que o governo é genocida. Então, a tendência do capitalismo é sempre



intensificar a violência do Estado, por isso os Estados, as democracias, elas se tornam uma cortina para os Estados policiais, nós constatamos em escala mundial a existência de Estados policiais. Observem o agigantamento do parasitismo das forças policiais. O que se gasta em orçamento com polícias, no mundo inteiro, é impressionante. Bastaria uma fração dos recursos, que se gastam com o aparato repressivo, para melhorar a situação da Saúde e Educação. É preciso entender essas contradições, senão a gente se perde no emaranhado do imediatismo. Vamos ser reprimidos, se lutamos com determinação contra a exploração? Vamos, mas a luta de classes sempre foi e será tratada pela burguesia com a repressão. Nós estamos comemorando os 150 anos da Comuna de Paris. Um grande acontecimento da história, não só da França, mas mundial. Os levantes operários começaram em março, e sua derrocada em maio, portanto duraram apenas 72 dias. Foi um morticínio. Mulheres, crianças e velhos foram abatidos, ao lado dos comunardos. Violência típica de guerra civil, que expôs o poder da ditadura de classe da burguesia. Esse é um problema incontornável, enquanto imperar a luta de classes. Tem de ser enfrentado. E as direções políticas só podem se defender, se as massas estiverem com elas. Se estiverem à altura das massas, e se as massas, os explorados confiarem que aquela direção não vai trair. Então, os explorados saberão identificar quem são aqueles que estão à frente da luta, e estará em sua defesa.

Professora:

A última pergunta o senhor já respondeu. É assim: Os aparelhos ideológicos de Estado dificultam uma revolução da classe operária. Foi o que se passou com os metalúrgicos. O sistema jurídico, imprensa, os empresários, a polícia, todos estiveram contra os trabalhadores. O Estado usou todos os meios para sufocar os grevistas. Como superar o poder do Estado?

O senhor acabou de falar...

Ersen:

Estamos diante da questão do partido revolucionário. É preciso considerar que a história não anda só na via do progresso, ela também anda na via do regresso, da regressão. A derrocada das revoluções do século XX, principalmente a da Revolução Russa, cujas conquistas desmoronaram, com o processo de restauração capitalista – o mesmo vem se passando com a Revolução Chinesa –, implicou em destruição de uma organização que vinha avançando. A organização da classe operária foi extraordinária, desde meados do século XIX, até a primeira metade do século XX. Da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacio-

nal), da época de Marx, passou-se à Segunda Internacional, sem que a revolução triunfasse. Já a Terceira Internacional, em grande medida, foi obra da Revolução Russa.

A Revolução Russa possibilitou a criação de partidos comunistas no mundo inteiro. A tal ponto, por exemplo, que os anarquistas, no Brasil, se transformaram em comunistas. É um fenômeno na história que mostra a força da revolução, que faz com que se materialize a força das ideias. Como a força das ideias está impregnada da revolução, no processo histórico de regressão, a burguesia aproveita para impor o retrocesso ideológico no seio do proletariado e dos demais trabalhadores. Estamos pagando por uma profunda regressão. Foram destruídos ou deformados os partidos que estiveram sob a III Internacional, no mundo inteiro. A estalinização da União Soviética foi decisiva para a burguesia mundial impor os retrocessos. No lugar dos partidos revolucionários, se restabeleceram os velhos partidos de colaboração de classes, os partidos que

ainda apregoam a reforma do capitalismo, querem que os operários, nos sindicatos, acreditem que o capitalismo é reformável, que acreditem no parlamento, que acreditem nas soluções do Congresso Nacional. A classe operária mundial está diante de uma crise de direção, nas condições em que o capitalismo afunda em sua crise estrutural. Estamos pagando caro. Com que moeda? Com a barbárie, que acabei de expor. Essa é uma contradição da história, que tem de ser resolvida. As conquistas da classe operária, das revoluções, certamente vão sendo recuperadas, vão ser recuperadas. Temos grandes movimentos no mundo, isso vai forjando novas direções. E, às vezes, são imperceptíveis aos nossos olhos

imediatamente. Quem imaginava que o Chile, que passou pelo Pinochet, a ditadura mais sangrenta que já teve na América Latina, tivesse aquele movimento de mais de mês, com as massas nas ruas. Quem imaginava que nos EUA, um país centralizado por um Estado policial fantástico, está emergindo um movimento, que indica que já não se está mais suportando o racismo, que já estão fazendo os enfrentamentos. Em toda parte, a classe operária está procurando solucionar esse problema, mas ela se manifesta por meio de seus instintos de revolta. E temos de retomar as teses, os princípios do marxismo, e assim por diante. Essa é a tarefa. Não temos de nos desesperar, nem fazer aventuras, temos de trabalhar pacientemente, no curso da história. É isso que temos de fazer. Esse período de pandemia tem trazido lições de extraordinário valor para avançar na tarefa de superar a crise de direção.

Deixo meus agradecimentos aos organizadores e aos participantes da Semana de História da Unicid.

**A classe operária mundial está diante de uma crise de direção, nas condições em que o capitalismo afunda em sua crise estrutural. Estamos pagando caro. Com que moeda? Com a barbárie, que acabei de expor. Essa é uma contradição da história, que tem de ser resolvida. As conquistas da classe operária, das revoluções, certamente não sendo recuperadas, não ser recuperadas.**



Entrevista ao Canal Mesa de Debates

# Juventude diante da desintegração do capitalismo

10 de maio de 2021 | Assistir vídeo: [https://www.youtube.com/watch?v=2Hulx\\_6or28](https://www.youtube.com/watch?v=2Hulx_6or28)

*Ghilherme: Tempos difíceis, esses em que nós estamos vivendo. Como que a juventude pode intervir nessa realidade?*

Antes de dar uma resposta propriamente a essa pergunta, é importante apresentar alguns dados, para que tenhamos uma real dimensão do atual quadro em que se encontra a juventude. Nesse sentido, a taxa de desemprego no Brasil, segundo o próprio IBGE, já é quase de 14,5%. Porém, dentre a juventude, já chega a 30%. Então, um terço dos jovens no mercado de trabalho se vê desempregado e, dentre os que trabalham, parte é em regime de subemprego ou trabalho informal. Somado a isso, a juventude, embora em menor grau, também é atingida pela Pandemia. Recentemente, nós estávamos vendo um aumen-

to de dez ou onze vezes do número de casos e mortes de pessoas entre 20 a 29 anos. Há também uma brutal repressão que é direcionada à juventude, mais de 50% das mais de 60 mil mortes violentas anuais correspondem a jovens, particularmente negros. Por fim, o ano passado terminou com uma evasão do ensino, segundo o Datafolha, superior a 8%, com mais de 4 milhões de estudantes, em nível superior e básico, abandonando o estudo. Então, a juventude se vê afastada do ensino, sem emprego e imersa à miséria, à violência e à barbárie de um estado policial, não havendo uma perspectiva clara de futuro. Nesse cenário, respondendo à pergunta, é preciso, antes de tudo, sair do isolamento, carregando as lutas e reivindicações proletárias, comuns a toda a classe operária e aos demais explorados, como emprego; um salário que corresponda às necessidades elementares de um trabalhador; no caso da Pandemia, um plano emergencial para responder a essa crise, que envolva controle, por parte do SUS, de toda a rede privada de saúde, e a vacinação universal; e, no âmbito do ensino, fazer a defesa da oposição de princípio ao EaD, e de um ensino universal, público, científico, laico, que esteja vinculado à produção social, garantindo que o jovem tenha condição de trabalhar e estudar. Para que essas reivindicações sejam atendidas, é preciso ter em mente que elas não vão partir da via parlamentar, não vão partir de nenhum governo eleito, porque esse processo de decomposição do ensino, aumento do desemprego, da violência, vem, no caso do Brasil, se potenciando, desde 2014, quando a crise mundial de 2008 passa a atingir mais diretamente o país. Desde então, todos os governos vêm numa onda crescente de ampliação de vários ataques, flexibilizando leis trabalhistas, reduzindo o orçamento da educação, etc. Então a resposta aos ataques vai vir das massas, organizadas por meio de seus métodos próprios – as assembleias populares, os comitês de fábrica, as assembleias

nas universidades – e com seus meios de luta próprios, que são a ação direta na rua, as ocupações, as greves, tendo em mente o objetivo estratégico de superação do capitalismo, por meio da constituição de um estado operário, da ditadura do proletariado, que é não mais do que um governo operário e camponês, um governo da maioria oprimida, imposto sobre a minoria opressora.

*Você falou da situação que a juventude se encontra, que é uma situação bastante complicada, podemos dizer então que os jovens de hoje serão os operários de amanhã, ou que ainda já se tornaram os operários de amanhã?*

***E a juventude, embora não tenha essa experiência de lutas, não passou por esse quadro de derrotas. Então ela é mais suscetível a sair às ruas, a romper com esse imobilismo. E, na medida que ela rompe, tem a condição de atrair aqueles que se veem anteriormente desiludidos com a ação direta.***

Na verdade, a juventude já compõe parte da classe operária e da classe média também oprimida. E a verdade é que, hoje, falando ainda no campo do desemprego, nós estamos vendo um fechamento de fábricas por todo o país. Teve a Ford, que fechou em todo o Brasil; a Sony, que fechou em Manaus; agora, nós estamos vendo o fechamento da LG e da 3C, da Suntech, da BlueTech – que são as fábricas vinculadas à LG – e grande parte dos demitidos são jovens. E esse processo de desindustrialização, de demissões,

atinge duplamente a juventude, porque, na medida em que se amplia o número de desempregados, as poucas vagas remanescentes vão ser direcionadas para quem tem experiência.

*Acho muito interessante isso que você coloca, pois, estamos tratando de jovens. Jovens que muitas vezes não passaram por experiências de derrota na luta de classes, como nossos pais, nossos avós passaram, traições como, por exemplo, que o PT fez. Você concorda comigo? É mais fácil dialogar com esse setor?*

O próprio Trotsky cita, num dos pontos do Programa de Transição – que é a base constitutiva da Quarta Internacional – que é preciso atentar para o papel da juventude, no contexto de auxiliar a classe operária para a revolução, porque a classe operária, os mais velhos, passaram por inúmeras derrotas. No caso particular do Brasil, nós tivemos toda uma onda de greves massivas, nos anos 1980. Em parte, os mais velhos, nesse contexto, têm uma experiência de luta. Porém, as derrotas e traições que foram conduzidas pelo PT acabaram colocando um quadro de desilusão por parte das gerações mais velhas. Em certa medida, até se ampliaram as ilusões democráticas, afastando os mais velhos do caminho da luta, da ação direta nas ruas. E a juventude, embora não tenha essa experiência de lutas, não passou por esse quadro de derrotas. Então ela é

mais suscetível a sair às ruas, a romper com esse imobilismo. E, na medida que ela rompe, tem a condição de atrair aqueles que se veem anteriormente desiludidos com a ação direta. Mas, é preciso colocar que o movimento da juventude, o movimento estudantil, também passa hoje por uma crise profunda de direção, tanto que a UNE, desde o início da Pandemia, não fez praticamente nada para lutar, por exemplo, contra o ensino a distância, contra o avanço do desemprego. Inclusive, eles chegaram ao ponto de, em março do ano passado, fechar suas sedes. No campo prático, concreto, da luta de classes, eles abandonaram a luta. Então, existe sim esse potencial da juventude de se lançar nas lutas por não ter tido essa experiência de traições, de derrotas, mas, ao mesmo tempo, a juventude está também submetida a uma crise de direção.

*Muitos jovens são impactados pela situação política que nós estamos vivendo, principalmente pela questão da Lava-Jato e a prisão arbitrária do Lula. Muitos jovens enxergam o Lula, não como o traidor conciliador de classes, mas como o perseguido pela Lava-Jato. Como é que a gente lida com isso?*

De fato, a prisão do Lula foi uma prisão política e ela foi precedida pelo impeachment, que foi um golpe de estado – cabendo deixar claro que todo impeachment é um golpe de estado na medida em que, pelas instituições da burguesia, passa por cima de uma eleição. O POR se opôs à prisão do Lula. Mas, ocorre que o PT foi removido do poder por meio de golpe e impedido de continuar – com a prisão do Lula, impedindo que ele se candidatasse nas eleições de 2018 – porque hoje nós vivenciamos um período de aprofundamento da crise, que começa em 2014 e 2015, ainda no governo petista. O governo do PT, como qualquer outro governo que tem conteúdo burguês, acabou por tentar seguir com uma política de ataques às massas, de descarregar o peso da crise sobre as massas. Então, nós vemos que a Dilma criou, por exemplo, a lei antiterrorismo, fez uma “minirreforma” da Previdência na época – que criava um sistema de pontos para se aposentar – e foi nesse governo que se iniciaram os cortes na Educação. Porém, esses ataques não estavam à altura do que estava sendo exigido pela burguesia. A crise foi tão profunda que a necessidade de realizar ataques que rebaixassem o valor da força de trabalho, que flexibilizassem as leis trabalhistas, que viessem a dismantelar ainda mais a Educação e Saúde públicas, dentre outras coisas, foi tão profunda, que se fez necessário remover o governo do PT, não porque estava contra isso, mas porque não estava dando uma resposta à altura do que a burguesia estava exigindo. Veio então o governo Temer, que fez a reforma trabalhista. Hoje, tem o governo Bolsonaro, com um conteúdo já mais abertamente militarista, fascizante e autoritário, que impôs a reforma da Previdência, e agora, durante a Pandemia, impôs a MP 936, que legitima a redução salarial e suspensão de contratos de trabalho. Então, é preciso entender que esse processo que aconteceu com o PT foi um processo político, e nós temos de nos colocar contra, mas nós não podemos alimentar ilusões de que o PT tem condição de apresentar alguma perspectiva para as massas, em geral. No caso da reforma da Previdência, cabe lembrar que o PT se colocou formalmente contra, mas, na prática, no parlamento, não atuaram para acabar com a reforma,

eles propuseram emendas à reforma. E, depois de aprovada a reforma, os governos estaduais que são comandados pelo PT impuseram também a reforma da Previdência em nível estadual, assumindo que era para se adequar à reforma em nível federal. Então, não se pode ter nenhuma ilusão nesse âmbito.

*Foi dito uma coisa bem interessante, em relação a crise de direção na juventude. Essa crise se limita ao PCdoB, que é direção majoritária da UNE, ou se limita também às outras oposições da UNE, a dita oposição de esquerda?*

Essa crise de direção se estende para as outras organizações que se reivindicam dos explorados, da juventude e do movimento estudantil. Apesar de o PCdoB, e junto o PT, estarem à frente das principais direções estudantis, na prática, a política que o PSOL, o PCB, a UP pregaram para o movimento estudantil, ao longo do ano passado, não foi diferente. Essas correntes fizeram a defesa aberta da mesma política da UNE, de imobilismo. Cabe colocar que a UNE, em junho do ano passado, publicou uma resolução que apresentava condições para se estabelecer o ensino a distância que, como já dito, resultou na evasão de mais de 4 milhões de pessoas do ensino. Todas as correntes políticas, ou não denunciaram isso, ou elas fizeram uma crítica formal, mas, ao mesmo tempo, nas universidades em que dirigem o DCE e centros acadêmicos, apresentaram a mesma política, apresentaram formas de “viabilizar” o ensino a distância. E, não só ao longo da crise, a política dessas direções, de imobilismo e convivência com a aplicação do EAD e a decomposição da Educação, foi a mesma no campo prático, mas, antes disso, já havia uma convergência em vários pontos. Perde-se a conta do número de vezes, em assembleia do movimento estudantil, para discutir a organização de um ato massivo – como, por exemplo, o do 30 de maio de 2019, às vésperas da reforma da Previdência – em que se vê o POR propor a simples inclusão da bandeira da luta contra a reforma da Previdência, em defesa de empregos, de salários, e todas as principais organizações – PT, PCdoB, PSOL, PCB – se posicionarem contra, ou com um discurso de que isso seria uma pauta que foge ao movimento estudantil – como se supostamente existisse uma distinção entre pautas envolvendo emprego, Educação e a juventude – ou, simplesmente, sendo sumariamente contra, sem apresentar uma resposta. Então, na prática, essa disputa que existe é uma simples disputa por aparato. Não é uma disputa que realmente está baseada em um programa de luta, que vise a vincular a juventude à classe operária, apresentar uma saída para a decomposição do ensino, para o desemprego, uma saída revolucionária.

*Com esse período de Pandemia, existe toda uma luta para que o ensino presencial volte só depois que tenha uma ampla taxa de vacinação. Como o POR se posiciona em relação a isso?*

Já deixando bem claro, hoje não existe nenhuma posição que se coloque contra o processo de decomposição do ensino que não faça oposição de princípio do EAD. Hoje, estamos em uma fase em que já não existe mais capacidade de o capitalismo ampliar suas forças produtivas, havendo, no máximo, transferência de indústria de um país para outro. Uma vez que



não é possível que a burguesia lucre com a ampliação da produção, ela busca lucrar com o rebaixamento do valor da força de trabalho – onde se inserem as reformas trabalhista e da Previdência, por exemplo – ou por meio do parasitismo em todos os setores outrora considerados públicos, como Educação e Saúde. No caso da Educação, em particular, vemos um crescimento cada vez maior dos monopólios da educação – sendo a Cogna, antiga Kroton, o principal. Esses monopólios tomam o EaD como principal forma de ensino, que não é nada mais do que uma distorção da Educação, visando a transformá-la em uma mercadoria, que só tende a afastar ainda mais a teoria da prática; o ensino, da produção social. Então, ser hoje conivente com o EaD é ser conivente com esse processo de decomposição do ensino e avanço dos monopólios da Educação. No campo prático da Pandemia, o POR defendeu, desde o início, a suspensão das aulas a distância, e que as direções estudantis convocassem as assembleias presenciais pra organizar a luta contra esse processo.

*E o que vocês propõem como alternativa às aulas a distância?*

Desde o início da Pandemia, tínhamos de nos ter direcionado à luta por um programa emergencial, para responder à crise, que envolvesse as reivindicações fundamentais por emprego, salário, vacinação, etc. O essencial foi defender a organização presencial dos estudantes, constituindo as assembleias, para que os próprios estudantes dessem uma resposta para a crise da Educação. Mas, o que ocorreu não foi uma resposta vinda de uma organização própria do movimento estudantil. O que aconteceu foi que o governo impôs a política burguesa de isolamento social, e as direções estudantis acataram unilateralmente a essa política. Apesar de algumas terem posicionado-se inicialmente contra, elas acabaram depois publicando documentos que apresentavam meios de aplicar o EaD “atenuando seus impactos”.

*Existe, por exemplo, a luta dos professores contra o retorno inseguro nas escolas. O POR tem dito, sobre a política de isolamento social “burguesa”, mas, ao mesmo tempo, não dá para criticar o professor que não quer colocar sua vida e dos alunos em risco por causa da Pandemia. O que o POR tem a oferecer para esses professores?*

Antes de tudo, é bom deixar claro que o isolamento social tem a sua fundamentação científica. O que o POR apontou, desde o início da Pandemia, é que essa política não era aplicável nos marcos do capitalismo. A prática demonstrou que parte dos explorados foi forçada a continuar trabalhando e, aqueles que ficaram em casa, por terem sido demitidos ou impedidos de trabalhar, se viram diante de um auxílio insuficiente, que mal paga um aluguel. Então, basicamente alguns se expunham ao risco de contaminação, e outros morriam de fome. Foi contra essa política que o POR lutou. Essa política acabou sendo utilizada com o propósito de assumir uma posição imobilista por parte das direções. Em relação aos professores, a categoria defende que não há condição de retornar às aulas presenciais, pois, isso vai acarretar em contaminação. O POR não se opõe a essa posição. O principal problema não é a reivindicação, mas como reivindicar. Ocorre que o movimento de professores,

para exigir essa reivindicação, decidiu fazer o que chamaram de “greve sanitária”, que é uma total distorção da greve no âmbito da luta de classes, que consiste nos trabalhadores ativamente ocupando seu espaço de trabalho e as ruas. E essa “greve” defendeu a manutenção das aulas a distância. Por conta do que já foi dito aqui, não é possível fazer a defesa da manutenção do EAD. Também houve uma posição corporativista, de colocar os professores no grupo prioritário para vacinação. O POR entende a exposição dos professores ao risco, mas também entende que, nesse momento, devemos buscar reivindicações que unifiquem a classe operária e demais explorados, em torno de um plano emergencial comum, para responder a essa crise. Os professores, assim como qualquer outro setor, só vão encontrar uma saída para essa crise, se estiverem organizados por meio de métodos proletários, o implica a ação na rua, uma greve que não seja passiva, mas sim uma greve ativa, que ocupe os locais de trabalho, e que faça defesa ativa de um dia nacional de luta, que vise a um plano emergencial dos explorados para responder à crise.

---

***Desde o início da Pandemia, tínhamos de nos ter direcionado à luta por um programa emergencial, para responder à crise, que envolvesse as reivindicações fundamentais por emprego, salário, vacinação, etc. O essencial foi defender a organização presencial dos estudantes, constituindo as assembleias, para que os próprios estudantes dessem uma resposta para a crise da Educação. Mas, o que ocorreu não foi uma resposta vinda de uma organização própria do movimento estudantil.***

---

O POR diz que o isolamento não se dá nos marcos do capitalismo. Mas, ao mesmo tempo, não defender o isolamento não seria uma contradição? Pois estamos falando de uma política que se choca com o capital.

Realmente, não é possível o capitalismo aplicar essa política de isolamento. O que foi constituído é uma quarentena de classe. Quem tem condição de ficar em casa, na prática, é a burguesia e alguns setores da classe média, enquanto outros continuaram saindo e se expondo ao risco, ou ficaram em casa recebendo um auxílio insuficiente. Segundo o DIEESE, um salário mínimo vital a uma família hoje é superior a 5 mil reais, e não 600 reais. O problema é: como vamos lutar para impor à burguesia e seus governos uma política que permita que todos os trabalhadores fiquem em casa e recebam de fato um auxílio que corresponda às suas necessidades mais elementares? A resposta que as direções deram para esse problema, e que acabou se efetivando, foi a de acatar a visão distorcida da política de isolamento social, o que implicou em assumir uma posição imobilista, de fechar as sedes das organizações sindicais, estudantis e populares, defender que todos ficassem em casa, e que deveriam confiar na frente parlamentar. Inclusive, a própria Frente Povo Sem Medo, dirigida pelo PSOL, e a

Frente Brasil Popular, que também envolve o PT, cancelaram as manifestações previstas para março do ano passado, dizendo abertamente que era o momento de confiar nos governadores, e esperar que o congresso e STF adiassem sua política de ataques. O resultado dessa política foi o de mais de 400 mil mortos, milhões de desempregados, com mais de 10 ou 15 milhões de contratos de trabalho atingidos pela MP 936, além da evasão do ensino. Então, essa política imobilista de atuar pela via parlamentar não deu certo. Nesse momento, os explorados estão sujeitos ao risco de contaminação e boa parte dos que não conseguiram seguir trabalhando tiveram seus salários reduzidos, ou ficaram diante de um auxílio de miséria. Se os explorados já estão morrendo por Covid, morrendo de fome, ou vendo sua condição de vida se deteriorar brutalmente, ou eles saem às ruas e lutam, e impõem ao governo uma saída, de fato, para a crise, ou continuarão perecendo. Então, a posição do POR de romper com o imobilismo foi nesse sentido. E o problema é que a política de isolamento social, que tem fundamentação científica, foi usada como pretexto para não chamar as massas à luta.

*Então, se não fosse pela política de isolamento social, teríamos grandes mobilizações?*

Essa política burguesa de isolamento social potenciou o imobilismo, sim. Se não tivéssemos essa política, possivelmente haveria condições para que houvesse um acirramento da luta de classes. Em 2019, nós víamos já uma tendência de levantes no Chile, França, Índia, no mundo todo. É claro que, no ano passado, nós vimos levantes em vários países; nos EUA, houve movimento, e o Brasil chegou a ter movimentações, junto a outras partes do mundo. Mas qual foi a posição política das direções nessas mobilizações? Quando as mobilizações aconteceram, elas atuaram para se assumir enquanto direção, mas, uma vez tendo a explosão do movimento, se omitiram da convocação, se omitiram quando era o momento de fazer a defesa da continuidade desses dias de luta. Então, sem essa política burguesa de isolamento social, possivelmente haveria uma onda maior de levantes, movimentos e atos de rua, pois, as próprias direções acabaram se submetendo a essa política, e capitulando.

*Mas como explicaríamos a greve da Ford e a greve da LG, dentro desse marco? Pois, houve o isolamento, mas a greve aconteceu.*

A política de isolamento é uma política de contenção da luta de classes. Porém, é uma lei histórica do capitalismo, na medida em que ele se decompõe, o acirramento da luta de classes. E, por mais eficaz que seja qualquer política da burguesia, das direções, de conter a luta, em algum momento, as necessidades materiais dos explorados falam tão mais alto, que eles não têm alternativa, senão espontaneamente reagir. No caso da Ford, nós estamos falando de trabalhadores que estavam na iminência de perder o emprego, e perderam. O que temos de considerar é qual foi a resposta que as direções deram para esse movimento. Na Ford, o sindicato atuou, na prática, desde o início, pela indenização. Não atuou em defesa da ocupação de fábrica. Dado que a fábrica vai fechar, a única forma de de-

fender o emprego é ocupar aquele espaço, e exigir o controle operário da produção e a estatização, sem indenização. E isso poderia ser feito, constituindo um dia nacional de luta, organizado pelas centrais, que envolvesse toda a classe operária e os demais explorados, para responder a essa crise, mas não foi o que ocorreu. Na Ford, houve uma pequena disposição dos operários para reagir, mas a direção não fez ocupação, fez uma vigília. No caso da LG, teve uma greve, mas, no momento em que vai fechar uma fábrica, pouco interessa para a burguesia se os trabalhadores estão em greve, o que deveria ser feito é ocupar. E a direção da Conlutas – que, diante do caso da Ford, em que não eram direção, defendeu a ocupação e estatização sem indenização – no caso das fornecedoras da LG, levantou essa bandeira vez ou outra, mas, no fim, declararam que a indenização foi uma vitória. Então, não houve uma busca por potencializar esse movimento. O movimento aconteceu porque o ataque foi tal que, nem a política de isolamento foi capaz de conter o movimento, mas, o que é importante é tirar a lição de que as direções atuaram ao máximo para limitar esse movimento, e não para impulsioná-lo nacionalmente.

*Qual é a importância da juventude com a classe trabalhadora e como contrapor isso aos movimentos identitários que não enxergam a centralidade da classe trabalhadora?*

Antes de tudo, é preciso retomar que a juventude é parte da classe operária e da classe média. O problema é que a juventude hoje se vê submetida a direções que têm um caráter corporativista. Como já dito, surgem problemas em simples tentativas de incluir, no movimento estudantil, pautas que envolvam emprego, salário, luta contra a reforma da Previdência, que são pautas que vão não só diretamente ao interesse da juventude – que hoje tem uma taxa de desemprego de mais de 30% – como também ao interesse da classe operária e de todos os trabalhadores. As direções têm uma posição corporativista – de fazer uma separação aparente, entre o que é pauta de estudante, e o que é pauta de trabalhador, algo que não existe – e uma política de atuar no campo da democracia burguesa, por meio de parlamentares, encaminhando abaixo-assinados ao congresso, o que, na prática, foi o que a UNE fez, ao longo da Pandemia. Esses movimentos têm um caráter de dividir a classe. A classe é unificada carregando reivindicações que são comuns a todos.

*Os movimentos contra as opressões, negra, de mulheres, lgbt, são muito fortes entre a juventude. Como dialogar com essas questões?*

Toda opressão – aos negros, mulheres, homossexuais e, no caso particular do Brasil e dos países da América, a opressão aos indígenas – são manifestações de opressão de classe, e não terão fim na sociedade de classes. Ocorre que os movimentos feminista, negro e lgbt sustentam que essas opressões têm caráter cultural, podendo ser respondidas pela implementação de leis ou reformas na Educação. Todas essas respostas acabam por assumir que o estado burguês vai dar a solução para essas opressões. Na prática, isso se mostrou inaplicável. O Brasil é um dos países no mundo que mais possui leis contra a violência à mulher e, ainda assim, é um dos países do mundo

que mais tem registros de violência à mulher. Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos carregando, no campo formal, várias pautas que envolviam o movimento negro, e, na prática, os Estados Unidos, antes, durante e depois de seu governo, continuaram tendo uma polícia extremamente repressiva sobre os negros, e uma taxa de desemprego brutal dentre os negros, dentre outras coisas. Então, a experiência prática mostra que não virá nenhum fim das opressões que passe pelo papel do estado burguês, a resposta só virá por meio de um estado operário. Para isso, é possível fazer a defesa da unidade da classe operária e dos demais explorados em torno de um programa de reivindicações comuns, que tenha como objetivo estratégico a revolução e a ditadura proletária. A experiência histórica mostra que essa é a via para superar as opressões, na medida em que a União Soviética, por exemplo, antes da degeneração causada pelo estalinismo, legalizou o casamento homossexual e foi o primeiro país a garantir o sufrágio feminino, e uma autonomia jamais vista para a mulher.

*A formação é essencial para qualquer pessoa que reivindique ser militante. Mas, ao mesmo tempo, os jovens vêm buscando outras formas de se formar ao invés de pegar um livro e ler – como tiktok ou memes de páginas de internet. Há muita coisa boa, mas também há muita porcaria. Como lidar com essa questão da formação?*

Em relação a internet, ela é um importante meio de comunicação, e deve servir como um mecanismo auxiliar na difusão de ideias e propaganda revolucionária, mas nunca se constituir como meio principal, nunca substituir os organismos próprios da classe operária e o próprio veículo de imprensa dos partidos que se reivindicam do movimento revolucionário, como a mídia impressa. Mas, podemos voltar esse ponto depois. Em relação à questão da formação, hoje, a juventude passa cada vez mais afastada de um real estudo. Mesmo aqueles que são militantes do movimento, eles não estudam a teoria, e buscam se resumir a vídeos de 3 ou 5 minutos, buscam se resumir a “memes de internet”, etc. Resumidamente, isso é uma manifestação da própria decomposição do capitalismo. O capitalismo se decompõe em âmbito econômico, social e ideológico. Na medida em que não é mais possível desenvolver significativamente a indústria e as forças produtivas, não se tem capacidade de se desenvolver a ciência, não se tem necessidade de desenvolver a Educação – que, como já colocado, se resume a uma simples mercadoria, afastada da prática e da produção social. O resultado vai ser cada vez mais a constituição de uma juventude que não tem mais essa preocupação com a formação, mesmo dentre a militância. Isso é uma expressão da própria decomposição do capitalismo, e não vai poder ser resolvida sem a superação do capitalismo. Voltando em relação à internet, esse é, como dito, um mecanismo auxiliar, e nunca vai poder superar a mídia impressa e

outros meios históricos, porque a internet é propriedade da burguesia. A burguesia determina aquilo que vai ter mais ou menos visualização, com os algoritmos que ela mesma desenvolve e, quando necessário, ela pode recorrer até mesmo ao caso de censurar ou limitar algum conteúdo. Então, só vai ser possível delimitar se existe um papel progressivo para internet ou não na formação quando ela for apropriada pela classe operária. Resumindo, esse problema de afastamento da juventude do estudo é parte da decomposição do capitalismo e da política das próprias direções – que, na medida em que não exercem uma prática revolucionária, vão se afastar cada vez mais do estudo e da teoria revolucionária – e por que esses meios auxiliares que a juventude usa e toma como principais acabam sendo apropriados pela burguesia.

*Têm várias organizações que têm boas iniciativas na internet, tanto na questão de diários quanto neste próprio canal, que está na internet, mas não a serviço da burguesia. O POR acredita mesmo que a internet não deveria cumprir este papel de ser usada pela esquerda?*

Como foi dito, a internet pode sim ser um meio auxiliar. Inclusive, POR possui seu site e sua página no Facebook, e atua nos meios virtuais. Mas, essa intervenção é limitada, pois, quem de fato é dono dos servidores, das plataformas como YouTube ou Facebook, é a burguesia. Essas plataformas funcionam de acordo com uma série de algoritmos que são feitos de acordo com os interesses da burguesia. Os conteúdos que ela acha que podem melhor ser di-

fundidos ela vai difundir, e aqueles que não achar, não serão difundidos. Não temos nenhum exemplo de canal de esquerda que defenda uma política abertamente revolucionária – que faça a defesa de que o proletariado se lance às ruas junto com as massas e tome o poder – que tenha uma elevada taxa de visualizações, nem no Brasil, nem no mundo. Pois, isso não é algo interessante para a burguesia, que seja difundido. Então, a internet é um meio auxiliar, pois, permite fazer contato com um número grande de pessoas, e não pode ser ignorada. Porém, ao mesmo tempo, é preciso conceber que ela tem suas limitações, e que ela não pode substituir os meios tradicionais de mídia impressa, por exemplo, e não podemos jamais limitar a luta ao campo virtual, que é o que várias organizações fazem hoje. Algumas organizações, basicamente, se encerraram no meio virtual, e o MRT é um grande exemplo, eles abandonaram suas publicações regulares impressas, e basicamente só fazem a crítica pela via virtual. E cadê a luta, a ação nas ruas?

*O Esquerda Diário conseguiu um alcance muito considerável e vários contatos no Brasil inteiro. Não se pode dizer que o MRT fez um abandono da mídia impressa. Ele entrega material, mas a internet é um instrumento que dialoga com milhares de pessoas.*



Eles podem até ter uma abrangência grande. Mas, essa abrangência não é convertida em luta prática. Por exemplo, se tivessem essa grande abrangência, e de fato uma disposição de exercer uma política revolucionária, por que não convocaram o 1º de maio presencial? Por que não lançaram uma campanha pela convocação de um dia nacional de luta, com os explorados nas ruas?

***(...) só podemos construir quadros revolucionários por meio da prática. A prática determina a consciência. Não adianta se encerrar em um quarto e estudar toda a teoria e achar que vai sair de lá como um quadro. Não que a teoria não seja importante, o estudo sem prática acaba não tendo utilidade, e o estudo direciona a ação prática. Mas a prática é o que vai determinar a formação da consciência de classe.***

*Por que o MRT, assim como o POR, não tem perna?*

O POR é um partido embrionário, tem limitações. Porém, o POR lançou uma carta aberta, convocando as centrais sindicais, e depois lançou outra carta, convocando as organizações a fazerem um ato do 1º de maio presencial e, mesmo sendo um partido embrionário, conseguiu convocar atos presenciais em São Paulo, na Sé – um ato que reuniu outras organizações, como a FOB e a LOI, e o PCO esteve presente, embora não parte da frente, tendo o convocado o ato de forma separada – em Fortaleza e em Pernambuco. O POR realmente agiu de forma limitada. Mas, se o MRT se tivesse colocado para convocar o ato, se tivesse respondido ao chamado do POR, ou se as outras organizações que atuam hoje pela via digital tivessem respondido, talvez tivesse sido diferente. Talvez tivéssemos constituído um dia nacional de luta nas ruas, neste 1º de maio. Uma vez que não houve essa convocação, infelizmente, o 1º de maio, que é um dia histórico da classe operária, foi um dia em que a burguesia e a classe média fascizante tomou as ruas, como foi o caso da Paulista, como foi o caso de outras cidades e estados. Então, a internet é importante, e inclusive o POR usou a internet para divulgar sua carta, divulgou suas publicações pela internet, foi atrás de organizações pela internet. Porém, usou a internet como um meio auxiliar à luta presencial nas ruas.

*Muitos analistas falam de prejuízo intelectual e prejuízo emocional para a atual geração neste e nos próximos anos. Como é que a esquerda deve responder a isso?*

O prejuízo intelectual é resultado da decomposição do capitalismo. Historicamente, toda a ciência moderna foi constituída pela própria burguesia, enquanto ela se consolidava como classe revolucionária que visava a se opor às relações de produção feudais, à nobreza e à igreja católica, em uma situação em que essas relações de produção feudais estavam em decomposição. Nós vimos o desenvolvimento de toda

## **Juventude diante da desintegração do capitalismo**

a ciência moderna, junto com o desenvolvimento de toda a grande indústria – como a consolidação da física, da termodinâmica, do eletromagnetismo, etc. Porém, esse desenvolvimento intelectual chega a um limite, quando as relações de produção entram em conflito com as forças produtivas. No século XX, nós tivemos algum desenvolvimento da ciência, mas não foi voltado para as massas. Hoje, em uma escola, em uma aula de física, vai ser ensinada a física de 300 anos atrás, que é a física newtoniana, quando nós sabemos que a física newtoniana já foi superada pela física proposta por Einstein, por exemplo. Então, esse desenvolvimento intelectual ficou 100 anos paralisado, por que, uma vez que está limitado o desenvolvimento das forças produtivas, não é interessante aplicar isso na Educação e na produção, só é interessante aplicar, por exemplo, na corrida bélica, que é onde há um desenvolvimento expressivo. E, mesmo que hoje tenha televisão, smartphone, etc., ainda assim essas tecnologias ainda são limitadas em relação ao que se poderia de fato ter hoje. E, junto com o entrave do desenvolvimento intelectual, há o negacionismo, que é uma consequência ideológica disso. Apesar de toda a ciência, de toda a tecnologia e da própria internet – que seria o principal meio de difundir informação hoje – ela é utilizada como o principal meio para difundir teorias obscurantistas e que negam a ciência. Em relação à questão da saúde mental, é simples: as pessoas são movidas por necessidades materiais, tanto em nível físico, quanto psicológico. Se essas necessidades são atendidas, você se sente bem, se elas não são atendidas, você se sente mal. Hoje, no capitalismo, em uma situação em que se tem avanço do desemprego, avanço da morte, por meio da Pandemia, e uma série de fatores que acabam por ampliar a barbárie, e degenerar ainda mais as condições de vida, inevitavelmente haverá uma deterioração da saúde mental, em nível geral. A resposta para isso é lutar contra a causa desse problema, e a causa é o capitalismo. Então, não existe saída para isso, que não a luta contra o capitalismo.

*Essa discussão da saúde mental é usada de forma oportunista por alguns setores da esquerda. Por exemplo, o atual presidente da UNE, Iago Montavão, fez um post no qual diz que o governo acaba com sua saúde mental. Imagine o que um estudante de base vai pensar sobre isso. O que pode ser comentado em relação a isso, dessa discussão que é usada de forma oportunista por alguns setores da esquerda?*

Esse post é muito irônico, pois, Iago é o presidente da UNE. Então, ele deve ser minimamente conivente com a maior parte da política que essa organização estudantil conduz. E o que a UNE vem conduzindo, tendo ele enquanto presidente? A UNE defendeu o imobilismo, durante a Pandemia, defendeu, como já dito, o recuo à via parlamentar, e chegou a integrar a “frente ampla” com a burguesia, no ano passado. Sua principal política, no início do ano passado, não era nem o “Fora Bolsonaro”, era o “Fora Weintraub”, como se a saída do ministro da Educação fosse resolver algum problema, e a UNE colocou que a saída do ministro foi uma vitória dos estudantes, sendo que continuou a mesma coisa. Então, é irônico isso, pois, a direção da UNE, que tem como presidente o Iago, é, em parte, responsável por esse quadro de derrotas que hoje atinge o movimento

estudantil, a juventude e os explorados de modo geral. Então, realmente, como foi dito, é oportunista ele dizer isso, e chega a ser hipócrita ele fazer esse tipo de posicionamento, sem nenhuma autocrítica.

*Por um lado, a esquerda precisa renovar os seus quadros. Mas ao mesmo tempo essa nova geração pode muito aprender com as gerações anteriores, que têm muito a ensinar. Como fazer esse processo de renovação dos quadros da esquerda?*

Antes de tudo, só podemos construir quadros revolucionários por meio da prática. A prática determina a consciência. Não adianta se encerrar em um quarto e estudar toda a teoria e achar que vai sair de lá como um quadro. Não que a teoria não seja importante, o estudo sem prática acaba não tendo utilidade, e o estudo direciona a ação prática. Mas a prática é o que vai determinar a formação da consciência de classe. Então, temos de vincular a prática ao estudo. E estão colocadas as condições objetivas para impulsionar a luta de classes, hoje, com todos esses problemas que envolvem a decomposição da juventude que comentamos aqui – decomposição da Educação, desemprego, etc.. Mas, ocorre que essas condições objetivas não estão acompanhadas do desenvolvimento das condições subjetivas, que seria a consciência de classe dentro as massas, as massas agindo no sentido de conduzir a revolução. A causa disso é que nós passamos pela crise de direção, e essa crise vai ser expressa por direções do movimento da classe operária, dos explorados e estudantes, que acabam por abandonar essa prática revolucionária, rever conceitos do marxismo, e despolitizar o movimento. Nós, hoje, vemos uma direção estudantil imóvel, como a UNE, UBES e ANPG, que não chama os estudantes à luta, e como consequência nós temos um entrave para o desenvolvimento da juventude enquanto quadro. Mas, é preciso também fazer uma ponderação, pois, a prática por si só, e de forma inconsequente, não gera resultado. Nós vimos, em 2015 e 2016, um movimento muito importante dentro os estudantes, que foi a ocupação de escolas. Mas, houve uma influência muito grande do autonomismo em geral, que tem uma oposição à organização partidária e programática. Então, essa prática, embora tenha trazido uma experiência para essa juventude que esteve envolvida nesse movimento, para que ela se desenvolva, precisa estar vinculada a um programa revolucionário. Ela precisa estar vinculada a um programa que a ligue à teoria. Então, a prática é importante para determinar a consciência, precisa da teoria para ser temperada, e tudo isso tem de estar vinculado a um programa.

*Muitos jovens escrevem texto na internet dizendo que estão militando. Recentemente abriu-se toda uma discussão sobre o termo militante. O que comentar sobre essa discussão?*

Um militante do POR assume o comprometimento com a tarefa da construção desse partido, entendendo que é parte da revolução proletária, então toma isso como algo prioritário e essencial em sua vida. É o que chamamos de militância profissional, no sentido de entender que hoje nós estamos imersos à barbárie social, e que não existe outra saída, que não seja dire-

cionar nossos esforços para a via da revolução. Mas, hoje, existe uma distorção do termo militante, que é feita pelas correntes, que muitas vezes vêem a militância como um hobby. Principalmente dentro a juventude, isso é um problema. Militam, pois, seus amigos são militantes de tal corrente, militam por estarem próximos de seus amigos. Na universidade, vemos isso muito. Então, existe essa distorção do conceito de militante, como se fosse um hobby. Primeiro, se aproxima de uma pessoa, se estabelece uma relação pessoal, e se coloca em defesa de uma causa, não havendo um programa por trás disso. E, na medida em que não se entende o que significa a militância, no sentido profissional, acaba-se não estando vinculado a um programa e uma prática de fato revolucionários, e acaba-se inevitavelmente achando que fazer “textão” na internet vai ter algum papel progressivo, quando, na verdade, não. Na verdade, é a ação concreta que vai de fato trazer algum significado para a palavra militante.

*É comum escutarmos das gerações mais velhas que a juventude é um caso perdido, afrescalhada, a “geração mimimi”, cheia de medos e sem iniciativa. O que esse discurso esconde e como combatê-lo?*

Pelo que discutimos aqui, cabe colocar, nesse sentido, que a juventude – que constitui parte da classe operária e da classe média também explorada – não passou por essa experiência de derrotas e desilusões e, pelo contrário, tem um papel importante, na medida em que tende a ter uma maior disposição de luta. Nem sempre acaba se concretizando essa disposição, por conta das direções que servem como entrave, mas ela tende a ter. Então, essas proposições são falsas. Mas, o que existe é um desvio da luta da juventude, causado pelas direções, para toda uma série de pautas – que acabam sendo pautas que vão diretamente ao interesse das gerações mais velhas, dos trabalhadores e da classe operária em geral – e que, portando, às vezes, podem ser vistas como pautas isoladas. Nós discutimos aqui sobre essa questão de não vincular a defesa de emprego e de defesa de salários ao movimento estudantil, e as próprias questões identitárias, que acabam por ser específicas, não tendo a linguagem comum com os operários, com os trabalhadores. Talvez essa concepção sobre a juventude seja por isso, pois, a juventude está submetida a direções que atuam para fazer com que ela se perca em pautas que não são as pautas que unificam os explorados e não são as pautas essenciais.

*Passemos para as considerações finais*

Com base no que discutimos aqui, cabe reiterar que, diante da barbárie que vivenciamos hoje – que atinge não só a juventude mas também os explorados em geral – não existe saída que não a retomada da ação direta e o rompimento com o imobilismo, e que cabe à juventude, à classe operária e aos explorados, fazer a defesa de que suas organizações convoquem um dia nacional de luta, como ponto de partida para se ter um movimento que vai superar essa crise econômica e sanitária, pela imposição de um plano emergencial. Concluindo, tivemos toda uma discussão, e agora cabe a defesa de uma ação prática para superar os problemas colocados.

Entrevista ao Canal Mesa de Debates

# Sindicalismo, política e a esquerda

15 de outubro de 2021 | Assita o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=YjBY5OfPuI0>

Guilherme

*Olá, sejam muito bem-vindos ao Canal Mesa de Debates, eu sou Guilherme, e, nesta sexta-feira, já caiu um temporal, agora está tranquilo, a gente vai começar mais uma entrevista aqui, dando continuidade à nossa programação. Vamos voltar a discutir um pouco sobre sindicalismo e política nacional, para a gente entender as diferentes vertentes que existem dentro do movimento sindical. Convidei aqui o Osvaldo (Oz), que é do Partido Operário Revolucionário, para a gente entender um pouco o que eles estão pensando, em relação a este tema. Tudo bem, Oz, antes da gente começar, por favor, se apresente.*

Oz

*Olá, companheiro Guilherme, obrigado pelo convite. Mais uma vez, convidou o partido para discutir aqui com você, e eu agradeço. Eu sou professor, militante do Partido Operário Revolucionário, e atualmente fora da atuação sindical, por estar fora da produção, desempregado, mas eu já atuei em alguns sindicatos, e, no partido, temos a atuação em diversos sindicatos, principalmente no setor fabril, com o Boletim Nossa Classe. Então, nós estamos bem próximos do movimento sindical, atuando diretamente nele.*

Guilherme

*Certo, maravilha Oz. Faço a minha primeira pergunta. Desde o começo do ano, praticamente, a gente está acompanhando diversas lutas de trabalhadores; agora, a gente está tendo uma luta contra o Sampaprev 2; uma luta na GM, em São Caetano do Sul; luta na Proguaru, tem sido bastante importante, bastante exemplar. Qual é a avaliação que você faz dessas lutas, e o que está faltando para essas lutas andarem?*

Oz

*Eu gostaria de começar, então, antes de fazer qualquer elaboração, com uma saudação a esses movimentos importantes, que estão acontecendo agora. Quero dar destaque a três movimentos, que estão vinculados ao movimento sindical. Em primeiro lugar, a greve da GM, que chegou a 13 dias, e tem reivindicações importantes. Eu quero destacar três aspectos dele, rapidamente, aqui, e depois podemos aprofundar no nosso debate. Quero destacar três aspectos para caracterizar a importância desse movimento dos operários da GM: em primeiro lugar, o fato de ser uma greve operária. O Partido Revolucionário tem a clareza de que a classe operária é a classe antagonica ao capital, ao capitalismo, à classe capitalista e ao capital, então, uma greve operária deve ser sempre saudada com muito entusiasmo, e deve ser sempre apoiada no sentido de generalizar, de ampliar. Uma greve operária, no período que estamos vivendo, de retração, de retrocesso do movimento, que ficou represado por um ano e três meses, durante a Pandemia, deve ganhar toda solidariedade ativa. É nesse sentido que devemos saudar, pelo fato de ser uma greve da classe operária; o segundo aspecto, é que essa greve, entre outras reivindicações, que podemos aprofundar depois, é por aumento real*

*de salário. Nesse sentido, devemos dar um destaque também. A maior parte da campanha salarial dos Metalúrgicos do ABC e São Paulo se encerrou. A maior parte ficou com a reposição da inflação, o IPCA foi de 10,42%, e apenas a reposição da inflação foi dada, na maioria dos casos, ou seja, só repôs o que foi perdido, você não teve aumento de fato, não teve aumento real, e essa greve específica da GM reivindica aumento real de salário, então isso é algo para se destacar. De novo, diante de um movimento que tem sido traído, nos últimos tempos, uma luta que coloca na pauta o aumento real, tem de ser saudado; e o terceiro aspecto, que queria destacar sobre a GM, é o fato de que os operários estão em choque com a burocracia sindical. As últimas assembleias, nos últimos três dias – e o partido tem acompanhado de perto – participado de todas as assembleias, ido até fábrica, levado o Boletim Nossa Classe etc., conseguiu perceber o choque de boa parte dos operários com a burocracia sindical, e isso é outra coisa que, nos últimos tempos, não temos visto. O que temos visto é uma classe que tem sido apaziguada, que tem sido controlada de forma muito rígida pela burocracia sindical, de forma que operários não conseguem nem se manifestar contrários a certas manipulações e a certas manobras das burocracias. Neste caso, não, ontem mesmo, na assembleia, aconteceu um choque direto entre os operários e a burocracia. Esse é outro aspecto que devemos destacar nessa luta. E aí, para finalizar, queria fazer outros dois comentários sobre esse movimento geral que você colocou: a greve dos professores municipais foi decretada ontem, contra a reforma municipal, contra o que está sendo chamado de Sampaprev 2, uma reforma da Previdência Municipal. É muito importante, porque os trabalhadores do município também tiveram os sindicatos fechados por um período muito grande. Neste caso, foi até mais que um ano e três meses, o maior sindicato da categoria dos professores municipais de São Paulo, o SINPEEM, ficou fechado, literalmente de portas fechadas, até pouco tempo atrás, então, a pressão da base fez com que o sindicato saísse da toca, a direção sindical saísse da toca, e colocasse o sindicato para a luta. Então, é bem importante, e a gente tem de apoiar e ampliar o movimento, já que, no estado, os professores também estão sofrendo ataques em relação à reforma administrativa, assim, é preciso generalizar essa greve; por último, quero fazer uma saudação em apoio a uma professora que está sendo perseguida no Rio Grande do Norte, na cidade de São Gonçalo do Amarante, região metropolitana de Natal. Essa professora, Mônica Moraes, está sendo perseguida pela escola, e foi transferida via Conselho, sem a mínima possibilidade de responder às acusações que foram feitas a ela. A professora é militante, lutadora, sindicalista, e essas características são motivos de perseguição. A justificativa da exclusão dela da escola é baseada em argumentos que lembram muito o “Escola sem Partido”. Pelo fato de a professora ter posicionado-se politicamente, dentro da escola. Então, temos de combater esse tipo de ataque. O POR está em campanha para que a professora seja reincorporada imediata-*



mente ao seu posto na escola, em São Gonçalo do Amarante. Está divulgando materiais, pedindo moção nos sindicatos, e apoio à luta desta professora. Obrigado, Guilherme, pelo espaço para eu fazer essa introdução, e também fazer esse chamado.

Guilherme

Maravilha, o Mesa de Debate se solidariza com a professora, primeiramente. Inclusive estamos à disposição, se quiser passar o contato da professora, para a gente abrir um espaço, como fizemos com o Macapá, de São José dos Campos, do PSTU, que corre o risco de ser preso. Você, fique à vontade, que a gente abre o espaço aqui, independente de qual corrente; quando é lutador perseguido, a gente tem de defender. Eu queria fazer a segunda pergunta. Apesar de eu ter algumas divergências com esse partido, o PSTU lançou, na minha avaliação foi uma iniciativa bastante interessante, o chamado Polo Classista. Apesar das divergências que tenho com esse partido, é uma iniciativa que acho correta, que inclusive participei, como um como militante independente. Então, faço uma pergunta, qual é a posição do POR sobre essa iniciativa do PSTU, vocês vão compor? Não vão compor? O que vocês acham?

Oz

Certo. Antes de entrar especificamente nesse ponto, queria fazer um comentário breve sobre a situação política mais geral que a gente está vivendo, e tem a ver com a resposta que o PSTU está dando, no chamado Polo Socialista. No último período, podemos pegar vários períodos para fazer a análise, pode pegar desde o período do golpe para cá, que tem uma virada importante na política, ou pode pegar até antes, mas eu quero comentar esse último período, que é período da Pandemia. Inclusive, já foi tema de debate aqui, quando um camarada do partido conversou com você sobre isso, mas vale a pena alguns comentários. O principal deles é que, quando a Pandemia foi instalada, e sabemos que o vírus é um problema natural, mas, a transformação de um vírus em uma pandemia se torna um processo social, e, nesse sentido, os processos sociais, a opressão, a luta de classes, são sempre respondidos pelo movimento dos trabalhadores. Devem ser respondidos pela luta de classes. E, nesse período de Pandemia, a luta de classes foi suprimida pelas direções sindicais, pelos partidos políticos e pelos movimentos sociais, pelas entidades estudantis, etc. Suprimida de forma bem concreta, que vem lá de março de 2020, de que aquele momento, começo da Pandemia, não era o momento de luta, era um momento de “união nacional contra um inimigo comum”, alguns chegaram a fazer essa elaboração. Nosso inimigo comum é a burguesia! Só que essa ideia de que o inimigo comum era o vírus fez com que os movimentos sociais, os sindicatos, todos eles, se aliassem, em apoio ao Congresso Nacional, colocando a nossa vida nas mãos da burguesia. Colocando nossos interesses nas mãos da burguesia, para que ela resolvesse, para que ela cuidasse da gente. Esse foi um erro grave dos partidos políticos e das direções sindicais, e precisa ser feito um balanço crítico duro pelo movimento social, pelos revolucionários, pela vanguarda com consciência de classe, para que a gente compreenda a situação em que estamos hoje. A situação em que vivemos agora, outubro de 2021, está vinculada diretamente a essa decisão política que foi tomada no começo da Pandemia. Então, nesse processo, os sindicatos foram fechados. Os trabalhadores estavam sendo atacados, principalmente pela MP 936, que reduzia os salários e as jornadas, e pelas

demissões. E os sindicatos estavam fechados. Então, a classe operária e os demais trabalhadores ficaram sem o seu instrumento de luta, em defesa da força de trabalho. E os partidos políticos seguiram por esse caminho, a maior parte dos partidos de esquerda seguiram por esse caminho, e não desenvolveram a luta. Tivemos o movimento social paralisado, praticamente paralisado, ao longo de um ano e três meses, e digo praticamente, porque tivemos ali algumas lutas pontuais de alguns setores, principalmente setores da Saúde, que foi extremamente penalizado com a Pandemia, mas era sempre uma luta muito isolada, justamente porque as direções dos sindicatos e das centrais abandonaram o movimento, por um ano e três meses. Isso é grave, muito grave. Então, chegamos em março, abril e maio de 2021, e o movimento começa a se expressar, esse movimento represado começa a tensionar e se expressar, mais amplamente. O POR fez um chamado, e estou falando isso, pois, tem a ver com a resposta sobre o Polo Socialista, em abril, junto com outras organizações, para criar uma Frente classista, uma Frente de luta pelas necessidades dos explorados, que estavam e estão sendo massacrados pelo capitalismo em decomposição do período da Pandemia, pela crise econômica e crise sanitária. Basta ver o desemprego, que deu um

---

***E nesse período de Pandemia, a luta de classes foi suprimida pelas direções sindicais, pelos partidos políticos e pelos movimentos sociais, pelas entidades estudantis etc. Suprimida de forma bem concreta, que vem lá de março de 2020, de que aquele momento, começo da Pandemia, não era o momento de luta, era um momento de “união nacional contra um inimigo comum”, alguns chegaram a fazer essa elaboração. Nosso inimigo comum é a burguesia!***

---

salto, e a fome e a miséria que se alastraram. Hoje, está mais escancarado, aparece mais na mídia a questão da fome, a luta por ossos e tudo mais, mas isso não é o de hoje, é processo que já vinha se desenvolvendo. Então, fizemos esse chamado aos partidos de esquerda e movimentos, alguns poucos partidos e organizações responderam a esse chamado, e atuamos no 1º de Maio, que foi a primeira intervenção pública dessa Frente, que é a Frente Classista e Combativa. No 1º de Maio, que fizemos presencial, na Praça da Sé, defendendo os empregos, salários, direitos e as necessidades mais imediatas dos trabalhadores. O 1º de Maio, é importante lembrar, ainda foi virtual, ou seja, as Centrais Sindicais, os movimentos sociais e os partidos políticos de esquerda ainda estavam nessa virtualidade absoluta, desde março de 2020, e o 1º de Maio não foi diferente. Um dia extremamente importante, que era a hora de colocar o movimento na rua, essas direções fizeram de forma virtual. Somente em 29 de maio, foi rompida a passividade, com a primeira grande manifestação contra o Bolsonaro, que reúne centenas de milhares de trabalhadores nas ruas do país, lutando, reivindicando, combatendo esse governo, que está massacrando os explorados. O 29 maio tem essa expressão importante, mas, já no 29 de maio, e depois isso vai ficando mais claro, as manifestações foram conduzidas pelo reformismo para defender o impeachment e as eleições. O reformismo apon-

ta para as massas que essa é a saída do movimento social: levantar um movimento de rua para impulsionar o impeachment, e talvez, depois, as eleições de 2022, sendo acaudilhado pelo petismo. Nós fizemos essa denúncia, lá no 29 de Maio, e passamos a elaborar materiais, explicando e denunciando essas manobras do reformismo, de que ele não estava de fato defendendo os interesses dos explorados, que é o emprego, o salário, contra a fome e miséria, [essas reivindicações] vinham como coisas acessórias, como penduricalhos, um detalhe dentro da reivindicação comum, que era o famoso “Fora Bolsonaro”. O “Fora Bolsonaro” tinha um conteúdo, o impeachment. Denunciamos isso, desde o começo. Parecia estranho para alguns, naquela época, mas acho que as últimas manifestações, principalmente a do 7 de Setembro, e a última manifestação, 2 de outubro, deixaram muito mais claro que, de fato, o conteúdo do “Fora Bolsonaro”, na verdade, era o conteúdo do impeachment, e para isso, era necessário uma Frente Ampla, que pudesse abarcar a direita e outros setores, nesse movimento pelo “Fora Bolsonaro”, ou seja, nesse movimento pelo impeachment. Aqui em São Paulo, foi bem emblemático que o palanque tenha sido ocupado, não só por Ciro Gomes, Tábata Amaral, esses parlamentares e políticos da burguesia, mas também pela própria burguesia, o ato aqui em São Paulo foi aberto pela família Setúbal, a família Itaú, então, é de se destacar esse fato, para mostrar que o “Fora Bolsonaro” necessita da Frente Ampla, para que seja impulsionado o impeachment. Diante de todo esse cenário, que obviamente precisei resumir, alguns partidos passam a dar suas respostas políticas ao que está acontecendo, à Frente Ampla e à saída do impeachment. O PSTU lança o Polo Socialista, só que esse Polo Socialista tem, na sua essência, e a gente tem isso claro no material publicado, uma saída eleitoral para o problema social que enfrentamos. O problema é que o PSTU fez parte do movimento pelo “Fora Bolsonaro”/impeachment, tanto que assinou o “super pedido de impeachment”, alguns meses atrás, e segue mantendo a defesa da Frente Ampla. Podemos ver, na participação da organização da Campanha Nacional pelo Fora Bolsonaro, mas também criticando aqueles que foram contra a Frente Ampla. Aqui em São Paulo, no Rio de Janeiro também, houve algum rechaço de alguns setores a esses parlamentares burgueses, que ocuparam o palanque, e o PSTU partiu em defesa desse pessoal. Então, ele está se mostrando a favor da Frente Ampla, mas se posicionando contrário a uma Frente Ampla nas eleições. [Para eles], nas eleições, não pode ter Frente Ampla, assim defende a criação do Polo Socialista. É importante perceber que a criação do Polo Socialista não está isolada de todo o resto, de toda conjuntura. É extremamente importante isso, perceber que é um desenvolvimento que foi sendo feito ao longo de todo o período, e que combinou nessa resposta chamada Polo Socialista, que não passa de uma saída eleitoral. É uma tentativa de acaudilhar um setor da esquerda, que não está a favor da candidatura do Lula, esse é o propósito concreto do Polo Socialista. E é uma resposta também ao congresso do PSOL, que deliberou por não apresentar um

***O POR não se vinculou e não está apoiando o Polo Socialista, porque é uma saída eleitoral, uma saída que não resolve o problema das massas, não aponta para a organização própria, para a independência de classe, para a resolução das necessidades imediatas das massas, que é o emprego, salário e direitos, que é a luta contra a fome etc.. Isso tem de acontecer agora, não em 2022. Então, não apoiamos esse Polo.***

candidato próprio e, abrindo caminho para o apoio Lula, desde o primeiro turno. Quando o PSOL faz isso, e tem uma camada do PSOL que é contra essa posição, o PSTU lança o Polo Socialista, tentando arregimentar essa parte do PSOL, e isso serve para outros partidos de esquerda, que estão contra a candidatura do Lula. Perceba, Guilherme, para terminar, as esquerdas que se reivindicam do marxismo estão em uma profunda confusão. O PSTU mostrou isso que acabei de falar, a favor da Frente Ampla atual, e contra a Frente Ampla nas eleições, defendendo o Polo Socialista; o PCO está contra Frente Ampla atual, participa do movimento “Fora Bolsonaro”, e defende a candidatura burguesa de Lula, ou seja, defende a saída burguesa eleitoral. Então, você vê as posições de duas organizações, que teoricamente se reivindicam da mesma linha teórica, que é o trotskismo, uma confusão tremenda. E aí tem os outros partidos, o PSOL, em seu congresso, delibera por não ter um candidato próprio, e defende a Frente Ampla atual. Essa é a confusão das esquerdas. O Polo Socialista se insere como mais um elemento dessa confusão, não resolve.

O POR não se vinculou, e não está apoiando o Polo Socialista, porque é uma saída eleitoral, uma saída que não resolve o problema das massas, não aponta para a organização própria, para a independência de classe, para a resolução das necessidades imediatas das massas, que é o emprego, salário e direitos, que é a luta contra a fome etc. Isso tem de acontecer agora, não em 2022. Então, não apoiamos esse Polo.

Guilherme

Oz, então vamos para a primeira polêmica aqui. Eu tenho particularmente bastante acordo com a sua fala, mas expresso uma preocupação, porque, tanto o POR, quanto qualquer outra corrente de esquerda no Brasil, ainda é muito minoritária perto dos reformistas, não vamos ter ilusões, o POR, o MRT, até mesmo o próprio PSTU, ainda são correntes minoritárias dentro do movimento operário. Eu tenho bastante acordo em relação à questão do PSTU, particularmente, mas eu acho meio sectário. Tanto pela composição da base dos setores que estão dispostos a procurar uma alternativa independente, e, segundo, porque eu acho que o isolamento político, neste momento, não seria a melhor solução, é claro que eu acho que particularmente nesse “Polo Classista” [Socialista], têm de rolar, as discussões, os debates e encontrar as diferenças internas, colocar as diferenças à mostra, então eu acho que seria uma iniciativa válida. Você não acha que é essa posição política do POR corre o risco de o POR se isolar?

Oz

Não. Como eu falei, não basta pegar apenas a recusa à participação no Polo Socialista, mas toda a explicação e o desenvolvimento que colocamos. Se o chamado fosse para desenvolver uma Frente que defendesse as necessidades imediatas dos trabalhadores, dos explorados, que lutasse contra essa situação de barbárie que estamos vivendo, com certeza, o POR estaria junto, se fosse esse conteúdo, mas não é esse conteúdo, é um conteúdo eleitoral para 2022. O conteúdo atual, que essa organização está defendendo, é da Frente Ampla, é do impeachment, que é a sa-

ída burguesa. Então, é nesse sentido que colocamos que não é uma saída viável. E não temos preocupação de parecer sectários, por não ter apoiado. De forma nenhuma, porque a explicação já traz o motivo desse “não apoio”. Mantemo-nos firmes, na defesa das reivindicações dos explorados e, por isso, não podemos apoiar esse Polo. Se apoiássemos esse Polo, estaríamos abandonando concretamente a luta pelas necessidades imediatas dos explorados. Estaríamos submetendo-nos a uma política que vai defender uma saída eleitoral para 2022. Perceba, o PSTU que está na Frente Ampla, não tem o menor interesse de defender a necessidade das massas, tanto é que colocou para dentro da Frente partidos burgueses, que são contra os direitos dos trabalhadores, partidos que defendem as privatizações, partidos que foram a favor da reforma da Previdência, partidos que votaram a favor da reforma trabalhista. Então, é uma Frente com os opressores dos explorados. É nesse sentido que a gente precisa ver a recusa ao Polo Socialista. Então, no fundo, quando fazemos o chamado em defesa das massas, de suas necessidades, aqueles que recusam a esse chamado é que estão sendo sectários, no sentido de estar se apartando das massas. O que é o sectarismo? É o movimento que se aparta das massas. Concorda? Não é um movimento que responde negativamente a algo que alguém, que um grupo está respondendo positivamente, não. O sectarismo é o movimento que se aparta das massas, então, quem agora, está defendendo as reivindicações das massas? Somos nós! É a Frente Classista e Combativa, que tem o POR e outras organizações.

Guilherme

*Que outras organizações?*

Oz

Hoje fazem parte, o POR, a FOB, a LOI e o Círculo de Professores pelo Socialismo.

Guilherme

*Eu gostaria que você fizesse uma avaliação das Centrais Sindicais. Eu tenho acompanhado aí o movimento, e vejo que poderia ter feito, poderia fazer-se muito mais do que estão fazendo. Por que, fazer ato a cada mês, é brincadeira? Poderia ter sido feito mais. Gostaria que você fizesse uma avaliação das Centrais Sindicais.*

Oz

É bem importante essa questão. É óbvio que têm muitos aspectos que não vão dar para abordar aqui. E aí eu convido quem estiver assistindo para conhecer os materiais, o POR tem uma ampla elaboração sobre o movimento sindical, e particularmente dentro do movimento sindical, a questão das centrais sindicais, que você colocou. Então, tem folhetos, livros, manifestos, e o próprio Jornal Massas, que sempre expressa a luta dentro dos sindicatos e das centrais sindicais. Primeiro, é um amplo processo divisionista, que o movimento sindical no Brasil atravessa. Temos, hoje, salvo engano, 14 centrais sindicais, e isso é brutal, isso é péssimo para os trabalhadores. Por quê? Porque vai expressar uma divisão das burocracias e, conseqüentemente, uma divisão da luta, uma divisão do próprio movimento operário e demais trabalhadores. Cada central vai desenvolver uma determinada linha política, e vai responder aos seus interesses, particularmente do partido que está dirigindo aquela Central. É o caso das prin-

cipais, como a Força Sindical, a CUT, Conlutas, etc. É um amplo processo de divisionismo, que temos de combater. É óbvio que esse divisionismo nas centrais acaba se expressando também nos sindicatos particulares, nos sindicatos das categorias específicas, muitas vezes, temos a mesma fábrica em duas cidades, mas com dois sindicatos diferentes, e aí as lutas são separadas, não têm uma vinculação, não têm uma unidade. Esse divisionismo se vai expressando de outras formas também, mas é mais grave nas Centrais. O PSTU, que acabamos de falar, expressou esse divisionismo, ao romper com a CUT, e criar a Conlutas, na tentativa de criar um sindicato de esquerda. Já na situação presente, houve um acordo entre as direções das centrais, em não desenvolver nenhuma luta na Pandemia. O primeiro aspecto nocivo dessa determinação das centrais veio em março, quando foi decretada a Pandemia, ali por volta de 11 de março, mais ou menos, foi o fato de existir uma manifestação já marcada, que seria uma luta Nacional, Um Dia Nacional de Lutas, em 18 de Março. Quando é decretada a Pandemia, a primeira deliberação da Central [CUT] foi cancelar a manifestação, antes até dos bolsonaristas, que também tinham uma manifestação marcada para o dia 15, isso foi um erro brutal, porque a única forma dos trabalhadores se defenderem de fato é na luta, não tem outra forma, não é apoiando uma fração da burguesia, não é apoiando o Parlamento, Congresso, nada disso. A única forma de se defenderem, naquele momento, e hoje, era levantando a luta, e, nesse caso, que já tinha uma manifestação marcada, era até mais fácil, porque usaria essa manifestação para levantar uma plataforma de reivindicações dos trabalhadores, e para organizar a luta: como seria essa luta, quais os métodos seriam usados, etc., para defender de fato os trabalhadores, aprovar um plano próprio de emergência, lutar pela estatização de toda a estrutura da saúde, e colocá-la a serviço dos trabalhadores. Então, esse combate pelo não cancelamento do Dia Nacional de Lutas, até onde eu tenho conhecimento, só o POR fez. Nenhuma outra organização percebeu a importância que tinha aquele dia de luta, para poder responder ao problema da Pandemia. Foi desmarcado, e inclusive tem no nosso livro sobre a Pandemia, a citação do dirigente da CUT, que fala que aquele era o momento de “União Nacional” com o Congresso e com amplos setores da sociedade, ele usa uma expressão desse tipo, era a união com amplos setores da sociedade, para poder lutar contra esse inimigo comum, então, aí já mostra o problema da Central Sindical, que é dirigida por um partido reformista, que é o PT. Acho importante abrir parênteses aqui, fazer um destaque, quando fazemos a crítica, e às vezes até na própria fala, se coloca “sindicato” ou “Central Sindical”, estamos sempre falando da direção da Central Sindical, da direção do sindicato, porque o sindicato e a Central são instrumentos de luta dos trabalhadores, instrumentos próprios dos trabalhadores, mas estão a serviço de certos interesses corporativos de partidos reformistas e centristas. Ao longo da Pandemia, as centrais sindicais abandonaram o movimento social, abandonaram os trabalhadores e abandonaram a luta. Apareceram, em maio de 2021, com a Frente pelo “Fora Bolsonaro”. Qual era a estratégia desse movimento? Impeachment e eleições. Então, o papel das Centrais, no último período foi, primeiro, amortecer a luta de classes, tentar amortecer as necessidades dos trabalhadores, e depois, quando rompem parcialmente a passividade, foi para defender a saída burguesa do impeachment e das eleições. Então,



nesse sentido, podemos caracterizar esse último período, como um período de traição das Centrais Sindicais às necessidades dos trabalhadores.

*Guilherme*

*Oz, eu tenho alguns acordos com sua fala, tanto que você falou que isso foi objeto de discussão aqui, entre mim e o Erson, meu único desacordo foi como que vocês caracterizam o isolamento, mas, enfim, uma coisa que me chama atenção é que esse Dia Nacional de Lutas, você não acha que é muito otimista achar que um dia nacional de mobilização, que normalmente esses dias de mobilização, que fazem só as Centrais, só a esquerda, tem pouca base de trabalhador, você acha que não é muito otimista que um dia nacional de lutas daria conta do problema da Pandemia?*

*Oz*

Não. A ideia não é que acreditávamos, de forma abstrata, que aquele Dia Nacional de Luta responderia aos problemas da Pandemia, de forma nenhuma. O que nós dissemos é que se deveria transformar o Dia Nacional de Lutas em um dia que respondesse a esse problema, mas, para isso, obviamente, precisaria desenvolver os métodos próprios da luta de classe. Isso significa que as centrais e os sindicatos não deveriam simplesmente chamar um ato, mas deveriam organizar as bases, a partir do seu local de trabalho. Isso exigiria as assembleias presenciais, que levantassem as reivindicações dos trabalhadores, e que isso se concentrasse em um movimento geral. Então, veja, é um movimento que vem de baixo, e se concentra no movimento nacional, a partir dos sindicatos, a partir da luta sindical, mas, para isso, precisaria ter uma política que de fato fosse classista, e esse é o grande problema dessa política colocada nas Centrais e sindicatos. Essas direções tentam desenvolver a ideia de um policlassismo, ou seja, um movimento que vai atender todos os setores da sociedade, como disse o dirigente da CUT. Isso é um erro. Não podemos esquecer da luta de classes, de como ela se desenvolve, sempre em oposição às saídas burguesas. Então, a ausência da independência de classe é outra característica fundamental, que faz com que possamos caracterizar esse período como um período de traição às necessidades dos explorados, porque, de fato, não foi colocado ali uma luta com independência de classe. Nesse sentido, não é otimismo achar que aquela manifestação resolveria, o que falamos é que, o movimento deveria conduzir aquela manifestação para a aprovação de um programa de emergência próprio dos explorados. E como eu já falei, a partir das bases, ou seja, os sindicatos fazendo assembleias democráticas, assembleias em que os operários possam colocar suas opiniões, colocar suas reivindicações, isso acontecendo em diversos locais, para se concentrar na Central, que levantaria um movimento Nacional. Sempre partindo de algo muito concreto. Nós não esperamos apenas que o movimento seja de tal ou qual forma, partimos das necessidades bem concretas, inclusive, apontando sempre qual o método para chegar naquilo. É óbvio que, aqui, a coisa é mais rápida, então, só falei que defendemos a manutenção do dia 18 de março, mas essa defesa veio acompanhada dos métodos, que deveriam ser colocados na luta, para que esse dia se transformasse num dia de luta de fato.

***O que nós dissemos é que se deveria transformar o Dia Nacional de Luta em um dia que respondesse a esse problema, mas para isso, obviamente, precisaria desenvolver os métodos próprios da luta de classe.***

*Guilherme*

*Como fazer isso na prática? E qual seria o papel do POR?*

*Oz*

Aí é o ponto chave. Como desenvolver essa luta dentro dos sindicatos? Porque, como eu falei, esse movimento poderia se transformar em uma resposta proletária à Pandemia, mas como a Pandemia não foi respondida com a política proletária, a burguesia impôs a sua resposta. Não existe vácuo na política. Como o proletariado, por conta das suas direções reformistas, traidoras, conciliadoras, sem independência de classe, como elas não desenvolveram resposta proletária, outra resposta surgiu: a resposta burguesa. E aí que caracterizamos como uma política burguesa do isolamento social. O isolamento social é científico, não tenha dúvidas, mas a política que se desenvolveu, em torno do isolamento social, era burguesa. Para dar um exemplo, que talvez seja até mais fácil de compreender esse problema, é a questão da vacinação. De forma nenhuma, somos contra a vacinação, a vacinação é um processo que ajuda a resolver o problema da Pandemia. Só que a política sob a qual ela foi implementada, foi uma política burguesa, percebe? Então, quando falamos da política burguesa do isolamento social, não é contra o isolamento social, ele é científico, correto. Mas ele foi conduzido pela burguesia.

*Guilherme*

*Não entendi essa política burguesa de vacinação. Tudo bem que quem aplicou foi o Estado burguês, mas a vacinação não é uma coisa que a gente deveria se colocar contra, a gente deve se colocar a favor.*

*Oz*

De forma nenhuma. Não nos colocamos contra. O que estou colocando é só um exemplo de algo que é científico e correto, mas que esteve sob o comando da burguesia. Basta ver que a vacinação não priorizou os setores que estavam mais expostos ao vírus. Esse é um exemplo, tem outros. Qual foi o resultado? Quem mais morreu na Pandemia? Em termos de categorias de trabalho, os atendentes, motoristas, trabalhadores do supermercado, operário da construção civil etc. Temos um artigo, no Jornal Massas, que expressa isso de forma bem mais clara. A imunização da população é algo científico, correto, por isso, não podemos ser contra. Somos contra o controle pela burguesia. Primeiro, ela partiu de uma guerra comercial entre os monopólios farmacêuticos; aí, já entra um elemento da política burguesa. As disputas foram entre monopólios, e, não tenha dúvida, ninguém acha que os monopólios, seja Pfizer, seja Astrazeneca, seja qual for, ninguém tem a ilusão de que esses monopólios estavam em defesa dos interesses da população. No Brasil, Bolsonaro decidiu por comprar as vacinas de determinados monopólios e os governadores oposicionistas, de outros. Ambas as frações da burguesia disputavam o controle da compra, fabricação e distribuição. A população ficou refém dessa disputa interburguesa. É nesse sentido que falamos, que a política implementada foi burguesa. E o massacre que vimos, de 600 mil mortos, é a prova concreta de que a política implementada foi oposta aos interesses da maioria

oprimida. Para deixar bastante claro: não somos contra a vacinação, nem contra o isolamento social, como algumas pessoas infelizmente confundiram. Mas, essa confusão vem do fato de não se lerem atentamente nossos materiais, nossas elaborações, porque, se a pessoa se atentar, estudar os materiais do POR, vai perceber que não tem nenhum tipo de negacionismo, de ser contra métodos científicos, de forma nenhuma. Gostaria de voltar para sua pergunta, que é “como fazer”. A essência da questão do “como” está no próprio funcionamento dos sindicatos. Não farei aqui uma grande elaboração histórica do sindicato, mas basta dizer que o sindicato surgiu antes dos partidos operários, dos partidos revolucionários. Surgiu em um período do capitalismo em que era possível obter reformas, e atender reivindicações gerais da classe operária, como redução da jornada de trabalho. Hoje, o capitalismo está em sua fase de decomposição, imperialista, é a fase última do capitalismo, a fase dos monopólios, de predomínio do capital financeiro, é a fase em que a burguesia elimina conquistas históricas da classe operária e dos demais trabalhadores. Nesse sentido, o sindicato também muda o seu papel. O sindicato passa, de um instrumento de defesa da força de trabalho, para ser um instrumento da política de conciliação de classe, porque são controlados por direções que rejeitam a luta de classes, que se aliam à burguesia, ao patronato, e passam a “negociar” as reivindicações dos trabalhadores, não mais a lutar pelas suas reivindicações. O sindicato deixa de ser classista, e assume um papel contrarrevolucionário, quando é dirigido por direções reformistas, direitistas e pelegas. Então, as direções eliminam a democracia operária, por exemplo. Os operários não têm mais condições de participar de uma assembleia e ter direito a voz, colocar suas opiniões. Aqui, posso trazer mais concretamente o caso da GM, em que, nas assembleias, só falam os burocratas do sindicato, o que ocorre na maioria dos sindicatos. Nas últimas lutas, como o fechamento da Ford, em 2019, em São Bernardo do Campo, e agora, a saída da Ford do Brasil, o fechamento da LG, a greve na GM, o POR participou de todas essas lutas, a situação das assembleias é mesma, só a burocracia fala, os operários não têm direito à voz. Isso é massacrar a democracia operária. Eles manipulam abertamente as votações. Tem um caso famoso, se voltarmos um pouco mais no tempo, de uma luta na Volks, com a demissão de milhares de operários, no começo dos anos 2000, em que o Marinho, você deve conhecer esse burocrata da CUT, na assembleia, conduz a votação da seguinte maneira: “a favor da greve” ou “contra a greve”, com a observação de que aqueles que estavam defendendo a greve estavam a favor das demissões. Como o sindicato estava defendendo a suspensão da greve, para poder continuar a negociação, os que estavam contra foram rotulados como favoráveis às demissões. Esse é um tipo de manipulação trivial, que acontece em quase toda luta sindical. Nessa luta da GM, o burocrata faz assembleia por uma hora, mas só ele fala. A classe operária está lá embaixo do caminhão, gritando contra o burocrata, e ainda assim não tem poder de voz no caminhão, não tem poder de colocar sua posição, sua proposta. Então, perceba que a sua pergunta, que foi “como fazer para poder levantar esse movimento a partir das bases?” A primeira coisa é lutar pela democracia operária, para que os operários tenham condições de defender as reivindicações e o método para conquistá-las. A luta pela democracia operária é uma luta de qualquer militante de esquerda, que se reivindique do marxismo, que se reivindique

revolucionário, não pode deixar esse controle que as burocracias têm, hoje em dia, dos organismos dos trabalhadores. Esse é um dos elementos, tem vários outros, mas serve para dar um exemplo de como esse movimento deveria ser constituído, tendo como princípio a democracia operária.

*Guilherme*

*Perfeito. Tem outro aspecto, que você levanta, que seria interessante tratar, em relação à fragmentação das centrais sindicais. Como resolver esse problema? Meio complicado, colocar um Paulinho da Força, um cara da CGTB, para sentar junto, unificar os sindicatos. Como se daria essa unificação dos sindicatos?*

*Oz*

O POR defende a ideia de uma única Central. Essa é a resposta proletária contra o divisionismo nos sindicatos. Essa é a essência da questão. Vivemos sob um profundo processo de divisionismo, com 13 ou 14 centrais, se não me engano. A resposta proletária é a unificação das centrais, é ter uma única Central, e perceba que falo uma “única Central” e não “central Única”, para não causar nenhuma confusão de que defendemos só a CUT, não é isso. Mas, é a ideia de ter uma Central, onde todas as divergências possam ser processadas, onde as correntes políticas estejam representadas, e possam colocar suas posições políticas, onde a democracia operária seja o princípio básico, e onde a independência de classe é que deveria orientar todos os trabalhos, toda a luta dessa única Central. O que acontece é que alguns partidos, que se reivindicam do marxismo, vêm uma dificuldade na luta dentro da Central Única, da CUT, e decidem, ao invés de constituir uma frente de luta, uma frente classista, para poder combater essas direções traidoras, essas direções, preferem separar e criar uma nova Central. Esse é o problema grave. Abandonar a luta interna. A luta é dura, mesmo, o petismo controla a CUT com mãos de ferro, há muitos anos, décadas. Não temos nenhuma ilusão de que a retirada do reformismo do movimento sindical seja algo fácil de ser concretizado, mas abandonar essa luta, e criar uma central, tentar criar uma central vermelha, é um erro maior ainda, fortalece o divisionismo. Nossa defesa é essa, que se desenvolva, dentro do movimento sindical, do movimento operário, uma única Central, em que a luta se processe internamente. É aí que vamos expulsar essa burocracia, expulsar o reformismo, que é tão nocivo ao movimento social. O histórico dos últimos anos, se pegarmos os últimos 20 anos, é de traição das Centrais e dos sindicatos ao movimento operário, a exemplo da defesa da flexibilização capitalista do trabalho, a naturalização dos instrumentos capitalistas de ataque aos direitos, de ataque aos salários, como PLR, layoff, PDV, como esses acordos, a portas fechadas, tudo isso é naturalizado. Coisas que, há umas décadas, eram combatidas pelo movimento classista, hoje é naturalizado. Inclusive, às vezes, criam-se “lutas” pelo PLR, ou seja, um instrumento do capital, que não é salário, que não é ganho real do trabalhador, já que fica sempre na dependência do capitalista, do lucro do capitalista, hoje é defendido pelas Centrais. As centrais, o movimento sindical, abandonaram completamente a defesa das necessidades elementares dos trabalhadores, para fazer agora uma defesa que, em última instância, é patronal, é burguesa.

Guilherme

*O POR está integrado em qual Central Sindical?*

Oz

O partido, quando teve a divisão da Conlutas, se posicionou contra a divisão. Claramente contra, e lutou, tanto no movimento da CUT, quanto da Conlutas, lutamos contra a divisão. Porque a divisão é nociva para os trabalhadores, em qualquer circunstância. A divisão acabou acontecendo, se concretizou, e como o Partido está junto às massas, onde as massas estão, nós estaremos, como um setor se deslocou, da CUT para Conlutas, passamos a atuar também na Conlutas. Então, o Partido atua nas duas Centrais, lutando em defesa das reivindicações vitais dos trabalhadores, da democracia operária, da independência de classe, etc., atuamos nessas duas Centrais. Agora, não nos limitamos a atuar nessas Centrais, quando se trata do próprio movimento concreto da classe operária. Basta ver, agora, a GM, que é dirigida pela Força Sindical, então o Partido vai atuar na luta da GM, contra a burocracia da Força Sindical. Se fosse uma luta contra a burocracia da UGT, ou qualquer outra, vamos atuar também. O Partido não vai se limitar a atuar nas lutas de uma ou outra Central, de forma nenhuma, vamos atuar na luta que estiver acontecendo. Particularmente, nesse caso, é a Força Sindical, mas, participamos dos congressos, tanto da CUT, como da Conlutas.

Guilherme

*Agora, para finalizar, gostaria que você colocasse duas questões, que a gente tinha combinado de falar, qual seria o plano de lutas que o POR defende? E como enfrentar a burocratização dos sindicatos?*

Oz

Certo. É importante partir da caracterização geral, e seguir para o particular. A caracterização geral é de que o sindicato cumpre uma função, neste período histórico de desenvolvimento do capitalismo, por ser controlado por direções majoritariamente reformistas. E essa função é determinada pelas condições gerais do próprio capitalismo. A burguesia, ao longo desse período de decomposição do capitalismo, do imperialismo, ao não conseguir destruir os sindicatos, nem é interesse destruir completamente, mas, ao não conseguir calar os sindicatos, assume outra tática, que é de controlar os sindicatos, fazendo, de suas direções, porta-vozes de sua política. Nas condições particulares em que o Estado está nas mãos do reformismo (governos do PT, por exemplo), a estatização dos sindicatos ganha força. Vimos isso, muito concretamente, no período de governos do PT, onde os sindicatos e a maior Central, a CUT, passam a sustentar a sua governabilidade, passam a ser uma correia de transmissão da política reformista no seio da classe operária. Então, perceba que a ação das burocracias sobre os sindicatos é ampla, não é algo pontual, que acontece aqui ou ali, é um processo sistemático. Nessas condições, como o revolucionário deve olhar para o sindicato? Como deve travar essa luta no sindicato? Ele deve travar a luta, no sentido de desenvolver todas as suas ações para varrer as direções burocráticas e conciliadoras. Mas, para quê? Para assumir o lugar delas, simplesmente? Não. E aí é que está a questão que você colocou, “não corre o risco de também ser burocratizar?”. Só se não estiver firme na sua estratégia revolucionária. A estratégia revolucionária do proletariado, que é a

estratégia revolucionária do POR, é a da revolução e da ditadura proletárias, o programa do POR coloca de forma muito clara que a nossa participação no sindicato deve ser no sentido de denunciar as traições, elevar o nível de consciência dos operários, dos trabalhadores, e organizar a classe para varrer essas direções. E para quê? Para assumir o lugar? Não, para colocar os sindicatos a serviço do movimento revolucionário. O sindicato não pode ser um fim em si mesmo, mas, sob a direção revolucionária, passa a ser um instrumento da revolução proletária, instrumento da classe operária na sua luta pela revolução proletária e pela ditadura do proletariado, ou seja, pela estratégia da classe operária. Então, essa caracterização, essa ideia de “como o revolucionário deve atuar nos sindicatos?”, primeiro: varrer com as direções traidoras, mas com o intuito de colocar os sindicatos como instrumento de elevação da consciência das massas, da independência de classe, da defesa das necessidades, etc. A burocracia vai falar assim, “a gente defende, a gente fala do emprego, a gente fala do salário...”. Até fala, mas sua política não é de fato em defesa dos empregos e salários, podemos até dar um exemplo concreto, nos últimos períodos. O revolucionário toma as reivindicações vitais, emprego, salário, mas não se limita a essa defesa econômica da classe operária, mas como ponto de partida para a luta geral contra o sistema de exploração do trabalho, e em defesa da estratégia própria de poder do proletariado. Então, essa diferença, de não se limitar a um programa mínimo, que é o que o reformismo faz, nem isso, hoje, faz direito, é algo que um revolucionário, na atuação sindical, não pode fazer. Vou finalizar essa parte com a experiência da GM, aprofundando um pouco mais. Esses operários, além do aumento real, estavam reivindicando o vale alimentação e a cláusula 42, que defende e protege os lesionados. A fábrica não atendeu absolutamente nenhuma das reivindicações, mas a direção sindical defendeu a suspensão da greve, para supostamente negociar com a empresa. Foi contra isso que uma parcela dos grevistas se levantou, aos gritos de “canalha”, “pelego”, “safado”, expressando o descontentamento com aquela direção. Aí está o motivo real e concreto de varrer com essas direções. Imagina uma direção classista dentro desse movimento, levantaria os trabalhadores. Quais foram as reivindicações que o POR levou, através do Boletim Nossa Classe, para essa fábrica? Em primeiro lugar, precisaria ampliar o movimento para outros setores da classe operária, ou seja, ampliar o movimento para os demais metalúrgicos de São Paulo, ABC e São José dos Campos. A GM de São José dos Campos, que é dirigida pela Conlutas, só expressou o apoio, mas um apoio passivo. Qual seria o apoio real dessa Central? Seria levantar uma greve lá também. A greve da GM de São Caetano do Sul estaria muito mais sólida, com a GM de São José dos Campos também parada. Estaria muito mais sólida ainda, com toda a classe operária do ABC e região de São Paulo, se estivesse também no mesmo movimento. Então perceba, as burocracias vão agir sempre para dividir, e nós vamos agir sempre para defender a unificação das lutas. Esse é exemplo, um exemplo bem concreto, bem vivo, que está acontecendo. Casou muito bem essa conversa aqui com você, porque esse movimento está quente, é agora, e isso vai ficar registrado aqui, para vermos os efeitos dessa política traidora no futuro, assim como podemos olhar hoje para greves antigas, onde o POR denunciou, com muita dureza, a conciliação de classes das direções, a exemplo da Volks, no começo dos anos 2000, a greve da Ford, em 1998,



na greve da Petrobrás, em 1995, a Ford, em 2019 e 2021, etc. Isso mostra o que estamos defendendo neste movimento atual.

Guilherme

*Faltou só você falar (não é?) do plano de lutas.*

Oz:

Eu acho que está nessa fala, eu posso deixar mais claro, mas está nessa fala que fiz. O plano de luta não é abstrato, ele precisa ser concreto, de acordo com a situação que a luta exige. A luta atual, não só da GM, mas do conjunto da classe operária, é a luta em defesa dos empregos, dos salários e dos direitos. É a mesma luta que o POR vem desenvolvendo na Frente Classista e Combativa, que eu falei mais cedo. Essas são as reivindicações que estão sendo concretamente atacadas pelos capitalistas e seus governos. A gente tem aí 80 milhões de pessoas fora da produção social, ou parcialmente na produção.

Você tem aí uma massa de pessoas passando fome, você tem aí uma massa de trabalhadores que não encontra um lugar para poder se colocar. Então, o plano de luta para a situação concreta não pode ser um plano abstrato, é concreto, é a defesa do emprego, dos salários e dos direitos. A GM, quando está fazendo essa luta agora, é a defesa dos empregos, é a defesa dos direitos. A Ford, que fechou agora, no começo 2021, a luta concreta, qual era? Empregos. Porque estava fechando e estava demitindo ali alguns milhares de operários. A luta em 2019, quando a Ford de São Bernardo do Campo fechou, era pelo emprego. Então, todas essas campanhas que o POR fez, por meio do Boletim Nossa Classe, se concentraram nas reivindicações vitais dos trabalhadores. Isso se chocou com a política das burocracias sindicais, que é a da conciliação de classes. No caso da Ford, a burocracia, ao invés de defender os empregos, se submeteu à política patronal de indenizações. Portanto, o plano de luta para a burocracia culminava na indenização. São políticas opostas, o Plano de Luta do POR e o da burocracia. Não por acaso, a burocracia usou a repressão, que eu queria destacar rapidamente. Bastou o Boletim Nossa Classe defender os empregos e criticar a indenização, para que os burocratas se voltassem contra os militantes do POR.

Guilherme:

*Beleza, maravilha, você lembrou um período que eu também já passei, na época que eu estava organizado, mas, enfim. Oz, estamos chegando aqui ao final de uma entrevista do canal Mesa de Debates, quero agradecer você por ter aceitado o convite, pelas contribuições bastante pertinentes. Sabe que o espaço está aberto, a gente tem algumas divergências, mas é bom escutar vocês, e passo a bola aí, para você fazer as considerações finais.*

Oz:

Em primeiro lugar, quero agradecer pelo convite, mais uma vez, ao POR, para que possa expor suas posições. Isso é parte da democracia operária. Eu vejo que o seu Canal abre o espaço para diferentes tendências políticas, isso está correto, tem de

ser mantido, e tem de ser saudado. Então, agradeço o espaço. As pessoas que assistirem e quiserem conhecer um pouco melhor as posições do Partido, aqui, a gente acaba de forma mais informal colocando as posições, mas quem quiser aprofundar, conhecer as posições, acesse os materiais do Partido, o Jornal Massas, que sai quinzenalmente, de forma regular, e outras publicações. E finalizo, colocando que a tarefa da vanguarda com consciência de classe e daqueles que se reivindicam do marxismo, que se reivindicam do socialismo no movimento sindical, é muito clara, é defender as reivindicações dos explorados, seus métodos de luta, e lutar contra as direções burocráticas conciliadoras e reformistas. Isso não é algo fácil, nem tranquilo, de ser feito. As organizações se recusam a fazer uma crítica séria e profunda às direções sindicais. É sempre uma crítica muito superficial, muito geral. Se aquela burocracia está conduzindo o movimento para o caminho da derrota, para o desemprego,

para a perda de direitos, a gente tem de fazer a crítica mais dura possível, é através da crítica e autocrítica que se avança o movimento, a crítica faz parte do movimento, é por isso que a gente vai sempre fazer o questionamento dessas políticas, vai sempre fazer a denúncia, agora vai sair o balanço sobre essa traição, que é a burocracia ter encerrado a greve, sem uma votação para encerrar a greve, no caso da GM, ou seja, a burocracia encerrou a greve sem uma votação.

***O sindicato não pode ser um fim em si mesmo, mas sob a direção revolucionária, passa a ser um instrumento da revolução proletária, instrumento da classe operária na sua luta pela revolução proletária e pela ditadura do proletariado, ou seja, pela estratégia da classe operária.***

Guilherme:

*Foi na GM de São Caetano?*

Oz:

Sim. Ontem houve uma votação pela manutenção da greve, a burocracia estava contra, e como ela expressou essa contrariedade? Com a seguinte frase: vocês, que estão em greve, agora, que assumam a responsabilidade, e façam a greve, porque nós, do sindicato (olha essa elaboração, desculpa a gente voltou com o assunto, mas acho que vale a pena... Olha essa elaboração do burocrata, do Cidão), vocês, que estão em greve, que façam a greve. Nós, do Sindicato, não vamos fazer piquete, para não nos indispor com o trabalhador. Olha que loucura, o burocrata expressou nessa frase que não vai se indispor com o fura-greve, mas, ali, concretamente, estava se indispondo com os grevistas. Ele prefere se indispor com os grevistas, que com o fura-greve. Aí, o que aconteceu, concretamente. Hoje, fomos para a fábrica 5h30min da manhã, estávamos lá, e o sindicato não apareceu para fazer assembleia. O que os operários fizeram? Entraram para trabalhar. Então, concretamente, a greve acabou, porque o sindicato não foi. Olha que gravidade. Ele simplesmente não foi, não apareceu. Deixou na mão da classe, deixou na mão dos trabalhadores, e os trabalhadores, sem uma direção, entraram para trabalhar. Então, por isso que a gente vai fazer um balanço desse processo, e vai sair aí nos próximos dias, e eu peço para os companheiros que estiverem assistindo esse debate para procurar esse balanço, para ler o balanço todo, com nossas posições, e as tarefas que estão postas para o movimento operário.

Entrevista ao Canal Mesa de Debates

## Esquerdas e a luta das mulheres

14 de setembro de 2021

Transcrição da entrevista a militante do POR ao canal Mesa de Debates. A transcrição foi feita com algumas adaptações, da linguagem oral para a escrita, e com ajustes de conteúdo, para garantir maior clareza na exposição das ideias e suprir lacunas. Os ajustes de conteúdo serão indicados com *itálicos*.

**Pergunta:** *Olá, você está no canal mesa de debates, e vamos começar mais uma entrevista. Continuando a nossa série para falar um pouco em relação à luta das mulheres, resolvi trazer aqui uma companheira do Partido Operário Revolucionário, para ela trazer um pouco a visão do seu partido, da sua organização, em relação a esse tema. Para quem não acompanha o canal, sabe que o canal abriu essa seção, trazendo algumas pessoas que estudam, pesquisam sobre a área, então eu resolvi estender para os partidos de esquerda, para as organizações de esquerda, para acrescentar nesse debate. Eu estendi esse convite para o POR, para conversar sobre esse tema. Então, por favor, se apresente.*

*(...) os movimentos precisam empunhar a defesa do emprego para todos, por meio da divisão das horas de trabalho. A defesa do salário mínimo vital, diante da alta do custo de vida, que é aquele salário que de fato é suficiente para uma família trabalhadora. A gente está num momento de aumento da miséria, da fome, e isso recai de forma particular sobre as mulheres, sobre as famílias chefiadas por mulheres.*

**Resposta:** Boa noite, agradeço pelo convite. Vou expressar a posição coletiva construída junto ao Partido Operário Revolucionário, à Corrente Proletária na Educação, e ao Boletim Nossa Classe. A ideia desse debate é trazer essa visão que a gente tem desenvolvido no partido, entendendo como a continuação do legado de Marx, Engels, Lênin, Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo, e de tantos revolucionários que vieram antes da gente.

**P:** *A primeira pergunta é: Qual o papel das mulheres na luta contra esse governo que está colocado aí, que já causou tanta desgraça aí para a população?*

**R:** Para pensarmos o papel das mulheres nessa conjuntura, é importante entender o que elas têm sofrido. Vivemos a combinação de crise econômica com a crise pandêmica, que tem golpeado de forma muito violenta os trabalhadores, os explorados e oprimidos, de uma maneira geral, e que tem acentuado todo tipo de exploração e de opressão. As mulheres, por mais que estejam sob esse ataque geral, também têm sofrido de forma particular. Por mais que todos os trabalhadores estejam sofrendo com a grande mortandade pela Pandemia da Covid-19; com a destruição de postos de trabalho e fechamentos de

fábrica; com a ofensiva dos latifundiários e das madeireiras contra os camponeses, e também os povos indígenas; esse ataque geral é sofrido de forma particular pelas mulheres, porque elas acabam sendo punidas também por exercerem a função social da maternidade. Nos números das demissões, as mulheres têm sido mais demitidas, têm sido jogadas para postos de trabalho mais precários, para a informalidade. A situação das trabalhadoras domésticas também teve os níveis de exploração agravados. Nessa conjuntura, se têm agudizado todas as mazelas do capitalismo. As mulheres, junto com os homens trabalhadores, estão sofrendo muito com o desemprego, com a crise sanitária e a ausência de uma rede de proteção de fato. Junto com as demissões, acentuaram-se medidas da contrarreforma trabalhista, ampliando o corte de salários e de direitos. A ausência de serviços públicos também é um ataque, porque, cada vez que, seja por conta da Pandemia, seja por conta dos cortes orçamentários, há cortes no orçamento da Saúde e Educação, várias dessas funções são preenchidas justamente pelas mulheres, nos cuidados dentro de casa. *Acentua-se a escravidão da mulher no lar. Nossa reivindicação vai no sentido contrário, de exigir do Estado que assuma as tarefas que hoje são descarregadas sobre as mulheres, com a garantia de restaurantes, lavanderias, e creches públicas.*

É um momento bastante grave para os trabalhadores, de forma geral, para os explorados, para a classe operária e os camponeses, mas, em particular para as mulheres, e o papel que a gente tem, nesse enfrentamento, é de colocar no centro da nossa luta a defesa das reivindicações que protejam a vida dos explorados. É defender o emprego para todos, isso é uma bandeira histórica do movimento operário em relação às mulheres, da incorporação à produção, com salário igual, com direitos iguais, uma demanda básica, porque o desemprego dilacera a família trabalhadora, dilacera a juventude. Os dados mais recentes dos fóruns de segurança pública mostram como se tem agravado a mortandade da juventude negra, mas também de meninas, a exemplo do Ceará, onde avançam as facções. O fundamental é colocar no centro da luta as reivindicações mais sentidas das massas, que são basicamente a defesa dos empregos, *salários e direitos*. É muito importante que todos os sindicatos, centrais sindicais, movimentos de mulheres, negros, de fato, coloquem a defesa da reivindicação do trabalho.

*As direções dos movimentos enfatizam* questões mais da cultura, mas não se organizam em torno dessa necessidade tão sentida do trabalho. Um exemplo: aqui no Recife, sob a Pandemia, houve uma série de assassinatos de pessoas trans. Ao ver relatórios dos movimentos, vemos a pesquisa que mostra que a maior reivindicação das pessoas trans é justamente a defesa do emprego e renda. Essa é uma bandeira que unifica a maio-

ria explorada, defende os interesses gerais. Por isso, os movimentos precisam empunhar a defesa do emprego para todos, por meio da divisão das horas de trabalho. A defesa do salário mínimo vital, diante da alta do custo de vida, que é aquele salário que de fato é suficiente para uma família trabalhadora. A gente está num momento de aumento da miséria, da fome, e isso recai de forma particular sobre as mulheres, sobre as famílias chefiadas por mulheres.

É preciso que todo o avanço científico, que o capitalismo foi capaz de produzir, seja colocado a serviço das massas. A rede de saúde não esteve à disposição dos mais pobres. O SUS (Sistema Único de Saúde) precarizado não deu conta de salvar todas as vidas que poderiam ser salvas, porque isso dependeria também de expropriar a rede privada de saúde, sob o controle dos trabalhadores. Isso de uma maneira geral. Outro ponto relacionado à conjuntura é o avanço do obscurantismo. Antes mesmo da Pandemia, desde a crise de 2008, abriu-se uma nova etapa da luta de classes mundial, que foi acompanhado pela direitização da política burguesa. O aumento das visões obscurantistas penaliza bastante as mulheres, ao impor uma visão religiosa sobre o papel delas na sociedade, na família. Por isso, o enfretamento a esse governo leva à defesa democrática do Estado laico, *defesa que a burguesia já abandonou*. O capitalismo em desintegração não é capaz de responder aos problemas das mulheres. Por isso, o fundamental é que elas se organizem em defesa dos seus direitos, da sua condição de vida, junto com a dos homens explorados, e que isso seja um ponto de partida, para que elas se vinculem de fato às ideias proletárias, revolucionárias.

**P: Certo. Um tema que eu acho que é bastante discutido dentro do movimento feminista, do movimento de mulheres, é o tema do identitarismo. De posições identitárias. Eu queria que você falasse um pouco, como é que o POR, como é que você se posiciona frente a esse movimento identitário. E também eu queria que você fizesse uma comparação, o que é o feminismo marxista e o que é que é o feminismo liberal. E por que o feminismo liberal não traz, ou não costuma trazer, discussões como essa aqui, que você fez em torno da questão do salário e do emprego.**

**R:** Essa questão é bem interessante, pois a independência das mulheres em relação ao feminismo liberal (burguês) é parte da luta pela independência de classe. Também, em relação à conjuntura, há correntes centristas vendo como fazer a luta pelo “Fora Bolsonaro”, mas sem a direita. A separação do movimento de massas das ideias burguesas, como o liberalismo, se dá quando o centro da luta

está nas reivindicações das massas. A direita nunca vai se juntar aos trabalhadores na luta por emprego, por salário, por salário igual e direito igual *para quem executa os mesmos trabalhos*. A direita e os partidos burgueses em geral podem se juntar com as direções dos sindicatos e movimentos, em torno de uma estratégia burguesa de substituir um governo burguês por outro. Ao invés das Centrais estarem de fato organizando a luta nas portas de fábrica, nos locais de trabalho, moradia, em defesa das reivindicações, estão enfiadas na vala comum do “Fora Bolsonaro”.

Sobre a questão que você traz sobre a diferença entre feminismo marxista e liberal é necessário limpar o terreno do debate para responder. O marxismo, desde a sua origem, sempre se colocou contra todo tipo de opressão de classe e de exploração. O marxismo expressa a própria luta da classe operária, ao longo da história, e, nessas lutas, as mulheres tiveram e têm um papel fundamental, com grande criatividade e ousadia. Então, desde as primeiras lutas independentes da classe operária, os socialistas começaram a desenvolver a explicação sobre a origem da opressão sobre a mulher, e as formas de superar. Antes dos marxistas, os socialistas utópicos trouxeram contribuições em relação a essa forma de opressão. O marxismo vai basear-se também no que houve de mais avançado no pensamento de seus antecessores, e desenvolve o socialismo científico.

É bem curioso que as correntes que se reivindicam de um “feminismo marxista”, como as que me antecederam no debate no canal, podem falar aqui por uma hora, uma hora e meia com você, e não falam que a origem da opressão sobre a mulher se encontra na propriedade privada. Essa é a origem da opressão sobre a mulher, e isso é uma tese básica do marxismo. A primeira divisão do trabalho, que acompanha o desenvolvimento econômico da humanidade, será a divisão sexual, que, junto com o desenvolvimento da divisão em classes sociais, levará à passagem daquelas formas de organização matrilineares para o surgimento do patriarcado. A divisão da sociedade em classes acompanha o desenvolvimento da propriedade privada que, por sua vez, é a base do início da opressão da mulher. Essa explicação está nas bases da elaboração marxista. Estando claro que a origem da opressão sobre a mulher está na propriedade privada, e que perpassa vários tipos de sociedade de classes, concluímos que essa condição de inferiorização da mulher será mantida, enquanto imperar a dominação de classe. O que nos liga à estratégia, elaborada por Marx e desenvolvida pelos marxistas, a exemplo de Lênin, de superação do sistema capitalista por meio da revolução e da ditadura do proletariado.

Na fala desses grupos do feminismo, seja da academia, ou das esquerdas, que se reivindicam “feministas marxistas”, essa

**Publicado o livro:**

## RESPOSTA MARXISTA ÀS OPRESSÕES

**As distintas opressões têm em comum a raiz de classe da opressão social.** As suas particularidades exigem respostas que levem ao programa da revolução proletária. Este livro sustenta essa premissa marxista, que se choca frontalmente com o conservadorismo e o reformismo burgueses.



**R\$ 35**

**ADQUIRA  
COM NOSSO  
DISTRIBUIDOR**



fundamentação de classe desaparece. O que fica é a denúncia. E o marxismo não é uma série de denúncias. É um método científico, que permite conhecer como é que a opressão sobre a mulher se organiza, para saber como transformar, como desmontar o sistema de subordinação e discriminação. As experiências de luta dos trabalhadores impulsionam o desenvolvimento das teorias revolucionárias, mas quando os trabalhadores sofrem retrocessos nas suas formas organizativas e teóricas, isso vai se expressar também. O marxismo, que deu a resposta mais completa ao problema da opressão sobre a mulher, tendo como obras fundamentais a obra de Bebel, “A mulher e o socialismo”, a obra do Engels “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, todo o desenvolvimento da questão pela III Internacional, com Lênin, Clara Zetkin, há um conjunto riquíssimo de explicações em relação à opressão sobre a mulher. Porém, com a experiência de degeneração do Estado operário, de degeneração do partido bolchevique pelo estalinismo, houve retrocessos nesse âmbito, também.

Esses retrocessos são a base de onde vai surgir essa ideia de que pode haver uma junção entre feminismo e marxismo. Porque a elaboração dos revolucionários da época de Marx, de Engels, de Lênin, é de que o feminismo era uma doutrina das mulheres burguesas e pequeno-burguesas. E que, conforme a Clara Zetkin, a Rosa Luxemburgo e o Lênin, o que se tratava era organizar as massas femininas sob o programa de destruição do capitalismo. Mostrar a elas que os problemas delas não seriam resolvidos dentro do sistema capitalista. São as concepções burguesas e pequeno-burguesas que vão se agrupar sob a bandeira do feminismo. As concepções burguesas tinham a ver com a luta das mulheres burguesas pelo voto, para elas poderem exercer também o seu papel de proprietárias, elas poderem administrar os negócios de suas famílias. As pequenas-burguesas, conforme vão se desenvolvendo várias funções estatais, queriam ter acesso ao trabalho. Enquanto as mulheres operárias estavam junto com homens operários, lutando pelos direitos das mulheres, os direitos dos trabalhadores. Nessas lutas, os revolucionários procuravam elevar a consciência das massas, para que elas enxergassem que a burguesia não seria capaz de resolver seus problemas.

Os retrocessos provocados pelo estalinismo darão base para que, nos anos 1960, comecem a se desenvolver os movimentos em torno das particularidades. Temas que antes eram abordados pelo marxismo como parte dos interesses gerais dos explorados, sob o estalinismo, vão sofrer um grande retrocesso, inclusive em relação à questão da mulher. Os avanços dos primeiros anos da Revolução Russa, de direito ao aborto, divórcio, os esforços para eliminar a escravidão do lar, vão sofrer retrocessos, assim como da opressão sobre homossexuais e a opressão sobre as nacionalidades. Isso vai criar o caldo para que venha a ideia de que: “Ah, o marxismo não dá respostas a essas questões, por isso é necessário buscar outras concepções”. Depois dos anos 1960, essa posição feminista vai ganhar mais força. Do ponto de vista da questão das mulheres, começa a se desenvolver, primeiro dentro da academia, a ideia de que existia uma opressão de gênero que não era a opressão de classe. Para isso, se desenvolverá uma visão muito estreita do que é classe. Em geral, quando o feminismo estabelece três relações paralelas – de “classe, raça e gênero” –, refere-se à classe

na aceção liberal, como renda. Então, “se são opressões paralelas, se a pessoa é mulher, ela tem um tipo de opressão, essa opressão tem uma origem... Se ela é negra, ela vai ter outro tipo de opressão. E se ela é pobre, ou rica, ela vai ter outro tipo, e isso vai se agregar”. E a concepção marxista, quando fala que a opressão da mulher é de classe, é porque ela surge com a sociedade de classes, com a propriedade privada. Às vezes, tem uma visão muito estreita de que falar de classe é só falar de burguesia e proletariado, e ponto. Na concepção marxista, a resposta do problema do racismo está totalmente ligada ao colonialismo, a esse problema da opressão. Assim como a resposta à opressão sobre a mulher está totalmente ligada à eliminação da propriedade privada. Por conta desse desenvolvimento, que vai dando origem ao que as “teóricas” do movimento feminista chamam de ondas, de um feminismo mais liberal, que vai falar que exige os direitos iguais, e depois desse feminismo da diferença, e esse feminismo da diferença seria aquele que você vai transformar cada particularidade, de cada conjunção de particularidades, numa linha diferente desse feminismo. Então aí faria sentido dizer que você tem um feminismo socialista, um feminismo católico, um feminismo muçulmano, um feminismo evangélico, um feminismo indígena, um feminismo camponês, um feminismo branco, um feminismo negro, e aí tem todos esses elementos.

A caracterização do POR é de que, assim, houve um retrocesso teórico e organizativo, por conta do retrocesso do movimento operário internacional – imagine a dimensão que foi liquidar com a III Internacional. Há formulações riquíssimas da III Internacional, sobre a opressão às nacionalidades, sobre opressão à mulher, a opressão aos negros, junto com o programa geral revolucionário. Houve esse retrocesso, primeiro com a decomposição da III Internacional, e depois do seu fechamento. Hoje, não temos uma Internacional. Houve tentativas de reconstrução que não foram adiante, isso propiciou o terreno para que essas ideias de outras origens de classe da burguesia e da pequena-burguesia se fundissem com aqueles agrupamentos de mulheres que vinham de correntes que se reivindicavam como marxistas, até mesmo trotskistas, e aí elas vão começar a formular que existe um feminismo marxista. Para o POR, é o próprio marxismo que tem essas respostas, seja em relação à origem da opressão sobre a mulher, seja em relação a como superar a condição de escravização da mulher no lar. Porque, do mesmo jeito que essas correntes de esquerda, que têm as suas correntes feministas, abandonaram a estratégia revolucionária, que é a estratégia da ditadura do proletariado, que era central no pensamento do Marx. Tem aquela carta do Marx (a Weydemeyer), em que ele fala que a sua contribuição não é a luta de classes, mas sim falar que a luta de classes leva à ditadura do proletariado. Esse feminismo marxista não defende isso. Então, que feminismo marxista é esse? Se uma corrente petista é feminista, você vai ver que a estratégia de reformar o Estado burguês vai aparecer no projeto também para as mulheres. Se você tem uma corrente como o PSOL, com toda a sua federação de correntes, você vai ver que a estratégia do PSOL é a da estratégia de reformar esse Estado, de democratizar, de garantir maior presença das mulheres dentro do parlamento, e aí o feminismo delas vai expressar essa estratégia. Se você tem correntes que oscilam, o feminismo delas vai oscilar também,

entre orientações reformistas, oportunistas, e algumas pinceladas da concepção revolucionária. E se você tem correntes estalinistas, elas também vão reproduzir a estratégia do estalinismo. Então, é por isso que essa ideia de um feminismo marxista, ela foi uma criação, a partir dos anos 1960, 1970. Ela não é uma elaboração que vem do próprio marxismo. E, para o POR, isso é revisionismo. Não é uma continuação daquele pensamento. O que, de forma alguma, significa minimizar a luta das mulheres, a necessidade de organização das mulheres, mas é aquilo que a Rosa Luxemburgo falava com muita clareza, que era a necessidade de separar as massas exploradas da influência das ideias do feminismo burguês e pequeno-burguês. Clara Zetkin também. Essa é a essência desse pensamento. Depois de décadas, há pessoas que chamam Rosa Luxemburgo de feminista, quando ela sempre combateu essa concepção, por entender que era uma corrente burguesa e pequeno-burguesa. Então, mais do que feminismo marxista, feminismo liberal, é preciso entender a raiz de classe de cada uma dessas concepções. É por isso que é importante ver quais são as concepções que correspondem ao programa proletário, e aquelas que têm a ver com a pequena-burguesia e a burguesia.

**P:** *Sim. Eu escuto muito o argumento do “sai macho”, mas eu sempre tive a seguinte preocupação de que era preciso levar essa discussão da luta das mulheres para dentro das fábricas, e isso implicaria discutir com trabalhadoras e trabalhadores. Eu queria que você colocasse um pouco desse tema: a luta das mulheres é algo restrito das mulheres, ou é uma demanda da classe trabalhadora como um todo?*

**R:** Em relação à concepção marxista, o problema da mulher é entendido não como um problema particular das mulheres, mas como um problema geral dos explorados, nunca houve essa delimitação, essa divisão sexual do trabalho teórico. Teremos grandes contribuições de homens e de mulheres sobre essa temática. E a condição de ser homem ou ser mulher não dá maior cientificidade, maior aproximação à realidade. Não estamos aqui conversando sobre minha vivência como mulher, as coisas que eu já sofri como mulher, nisso provavelmente vai ser insubstituível o meu depoimento. Mas o marxismo não se baseia em um relato de experiências, ou de depoimentos. Ele tem um método para procurar, por meio do materialismo, e encontrar as raízes materiais dos problemas. E, junto com uma perspectiva de teoria e prática conjuntas, conseguir enfrentar esses problemas e superá-los. Então, nesse sentido, dentro da concepção marxista, nunca houve essa separação. A gente tem também, como um documento muito valioso, as resoluções da III Internacional sobre o trabalho com mulheres. E, por mais que eles falem da necessidade de criar organismos especiais para planejar esse trabalho entre as mulheres, para ver como vai ser feito, para passar de porta em porta, vai à porta de fábrica, conversar, tem uma orientação explícita de não criar organismos puros de mulheres, de ser uma luta geral de fato.

Então, essa questão, que você está chamando do “sai ma-

cho”, uma ideia de que essa luta é exclusiva das mulheres, ou que os homens têm de ter um papel, ali, meio que de expectadores, e apoiadores, se manifesta. Um dos espaços em que isso se manifesta é nas reuniões de organização do dia 8 de março. O 8 de março é uma data que surgiu do movimento das mulheres revolucionárias, surgiu da experiência da Revolução Russa, dessa unidade de mulheres e homens, em defesa de suas vidas, e se chocando com o sistema capitalista. Aí as organizações feministas dizem que: “aqui o homem não pode falar”. Há uma série de coisas assim, que criam uma grande confusão. Porque essa ideia de que existe uma opressão de gênero separada da opressão de classe, que se manifesta em particular sobre a mulher, vai dar origem à tática de que esse problema tem que ser enfrentado pelas mulheres, de uma forma em separado. Por mais que elas possam buscar alianças, ou táticas, ou estratégias com outros setores dos explorados, elas entendem que é uma luta das mulheres. Isso faz com que a aliança acabe se dando, na prática, entre as mulheres de diferentes classes, e isso vai levar *ao campo da burguesia...* essa concepção sempre vai ser sustentada por correntes que já abandonaram a estratégia revolucionária. O que a elaboração dos revolucionários legou para a militância é que, sem a luta revolucionária para sepultar esse

***Na concepção marxista, a resposta do problema do racismo está totalmente ligada ao colonialismo, a esse problema da opressão. Assim como a resposta à opressão sobre a mulher está totalmente ligada à eliminação da propriedade privada.***

sistema, não vai ter libertação da mulher. O capitalismo não é capaz de libertar a mulher da condição de oprimida. Ele não é capaz de modificar essa estrutura da família monogâmica *como unidade econômica*. Ele não é capaz de garantir o fim da escravidão do lar, por meio da transformação das tarefas domésticas em tarefas de fato socializadas, que sejam empunhadas pela coletividade. Sem a perspectiva revolucionária, a luta será

só para conseguir mais reformas. O meio para viabilizar seria o “empoderamento”, a ideia de que, para defender as mulheres, é preciso ter mais mulheres nos postos-chave políticos, etc. Foi muito marcante um episódio, que aconteceu em 2007, no Pará, que foi um caso de uma jovem, uma menina de 15 anos, que foi presa por tentativa de furto. Ela foi presa numa cela com 20 homens, e todas as pessoas que decidiram essa punição eram mulheres. Foi uma delegada mulher que decidiu colocar essa menina de 15 anos com 20 homens numa cela, e essa menina foi estuprada por vários dias por esses homens, obviamente. Depois de 10 dias com algumas denúncias, até alguns detentos se sensibilizaram, aí ela foi para uma juíza, e essa juíza mulher, ela também falou “não, você vai continuar nessa cela com esses homens”. E ela ficou por quase um mês lá, até que um dos detentos conseguiu sair dessa condição e denunciou ao Conselho Tutelar. E na época, inclusive, quem governava o estado do Pará era a governadora Ana Júlia, do PT. Então, você vê que essa ideia de que seria uma coisa de que, se você tivesse mais mulheres no parlamento, se você tivesse mais mulheres diretamente lidando com as mulheres, seja no judiciário, seja nessas instâncias da segurança pública, você teria outro tratamento. Essa ideia está muito impregnada de uma perspectiva de solução dentro do sistema capitalista, apenas inserindo essas mulheres nesses espaços de poder. Esse é um aspecto da questão.

O outro, que você falou, inclusive, é o de poder fazer esse

trabalho nas portas de fábrica. A gente não vai conseguir eliminar essa expressão cultural da opressão sobre a mulher sem eliminar suas bases materiais. Então, não vai ser com uma catequese moral, ou puramente com educação e punição, que vamos conseguir eliminar a opressão sobre a mulher. Teremos de impulsionar a luta coletiva, o avanço da consciência de classe dos trabalhadores, para eles irem assimilando esse programa, que é um programa de emancipação da classe operária, mas sabendo que essa emancipação inclui também a libertação das mulheres. Ao mesmo tempo em que, sem essa revolução, não é possível libertar as mulheres; sem a participação das mulheres não é possível ter nenhuma revolução, porque elas são uma parcela enorme dos explorados. E também porque, quando as mulheres, nos processos de luta, elas não estão ao lado da classe operária, elas são usadas, inclusive por meio da questão religiosa, como um freio conservador, reacionário. Essa é a importância. Essa unidade será construída nas lutas concretas, em defesa das reivindicações. Porque não vai bastar à militância e ao movimento ficar achando que vai conseguir-se, por meio da educação e da punição, alterar essa condição significativamente.

***Teremos de impulsionar a luta coletiva, o avanço da consciência de classe dos trabalhadores, para eles irem assimilando esse programa, que é um programa de emancipação da classe operária, mas sabendo que essa emancipação inclui também a libertação das mulheres.***

**P:** *Concordo contigo, mas uma coisa que me chama atenção é que a ideologia dominante do machismo está presente inclusive dentro da própria esquerda, e dentro do próprio movimento de trabalhadores. Como lidar com isso, então?*

**R:** Nos processos de luta, os movimentos vão conseguindo dar as suas respostas. A mulher que sofre uma discriminação, um abuso, inclusive dentro desses espaços, tem o direito de exigir a punição. Nossa visão, porém, é oposta à perspectiva pós-moderna, de que é preciso “desconstruir o machismo”, “desconstruir essas relações”, e “desconstruir” é um processo de educação e punição, e um dos meios de punição são os escrachos, que têm sido utilizados nas esquerdas. Esses métodos de combater o “machismo” com educação-punição são como tentar esvaziar um mar de opressão com uma canequinha. Podemos dedicar a vida a tentar eliminar a opressão, defrontando-se com as atitudes machistas de um e de outro, e o capitalismo vai continuar ali, operando. Outro aspecto que vem com as perspectivas pós-modernas, também, é uma ideia de que o poder já não é mais um poder de classe que está no Estado. Mas sim que esse poder está em feixes, em vários âmbitos da vida social. É por isso que, a partir dessa ideia, é possível você “desconstruir” essas relações, “se empoderar”. Isso tem muito a ver, inclusive, com uma perspectiva que o feminismo trouxe, que é a ideia de que o pessoal é político. Então, abdica-se da luta pela tomada do poder, inclusive se apoiando nas várias coisas terríveis que o estalinismo fez, para falar “o marxismo

não dá resposta”, mas é aquele marxismo estalinista, que não dá resposta... “o marxismo não dá resposta, então, agora eu vou fazer essa luta no meu cotidiano, e aí eu vou passar o meu cotidiano me defrontando com essas atitudes, e vou dedicar minha militância a isso”. Isso acaba ocultando as verdadeiras raízes e a verdadeira necessidade de ter esse enfrentamento. *Procurar enfrentar essas manifestações da opressão sobre a mulher, sem tocar suas raízes é como aquele mito grego em que se deve rolar todos os dias uma pedra montanha acima e, ao fim do dia, ela volta ao ponto inicial.* Se não se identifica o que é causa e o que é efeito, ficaremos combatendo os efeitos, e a causa está ali, jorrando opressões, o tempo todo. Por mais que a cada caso escabroso de violência, de discriminação, os casos ganham visibilidade, como os estupros coletivos, a cada caso desse, vamos ligar o noticiário e encontrar inclusive jornalistas falando que “isso é culpa da cultura do estupro... é culpa dessa cultura machista”. No parlamento, esses momentos de comoção geram leis mais repressivas a esses casos, “então, agora esse caso vai ser crime hediondo, vai ter uma punição a mais, vai ter tal coisa...”, essas legislações, porém, são incapazes de frear a marcha da decomposição social. São incapazes de frear o aumento da opressão sobre a mulher. É por isso que, para o POR, não vai ser “desconstruindo” um e outro que enfrentaremos a opressão.

Não sei se você acompanha as elaborações da ONU, do Fórum Econômico Mundial. A partir do momento em que a ONU reconhece a opressão sobre a mulher e começa a ter um trabalho específico, ela vai tratar isso como um problema cultural, ela oculta as raízes econômicas desse problema. É como se o bloqueio exercido pela cultura machista impedisse as mulheres de se desenvolverem plenamente. Nunca a ONU vai falar da base material. Nunca o Fórum Econômico Mundial, que a cada ano tem seu indicador da desigualdade de gênero, vai falar que a raiz é a propriedade privada. Eles nunca vão falar isso. Eles vão falar que é um problema da cultura, e que será enfrentado com mais leis e com mais processos de educação, com mais políticas públicas. A Oxfam tem desenvolvido, junto com a CEPAL, a defesa de um “Estado de bem-estar do cuidado”, com políticas de cuidado, que não tiram a mulher da escravidão do lar, mas defendem remunerar esse trabalho doméstico. E é bem curioso quando a gente acompanha essas propostas, porque esses organismos ficam prometendo que vão resolver o problema da mulher. A ONU, primeiro, fez aqueles objetivos do milênio, falava “até 2015, vamos alcançar a igualdade de gênero”. Aí passou para 2030. O Fórum Econômico Mundial, a cada ano, em vez de diminuir o tempo que promete que vai chegar à igualdade de gênero, ele aumenta. No relatório de 2018, dizia “daqui a 202 anos vamos conquistar a igualdade de gênero, econômica”. No ano seguinte, ele aumentou pra 257, e o que eles mandaram, esse ano, já fala de 266 anos pra alcançar essa igualdade. Se não entendermos que a causa está na propriedade privada *dos meios de produção*, e que teremos de nos organizar para eliminar a dominação da burguesia, ficaremos achando que vamos eliminar a opressão no nosso cotidiano, no entorno... Não é que não queiramos ter relações menos opressivas, que não vamos combater a violência sobre a mulher. Mas, sempre vamos fazer esse combate como uma luta coletiva. Porque, se não, eu posso resolver a minha vida individualmente, mas eu não vou estar ileso mergulhada nessa



sociedade, nessa barbárie, e principalmente as mulheres proletárias, camponesas, indígenas, elas também não vão estar a salvo. Então, isso acaba sendo uma solução ilusória. É por isso que é um grande desvio na luta, você apostar sua militância, dedicar sua energia, a esse processo de punição-educação para enfrentar as opressões.

**P:** *Você citou, no começo da entrevista, a esquerda. E o que se percebe, nesse último período, desde as mobilizações contra o Eduardo Cunha, eu acho que se aprofunda, agora, com o governo Bolsonaro, muitas meninas, muitas mulheres, simpatizando pela ideia do feminismo. Mas eu vejo que muitas dessas meninas não estão organizadas na esquerda. E meio que acaba se encantando com o canto da sereia, que é o do feminismo liberal, tudo mais. A esquerda, nesse ponto, está falhando em oferecer uma alternativa para a questão da luta das mulheres, para essa nova geração, digamos assim, que está mostrando interesse sobre o tema?*

R: É, de fato, em 2015, foi o momento em que o Cunha fez aquela ofensiva da bancada da Bíblia, quando houve as manifestações “Cunha sai, pílula fica”, contra as restrições à pílula do dia seguinte e ao aborto legal. De lá para cá, houve grandes manifestações de mulheres. *Mais uma vez, temos que tratar do retrocesso organizativo e teórico para entender porque as meninas acabam buscando essas respostas*, e aí não é só o feminismo liberal que é o problema. Há correntes de esquerda que fazem um ecletismo, mesclando feminismo e marxismo, e elas também são parte desse problema. Mesmo que haja vários coletivos, movimentos, de uma forma ou de outra, eles estão ligados às organizações partidárias, mesmo que não seja um vínculo orgânico. Tanto é que, na hora das eleições, esse pessoal vai se colocar detrás das candidaturas dos partidos centristas, reformistas... E como essas esquerdas procuram lidar com isso? Elas procuram lidar se adaptando a essa condição.

Têm sido frequentes, por exemplo, as candidaturas coletivas, com maioria de mulheres, e aí tem de ter uma mulher trans, tem de ter a mulher negra, tem de ter a mulher lésbica... As esquerdas estão se adaptando à vertente de que para de fato expressar os interesses das massas, que têm essas diferenças de vivências e identidades, é necessário haver uma autorrepresentação, por meio da identidade. A lógica é “se há uma pessoa trans no parlamento, ela vai defender a vida das pessoas trans, se há uma pessoa negra, ela vai defender a vida das pessoas negras”. As esquerdas, ao criarem seus coletivos, têm separado cada vez mais as meninas, as mulheres jovens, de uma luta mais geral contra a exploração e a opressão. Com muitas concessões às vertentes mais liberais, que pregam a liberdade do corpo. Para essas vertentes, é preciso uma organização estritamente de mulheres negras para dar resposta ao problema das mulheres negras; mas, se for uma mulher negra e trans, já é necessária outra organização; se for uma mulher negra, trans e deficiente, é preciso outra organização.

É como se, de cada uma das suas vivências (e são infinitas as possibilidades dessas vivências, e dessas diferentes formas como as pessoas se identificam e se relacionam), como se cada uma delas devesse levar para um tipo de organização em separado, pode ter momentos de aliança, mas que tem de cami-

nhar separado, senão aquela condição não vai ter visibilidade. Isso cria um emaranhado, um fracionalismo que, praticamente, torna inviável formar a maioria nacional que possa fazer uma insurreição e acabar com o poder da burguesia. Isso, em geral, desvia bastante o foco da luta contra a burguesia. Muitas vezes, essas pautas se dão no interior das classes médias, na forma de concorrência por espaços de ensino, de trabalho. Como partido, defendemos que se coloquem em prática as legislações de cotas para as pessoas negras, mas denunciemos que isso não vai resolver o racismo, não vai resolver o acesso à Educação, precisamos de uma luta mais geral por acesso universal à Educação. Nesses movimentos, o pessoal vai fazendo uma luta corporativa, e que abandona as lutas gerais da Educação como acesso universal, de emprego para todos. Mas, quando a gente se aproxima mesmo desses movimentos, e vai escutar as massas, vamos ver que é uma demanda concreta das pessoas trans, da juventude, da mulher operária, a defesa, por exemplo, do trabalho, e essas organizações não empunham a defesa do *emprego para todos*. O que defendem, muitas vezes, é uma cota dentro dos trabalhos existentes. Por mais que as centrais sindicais tenham seus coletivos de negros, de mulheres, de LGBT, não estão impulsionando a luta geral em defesa dos empregos, contra o fechamento das fábricas.

Agregar essa juventude é um desafio. As meninas, jovens e mulheres são expostas à ideologia do empoderamento, que tem ganhado bastante espaço nas mídias. Já houve momentos em que a classe dominante expressava mais ideias mais reacionárias nos meios de comunicação monopolistas, como a Rede Globo, mas eles têm aberto bastante espaço para as ideias que correspondem ao feminismo burguês e pequeno burguês, que ganham maior projeção quando estamos enfrentando outra ala da burguesia, obscurantista, então parece que o choque é de fato entre esse feminismo burguês e pequeno burguês, e o obscurantismo religioso, quando, na verdade, o que a gente precisa é se organizar com independência de classe. Por mais que possam ter temas em que tenhamos de lutar junto com as mulheres, de outras classes, é preciso ter independência de classe, seja quando se traça qual é o nosso programa, quais são nossas reivindicações, quais são as reivindicações que de fato protegem a vida das meninas e das mulheres. É basicamente por aí que os poristas têm procurado se construir, sabendo que é uma tarefa histórica bem grande, que vai precisar de muitos reforços.

**P:** *Você cita o debate sobre a ocupação dos espaços ditos públicos. Então a posição de vocês é de que as mulheres têm que, por exemplo, se negar totalmente a ocupar uma cadeira no parlamento? Ou, se ocupar, qual que seria o papel dela?*

R: Rosa Luxemburgo faz bem esse debate em “Reforma ou Revolução”. A questão não é o “quê”, é o “como”. Para os revolucionários, a atuação no parlamento sempre esteve subordinada à estratégia revolucionária. Atua-se no parlamento, desde que se possa fazer dele uma tribuna em defesa da revolução. Nas condições em que as massas têm ilusões na democracia burguesa, o revolucionário está ali para falar, “olha, não vai ser por aqui que essa transformação vai acontecer, a gente vai precisar recorrer aos nossos próprios métodos”. Quando Rosa Luxemburgo escreveu o “Reforma ou Revolução”, na passa-

gem do século XIX para o século XX, ela estava combatendo o início dessa degeneração reformista do partido operário social-democrata alemão, quando a corrente do Bernstein começava a falar que o objetivo final do socialismo não é nada, e o que importa é essa a luta cotidiana. Ele está escrevendo isso, muito encantado com o aumento do número de cadeiras que o partido operário social democrata alemão conquistou dentro do parlamento, e aí começa a desenvolver uma ideia de que vai ser possível chegar ao socialismo pela via do parlamento, por meio de reformas graduais.

No caso da mulher, é mesma coisa, inclusive, a Rosa Luxemburgo, quando falava dos movimentos das sufragistas, tratava de que não se pode, em momento algum, alimentar a ilusão das mulheres trabalhadoras de que os seus problemas serão resolvidos no parlamento. Então, a questão não é se pode ou não pode atuar no parlamento, mas é como fazer essa atuação. Esta atuação tem sido feita pelas correntes centristas e reformistas para reforçar a ilusão de que é possível conquistar a libertação da mulher por meio do parlamento, que isso vai ser um processo gradual. Eu vi uma das suas entrevistadas aqui desse ciclo de debates, que era do PSOL, ela falava que quando chega alguma jovem desanimada, ela diz “já conquistamos muito e vamos conquistar mais, temos muitas mulheres na nossa bancada do PSOL, a gente está avançando”. O método dessas correntes é eu ter cada vez mais mulheres que se candidatem, que essas mulheres tenham origens cada vez mais diversas. Então, que lindo se puder ter uma vice-presidente indígena, que bom se tiver uma deputada trans. E a questão não é que essas mulheres não devam se candidatar, mas sim qual o programa que elas empunham? Porque a condição de ser mulher não implica em qual é a posição que vai ser defendida. Há mulheres extremamente reacionárias no parlamento, no judiciário, em vários espaços. Há mulheres, de diferentes origens, que vão expressar a concepção feminista burguesa, outras a concepção feminista pequeno burguesa, que vai ter uma grande ilusão de que vai ser possível resolver os seus problemas tendo uma maior participação no parlamento, nos espaços de poder.

Essa linha não está em choque com o programa, por exemplo, o da ONU, ou o do Fórum Econômico Mundial. O Fórum Econômico Mundial, por exemplo, quando fala da necessidade de ter igualdade de gênero, um dos critérios é o a paridade dentro dos espaços do parlamento. Há correntes que apostam nisso, e militantes que dedicam a vida a isso, enquanto a raiz da opressão, a propriedade privada dos meios de produção, continua emanando todas as suas desgraças. Enquanto as raízes da opressão continuarem intactas, os tormentos das mulheres exploradas continuarão a se reproduzir. É preciso entender que essa promessa é um desvio. Agora, se a gente tiver condições de atuar *nas eleições* defendendo as ideias revolucionárias, a gente tem de fazer isso. O nosso partido não se legalizou, não encontrou condições de se legalizar dentro das medidas restritivas que existem, e também por conta do nosso caráter embrionário, nosso processo de construção. Infelizmente, não se tem visto nas correntes que têm atuação no parlamento uma posição que se diferencie de fato, que saia do campo da política burguesa. No geral, são políticas que vão reforçar uma ideia de que é possível superar ou amenizar os vários problemas das mulheres por essa via. E, mesmo que falem que também

são anticapitalistas, nas falas não aparece o que é esse anticapitalismo. É uma denúncia meio genérica, sabe? Não se ligam os métodos e táticas correspondentes a uma estratégia revolucionária. Esses partidos não têm essa estratégia, de fato.

**P: Estamos quase no final da entrevista. Como o POR faz o balanço do que foi o governo Dilma. Eu te faço a seguinte pergunta: a Dilma sofreu um golpe por ser mulher ou teve outras questões aí envolvidas por trás? Porque eu escuto muito que o golpe se deu por ser contra uma mulher, mas eu te passo o bastão aí pra você responder.**

R: Eu acho que você está pedindo um balanço do governo da Dilma por ela ser mulher, mas o que eu vou falar, de forma mais geral, será dos governos do PT, porque o PT tem a característica de ser um partido que se originou do movimento operário, dos movimentos sociais, de alas da Igreja Católica que se apresentam como progressistas. E o PT vai abrigar também organizações feministas, que vão se vincular com as ideias do PT. Então, os governos do PT são uma experiência muito importante para a gente *caracterizar e* assimilar. O PT é um partido que, já nos seus primeiros congressos, definiu que a estratégia dele era uma estratégia de democratizar o Estado burguês, de conseguir garantir um desenvolvimento sustentável e inclusivo, ele surgiu com esse elemento. A eleição de governos do PT contou com a militância de muitos movimentos sociais, inclusive movimentos feministas.

Os governos do PT tiveram a particularidade de serem governos de conciliação de classes. Um dos instrumentos da conciliação de classes foi a implementação de canais considerados de “participação popular”, como as conferências, os conselhos, e inclusive o governo criou órgãos como a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, e a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. O governo preencheu essas estruturas de militantes dos movimentos feministas. É muito importante entender que o governo do PT, por ser um governo de conciliação, vai levar a fundo a questão da conciliação de classes e da estatização dos movimentos de massa. Seja o movimento sindical, seja o movimento estudantil, e vários movimentos sociais vão sofrer com esse processo de estatização. Isso promove certo imobilismo dos movimentos, porque a ideia do governo do PT é “deixa com a gente que a gente vai fazer, ou a gente não está fazendo ainda, porque tem a herança maldita do FHC, mas depois que a gente arrumar a casa, a gente vai conseguir”.

Os governos do PT vão incorporar, de forma mais orgânica, as resoluções da ONU, estará, entre as diretrizes do governo, a ideia de empoderamento, de uma política transversal para as mulheres, que passe pela política de saúde, pela política da assistência, pela política educacional, o PT vai, de certa forma, colocar isso em prática. E, sob os governos do PT, haverá o desenvolvimento de legislações mais punitivas da violência contra a mulher. Com Lula, a Lei Maria da Penha, e, com Dilma, a Lei do Feminicídio. Mas, ao acompanhar a implementação dessas leis, se vê que elas não conseguem conter a violência contra a mulher, porque esse problema não é um problema de falta de lei, é um problema que emana da propriedade privada *dos meios de produção*. Engels, em “A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, fala que a conquista das leis é

importante para se perceber que elas não resolvem o problema das mulheres, *indicando a necessidade de ir à raiz desse problema*. Lênin, Rosa e outros revolucionários desenvolveram essa mesma análise, sobre o papel das conquistas legais. A experiência que é necessária de se fazer com os governos do PT é que os avanços de legislações não são suficientes para frear a opressão sobre a mulher. Após a criação das Leis Maria da Penha e do Feminicídio, por exemplo, caem um pouco os índices de violência contra as mulheres brancas, mas aumenta muito a violência contra as mulheres negras. No período, houve legislações mais punitivas, e algumas medidas educacionais, que são pautas dos movimentos de mulheres. A questão do direito ao aborto, sob os governos do PT, não avançou. Ao gerenciar o capitalismo em crise, o PT teve de se dobrar em relação às Igrejas. O governo Dilma, em particular, diante da crise econômica e da crise política, se submeteu mais às bancadas religiosas. Dilma retirou de pauta o chamado “Kit gay”, que era um programa de combate à homofobia nas escolas. O governo Dilma, portanto, não defendeu o aborto, que é uma defesa básica da vida das mulheres, da autonomia em relação aos seus corpos. A garantia do aborto seguro e gratuito sempre foi uma bandeira do movimento socialista, não dissociada da proteção à maternidade. Então, primeiro, que se garantam as condições para que a mulher, se ela quiser levar uma gravidez adiante, ela leve, porque, muitas vezes a mulher vai abortar, porque não tem condições materiais pra isso. Mas, a mulher tem de ter liberdade irrestrita, para levar adiante ou não uma gravidez. Isso foi conquistado com a Revolução Russa de 1917.

Não dá para a gente pensar a atuação do governo em relação às mulheres só quanto à política para as mulheres. Para além das pautas mais típicas das mulheres, os governos do PT também golpearam os trabalhadores. Dilma vai fazer suas medidas de ajuste fiscal diante da crise, como as medidas provisórias que retiraram o seguro desemprego, seguro defeso, e afetava pensões de mulheres viúvas. Ela tinha engatilhado uma proposta de reforma da Previdência, que tinha os mesmos elementos que o Temer, depois, colocou em pauta, e que o Bolsonaro aprovou. Então, não dá para acreditar que, pelo fato do Lula ter sido um operário, ele resolveria os problemas da classe operária, e, muito menos, que o fato da Dilma ser mulher levaria a uma solução dos problemas das mulheres.

Você perguntou se o golpe foi porque Dilma é mulher. O golpe de 2016, que se revestiu dessa forma institucional de *impeachment*, se deu, porque o Brasil foi atingido em cheio pela crise que tinha começado lá em 2008, mas que vai pegar o Brasil mesmo, afetar mais a economia, em 2014, 2015 e 2016, com a recessão. O governo do PT, por ser um governo de conciliação de classes, não conseguia atender às necessidades do capital financeiro, com ritmo e intensidade exigidos. Nos momentos mais favoráveis da economia mundial e nacional, os governos do PT atenderam algumas pautas dos movimentos, mas, no geral, garantiram prioritariamente os lucros das multinacionais, dos banqueiros. E, ao garantir essas condições, mesmo com atenuantes, golpeia homens e mulheres trabalhadores. Quando vem a crise, o governo do PT não conseguia aplicar as medidas de ajuste que o imperialismo queria, com a celeridade que era necessária. No jogo político, na baixaria que foi o processo do *impeachment* aí vai aparecer também essa expressão da inferiorização da mu-

lher, da Dilma por ser mulher. Mas, isso não é a causa do golpe, mas sim a cobertura ideológica. Assim como a condição da origem operária e nordestina do Lula também será usada para emanar preconceitos, no jogo sujo da política burguesa.

O golpe interrompeu a experiência das massas com os governos do PT. Se o governo do PT se tivesse mantido, ou se o PT voltar ao poder, ele vai ter de golpear mais os trabalhadores, porque ele governará para a burguesia, num cenário de crise. Como essa experiência foi interrompida pelo golpe, então, o PT teve até um fôlego, e volta a despertar bastantes ilusões entre os trabalhadores, entre as mulheres, negros, indígenas. Eu assisti as entrevistas anteriores, sobre as esquerdas e as lutas das mulheres, no seu canal, e as convidadas não quiseram falar disso, porque as esquerdas estão preparando um grande frentão, em torno da candidatura do PT. Aí não pode mais falar de balanço sobre Dilma. Mas, se a gente não falar do passado criticamente e, se necessário, até autocriticamente, a gente não aprende com as experiências. Então, elas não falam porque, nesse momento, não é conveniente. Mas, é muito importante fazer as experiências com a realidade concreta, porque, a partir delas, vamos vendo os caminhos por onde atuar, e vamos evitar as armadilhas.

---

**(...) é preciso ter independência de classe, seja quando se traça qual é o nosso programa, quais são nossas reivindicações, quais são as reivindicações que de fato protegem a vida das meninas e das mulheres. É basicamente por aí que a gente como partido tem tentado se construir sabendo que é uma tarefa histórica bem grande que vai precisar de muitos reforços.**

---

**P:** Estamos indo para a última pergunta, a respeito da prostituição. É uma questão muito discutida no movimento feminista, há aqueles que defendem e os que se colocam contra. Qual a posição do POR em relação a esse tema?

**R:** Em relação à prostituição, há um longo percurso de desenvolvimento, dentro do marxismo e do leninismo, que constata que a prostituição não tem como ser eliminada no capitalismo. Há um debate muito moralista sobre isso, e uma moral que pesa muito sobre as mulheres, mas a linha revolucionária vai por outro caminho. Bebel, no livro “A mulher e o socialismo”, por exemplo, explica como a prostituição vira um ramo econômico do capitalismo, como isso alimenta o tráfico de mulheres, sendo um ramo bastante lucrativo. Dentre os negócios clandestinos da burguesia, o tráfico de pessoas é um negócio extremamente lucrativo, e a prostituição tem uma conexão muito grande com isso. A prostituição das mulheres (também em menor medida de homens) está ligada à concentração da riqueza em uma classe e à miséria que se alastra entre as classes exploradas. Então, muitas mulheres recorrem à prostituição e, em momentos de crise, isso se acentua, porque não encontram uma possibilidade de trabalho, de serem incorporadas na produção, ou de poderem se manter por meio do salário. Então, o marxismo, conforme as obras de Marx,



Engels, Bebel, Lênin, Clara Zetkin, considerava a prostituição como uma chaga do capitalismo. Lênin e outros autores comentam como essas revolucionárias, ao mesmo tempo em que defendiam as mulheres prostituídas da repressão e da violência, não defendiam a legalização da prostituição para garantir a sua proteção. A defesa é de que, nessa luta contra o sistema capitalista, se possam eliminar as diferenças de classe, que são o alimento da prostituição. Essa é a concepção marxista que se tem desenvolvida.

Eu gostaria de aproveitar e mostrar o livro “Resposta Marxista às Opressões: programa de emancipação e concepção marxista sobre a opressão à mulher, negro, indígena e homossexual”. Há uma parte bem grande do livro dedicada à questão da opressão sobre a mulher. Há uma parte que traz as teses da III Internacional sobre a questão da mulher – os quatro primeiros Congressos da III Internacional foram um ponto muito elevado do movimento operário –, que fala detalhadamente da orientação tática e estratégica para este trabalho; a gente também tem os materiais elaborados pelo POR do Brasil. Como você perguntou sobre o governo Dilma, temos os manifestos feitos sobre o governo Dilma, assim como sobre os governos Temer, Bolsonaro. Trazemos também o debate polêmico com as esquerdas em torno da raiz pequeno-burguesa e burguesa do feminismo; o embate com as posições da ONU, em relação à opressão sobre a mulher. E publicamos vários estudos sobre a concepção marxista sobre a opressão à mulher. Todo esse estudo sobre o que foi dito, em relação ao Lênin.

Tem um material, que acho incrível, que é o texto do Riazanov, “A doutrina comunista do casamento”, em que ele recupera uma formulação de Marx, que diz que, se a família não fosse uma unidade econômica, dessa economia doméstica privada, o Estado e a Igreja não iam se meter com a família, assim como o Estado e a Igreja não se metem nas amizades. Ou seja, se você tem um amigo, não precisa ir ao cartório e falar “esse é meu amigo”. Se há essa ingerência do Estado e da Igreja, é porque a família cumpre esse papel na economia privada e a humanidade já tem condições de se libertar disso, com o desenvolvimento das forças produtivas. Há também o estudo sobre o livro do Bebel. Então, o livro é um material que, além das questões sobre os negros, indígenas e homossexuais, contém esse material bem especial sobre as mulheres; e tem também uma dedicação, tanto ao Lênin quanto à Clara Zetkin, pela importância da elaboração que tiveram em relação a isso. Para o POR, é muito importante que não se perca esse elo da nossa luta atual com aqueles que lutaram antes da gente, e que a gente não perca os vínculos desse campo do marxismo revo-

lucionário mesmo, do leninismo, do trotskismo, que é fundamental para a gente conseguir se livrar dessa opressão sobre a mulher, que é uma coisa odiosa, e que se manifesta de forma tão pesada sobre a vida das mulheres e meninas exploradas e oprimidas, do nosso país e de todo mundo.

**P:** Ótimo, ia falar exatamente isso, para você falar onde é que se pode achar o livro. Eu acho que é isso, estamos chegando ao final de mais uma entrevista do Canal “Mesa de debates”. Quero primeiramente agradecer por você ter aceitado o convite. Acho que foi uma discussão boa, nos trouxe contribuições bastante importantes. Passo o bastão para você fazer as considerações finais.

**R:** Certo. Para quem quiser conhecer outros materiais, tem inclusive materiais publicados, nosso site é o [www.pormassas.org](http://www.pormassas.org), por lá vocês podem ter acesso a outras formas de contato. Também agradeço por poder debater com alguém que se mostra interessado em eliminar a opressão sobre a mulher. As perguntas feitas vieram com esse sentido. Faço um convite para que outros companheiros e companheiras que, de fato, têm uma vontade sincera de eliminar essas opressões, que procurem conhecer mais a teoria revolucionária, mas não basta conhecer a teoria revolucionária, é preciso se organizar. Houve pessoas que vieram aqui falar do tema, e usam algumas referências marxistas, mas, na hora da prática, limitam a sua intervenção à atuação acadêmica, e a universidade burguesa também não conseguirá resolver os problemas das massas. Vamos precisar criar nossos instrumentos de luta, recriar aqueles que foram destruídos. Por isso, o chamado que fazemos é que vocês contribuam com a tarefa de construir de fato um partido operário revolucionário, que possa desenvolver mais seu programa, e se inserir nas massas oprimidas. A gente tem feito esse esforço, de elaboração, mas também na prática, o esforço de ir às portas de fábricas, conversar com os trabalhadores e trabalhadoras, com a juventude. Mas, a gente precisa dar um salto em relação a esse trabalho. Nosso convite é para que vocês entrem em contato, para conhecer melhor o POR, as publicações, e que a gente possa avançar nessa tarefa gigantesca, mas necessária, dessa compreensão de que o capitalismo não tem nada a oferecer para a gente, e que ele é um regime esgotado, que temos o desenvolvimento econômico, de forças produtivas suficientes para conseguir livrar-nos de tanta miséria, de tanta fome e de tanta opressão. Mas, a burguesia não sai de cena sozinha, vamos precisar arrancá-la de lá. Então por isso, que é esse chamado que a gente faz. Obrigada pelo espaço.

**R\$ 30**

ADQUIRA  
COM NOSSO  
DISTRIBUIDOR  
DO MASSAS

**LANÇAMENTO LIVRO**

**Lênin estrategista  
da revolução proletária**

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

**POR**  
**Marxismo**  
Teoria e Programa

Nova  
Coleção  
Editorial

**Lênin estrategista da revolução proletária**  
*Apostamentos sobre a história do Partido Bolchevique*

Entrevista ao Canal Mesa de Debates

# Professora fala sobre perseguição política dentro da escola

17 de outubro de 2021

*Guilherme: Sejam muito bem vindos ao canal Mesa de Debates. Eu sou Guilherme e, nesse dia de domingo, normalmente é o dia em que a gente não tem uma programação, entrevista. O dia chamado de dia de folga. Hoje a gente resolveu fazer um bate-papo aqui com uma denúncia importante, que o canal recebeu, e que trata de uma perseguição política com a professora Mônica, que está aqui com a gente. E, assim como o canal, em outro momento, defendeu o sindicalista Antônio Macapá, em São José dos Campos, que está sendo ameaçado de ser preso, a gente vai defender também essa professora porque, independentemente da posição política dos lutadores, quando tem perseguição, a gente tem que sempre se colocar em defesa daqueles que estão sendo perseguidos pelo Estado. Então, vamos começar esse bate-papo aqui com a Mônica. Tudo Bem Mônica? Antes de a gente começar, por favor, apresente-se.*

**Mônica:** Bom dia Guilherme, meu nome é Mônica Moraes. Estou aqui para responder a entrevista. E contribuir para esclarecer essa perseguição que, de certa forma, atinge a todos os trabalhadores em Educação, e em especial aos professores aqui do Rio Grande do Norte.

*Guilherme: Então. Maravilha... Quer dizer, maravilha não, porque se trata de uma perseguição. Então, vamos continuar, dar início ao nosso papo. Eu queria que primeiramente você contasse para a gente o que está acontecendo.*

**Mônica:** Então. Eu sou filiada ao SINTE, Núcleo São Gonçalo do Amarante, e ao SINTE/RN. E aí, por ser filiada, participei de todas as discussões, de todas as assembleias virtuais que ocorreram durante essa pandemia. E aí, todas as deliberações que, tanto o SINTE Núcleo de São Gonçalo, quanto o SINTE estadual determinaram, em assembleia, em sua maioria, eu me submeti a todas as deliberações. Como ficou decidido na portaria que nós, trabalhadores, iríamos voltar no dia 4 de outubro, eu fui surpreendida, no dia 2 (sábado), pelo Whatsapp, por uma convocação do Conselho de Escola, para me apresentar numa reunião, no dia 05 (terça-feira). Automaticamente, procurei saber do Conselho, através da presidente, isso via Whatsapp, e em seguida vi, no email da escola, essa convocação, em ofício, pedi que me esclarecessem o porquê dessa reunião, qual seria a pauta. E aí, lá no documento, tinha a discussão de cunho pedagógico, que era uma situação muito ampla. Entrei com esse pedido, o ofício, e me foi negado. Eu também, logo na segunda-feira, quando me apresentei à escola, dei aula, pedi o estatuto do Conselho, e aí vi que estava tendo uma série de irregularidades, porque eles não colaram, no mural das paredes da escola, o edital, nem me informaram da pauta. Então, começou tudo aí.

*Guilherme: E sim... no seu entendimento, por que você foi chamada, então, para esse Conselho?*

**Mônica:** Eu não sabia o que estava acontecendo. Queria saber, através desse ofício, qual seria a discussão. Porque, quando se trata de uma discussão do Conselho de Escola, sabe-se que tem de informar a pauta. Porque o trabalhador, o estudante, ou o pai ou o servidor, que está sendo convocado para a reunião de um Conselho, que é uma entidade institucional da escola, tem ter claro qual é a pauta. A partir daí, começaram os questionamentos. Por que não foi publicado o edital, e por que me foi negado o ofício? Houve a visualização da presidente, eu estava na escola na segunda-feira, e não foi me repassado nenhum documento. Se eu fosse seguir realmente o que diz o estatuto, eu não participaria da reunião, mas, como eu estava chegando na escola, e não sabia o que estava acontecendo, porque uma parcela, uma grande parcela da categoria, da escola, os trabalhadores dessa escola, que é a Ivani Machado, recuaram. Porque ficou deliberado, nas assembleias, que nós só iríamos voltar, de forma presencial, depois da segunda dose. E, quando houve uma pressão do governo daqui, da Secretaria, colocando bem antes ao dia 4, grande parte desses trabalhadores da escola retomou as aulas presenciais, mesmo sem tomar a segunda dose. Somente eu, enquanto professora, atendi a decisão da assembleia do SINTE estadual. Então, como eu não sabia o que estava acontecendo, e precisava saber do que estava sendo acusada, e estava chegando à escola, decidi participar da reunião, mesmo sem saber da pauta, para me inteirar, para que eu pudesse ter acesso a essa pauta, para que eu pudesse me defender. E eu imaginava que teríamos outras reuniões do Conselho, mas, pelo visto, o que eu vi lá, já estava sendo tudo organizado, já tinha tido uma decisão de uma reunião anterior, para a minha remoção. Assim, no término da reunião do Conselho, no dia 5, a gestão, junto com o Conselho, já me entregaram uma carta de remoção.

*Guilherme: O que foi discutido, qual foi o conteúdo dessa reunião?*

**Mônica:** Então, ao chegar à reunião, automaticamente eu comuniquei aos dois sindicatos o que estava acontecendo. E apareceu o SINTE, Núcleo São Gonçalo, já na metade da reunião, pois, eles estavam em outras atividades. Mas, o que me foi apresentado, uma síntese do professor secretário, é de que havia um relatório. Nesse relatório, organizado pela gestão, se fazia uma série de acusações. Antes desse relatório, já teriam acontecido três reuniões do Conselho, ao qual eu não fui comunicada, e tudo foi colocado de uma forma que eu não pu-

desse estar presente, nem nessas reuniões anteriores, nem fui ouvida, nem pelos representantes de professores que estavam lá no Conselho, nem pela gestão. Porque eu estaria voltando de forma presencial no dia 4, na segunda-feira, e a reunião foi no dia 5. Então, não tive o direito do contraditório, que faz parte das garantias democráticas, de me defender. Então, sobre a acusação, um dos primeiros pontos era de que minha aula foi filmada por uma aluna, naquele período em que o governo Bolsonaro pediu que todos os estudantes filmassem as aulas dos professores. Tratava-se da campanha bolsonarista da “Escola Sem Partido”. Esse foi o primeiro ponto em que fiquei surpresa, de estar colocado ali, uma vez que eu e toda a escola, na época, em 2019, fomos vítimas de duas estudantes e de uma mãe, que nos acusavam de possuir um viés de “comunista e petista”. O segundo ponto foi dizer que não apresentei um plano de reposição das aulas remotas. Quem quisesse aplicar o ensino remoto, ou as “atividades não presenciais”, que foi o termo colocado, o professor estaria livre. E aquele que não quisesse aderir ao ensino remoto, também estava livre. Depois de toda a pressão que o governo sofreu, publicou um decreto, obrigando todos os professores a aderirem ao ensino remoto, às “atividades não presenciais”, que foi aqui o termo colocado. Diante dessa situação, seguimos todo o processo do estado. Então, quando chegou a data em que eu tinha de me apresentar, eu me apresentei à escola, e entreguei um plano de retomada das atividades. A princípio, o diretor da escola dizia que eu não estava concordando, porque como faltavam alguns pontos para que o sindicato pudesse discutir e deixar claro, eu esperei essa decisão do sindicato. Eu disse “olha eu não estou me negando, eu vou esperar a posição do SINTE, que acredito que vai ser em assembleia, e eu vou apresentar”. Então, ele já fez um relatório, e pediu para eu assinar. Eu disse “não, não vou assinar, eu não estou negando-me”. E aí, apresentei esse plano, então estava tudo resolvido, a escola concordou, inclusive construiu junto comigo, e, mesmo assim, consta lá no relatório, só que não tem a minha versão lá, de apresentação desse plano. E, por último, a escola colheu a assinatura de alunos, das aulas desde 2019, de alguns problemas que ocorreram, e que eu resolvi com os alunos em sala de aula, são anexos que ele foi colocando no relatório, dando a en-

tender que os alunos não estão satisfeitos com o meu método de aula. E aí o Conselho fecha uma posição, muito clara, muito ditatorial, e me remove de escola. E tem um fato, também, muito grave, durante o período das aulas remotas. Eu não sei se foi a escola, eu não sei se foi um aluno, um pai. Essas aulas, a princípio, eram assim: nós postávamos conteúdos da internet, videoaulas, e aí tínhamos um dia do Google Meet, para tirar dúvida com os alunos, e os alunos, para a maioria deles, essa questão da Pandemia foi muito forte, e quebrou muita relação professor-aluno, aluno com aluno, professor com professor. Eles não gostavam de ligar a câmera do celular, eles gostavam de se comunicar via chat. Essa foi uma forma por onde eu tentei me aproximar dos estudantes, respondendo às questões deles. No relatório, tem uma foto dos alunos conversando comi-

***Eu estou dando aula ali, porque foi naquele período que houve uma resistência dos professores contra o ensino a distância. E eu explicando para eles. E aí eles pegam isso e colocam no relatório. De fato, quem preparou o relatório foi a gestão da escola. Como se vê, houve todo um processo de organização do Conselho, junto com a gestão, onde eu não tive direito, tudo às escondidas, para que eu não pudesse defender-me. E no dia que eu chego para me defender, eles me expulsam da escola.***

go, do celular, e eu explicando o motivo, porque eles fazem questionamentos. Eu estou dando aula ali, porque foi naquele período que houve uma resistência dos professores contra o ensino a distância. E eu explicando para eles. E aí eles pegam isso e colocam no relatório. De fato, quem preparou o relatório foi a gestão da escola. Como se vê, houve todo um processo de organização do Conselho, junto com a gestão, onde eu não tive direito, tudo às escondidas, para que eu não pudesse defender-me. E no dia que eu chego para me defender, eles me expulsam da escola.

Guilherme: Só uma dúvida. Você é concursada?

Mônica: Sim, sou concursada. Sou professora há 26 anos, e nunca me ocorreu isso. Por que, só agora, questionaram meu método de ensino? Por que, só agora, depois desse tempo todo, desde fevereiro, quando apresentei os planos de aula, por que é que só agora, em outubro, há esse questionamento? Inclusive, questionando a minha participação na assembleia aqui do município. Está muito claro que é um impedimento às liberdades democráticas, à liberdade de cátedra e à participação sindical.

Guilherme: Eu queria que agora você fizesse uma avaliação sobre em que momento se dá essa perseguição. Se tem alguma relação, também, ou não?

**R\$ 15**

ADQUIRA  
COM NOSSO  
DISTRIBUIDOR  
DO MASSAS



**Lições da Comuna de Paris**  
*Março / Maio de 1871*

**LANÇAMENTO LIVRO**

**Lições da Comuna de Paris**

Este livro é parte da luta pela superação da crise de direção e recuperação do terreno perdido para a contrarrevolução. As lições das derrotas e vitórias nunca se perdem. Nossa tarefa é a de mantê-las e usá-las como arma do proletariado.



**Nova  
Coleção  
Editorial**



**Mônica:** Nós, professores, que somos sindicalizados, que defendemos as pautas coletivas, somos alvos das forças políticas reacionárias, que estão nos governos, ou as ideologias opostas à liberdade de expressão. Essa escola é nova, contou com investimento do Banco Mundial, e foi inaugurada em 2019. Na realidade, pretendiam implantar uma escola municipal, no modelo de escola militar. Juntamente com o sindicato, travamos um combate ao projeto de escola militar bolsonarista. Foi nesse contexto que minha aula foi filmada. Chama a atenção, o fato de todos os professores terem a liberdade de se expressar e de discutir temas do momento, mas somente minha aula foi filmada. Sempre defendemos o direito do professor se posicionar, bem como o direito dos estudantes também se posicionarem. No entanto, o argumento da mãe era o de que os professores se limitassem ao conteúdo, sem uma interação com a vida do aluno, sem uma interação com o contexto. Naquela época, todos, inclusive o Conselho (que agora é outro Conselho) respondeu à altura. Então, considerei que tudo tinha sido resolvido. Para mim, foi uma grande surpresa, nesse relatório, que ele chama “Pedagógico e Administrativo”, que o primeiro ponto ser justamente aquilo que a escola mais enfrentou, que foi a ideologia da “Escola Sem Partido”. Outro ponto, que consta no relatório, que é um absurdo, é que eu me coloquei contra o ensino remoto, quando, na verdade, implementei o que foi decidido pelo sindicato. Ao contrário do que está no relatório, fiz o meu plano, e mesmo assim sou questionada. Então, tudo foi muito bem armado, para a minha remoção. E o mais grave, foi-me negado o direito democrático de defesa. Ficou evidente que se trata de uma perseguição política.

*Guilherme: Eu queria que você falasse um pouco sobre o que significa “Escola sem Partido”?*

**Mônica:** A “Escola sem Partido” é uma ideologia da ultradireita, que não permite que os professores se posicionem diante da situação, e de temas que envolvem os trabalhadores e a juventude. Quer impor a mordada ao direito de crítica, e acabar com o direito de liberdade de cátedra. É um projeto autoritário, ao ponto de controlar o que o professor deve discutir e ensinar em sala de aula, impondo normas para que se limitem ao conteúdo estipulado, sem se posicionar, é, portanto, uma censura, um ataque violento às liberdades democráticas. Os professores vêm resistindo a esse projeto e, principalmente às orientações do governo, para que os alunos filmem as aulas e delatem o que é ensinado em sala de aula.

*Guilherme: Sobre esse tema, queria que respondesse qual é sua disciplina, e, depois, se é possível ter um ensino neutro. Porque, pelo que me parece, a “Escola sem Partido” acha que é possível ter um ensino neutro. Só que o neutro se decidiu pelo lado do opressor. Então, é possível ter um ensino neutro?*

**Mônica:** A minha disciplina é Língua Portuguesa. A escola, no capitalismo, é um elemento de reprodução da ideologia burguesa. Então, esses valores vão estar presentes no conteúdo das disciplinas. Assim, os professores mais conscientes acabam discutindo esses valores e conteúdos com seus alunos. Outros acabam reforçando esses valores burgueses, ao não se

posicionarem ou não discutirem com os alunos. Os professores têm diferentes concepções de educação. Uns seguem a linha de Paulo Freire, de combate à educação bancária, outros são críticos a essa concepção, e outros mostram que, nos marcos do capitalismo, não é possível uma educação “libertadora”. O fato é que a maioria dos professores é crítica aos conteúdos estabelecidos. Assim um professor “neutro” é na verdade um professor que se opõe à liberdade de expressão, e se coloca no campo do autoritarismo. Hoje, do lado da ultradireita. Portanto, não existe neutralidade.

**“Escola sem Partido” é uma ideologia da ultradireita, que não permite que os professores se posicionem diante da situação, e de temas que envolvem os trabalhadores e a juventude. Quer impor a mordada ao direito de crítica, e acabar com o direito de liberdade de cátedra. É um projeto autoritário, ao ponto de controlar o que o professor deve discutir e ensinar em sala de aula, impondo normas para que se limitem ao conteúdo estipulado, sem se posicionar, é, portanto, uma censura, um ataque violento às liberdades democráticas.**

*Guilherme: Existe alguma campanha em sua defesa sendo impulsionada por alguém?*

**Mônica:** Sim. Primeiro, eu resisti sozinha. Porque, no ensino remoto, nós não conhecemos os nossos alunos, nós nos separamos dos alunos. Houve uma separação entre os companheiros, professores. Cada um preparava sua aula e postava na plataforma, que aqui é o SIGEDUC. Todas as relações foram quebradas entre vigias, merendeiras, funcionários da secretaria, e professores. A separação entre a teoria e prática foi profunda com o ensino a distância. Procurei resistir sozinha às consequências do ensino remoto. Como a escola é nova, fiquei sem interagir com meus colegas de trabalho. Quando recebi a minha remoção, não aceitei. Disse que não havia cometido nenhum crime e, por isso, iria recorrer. Completei, venho dar aula, e vocês não irão me impedir. O diretor respondeu: “minha filha, siga seu rumo, a escola já terminou para você, você não vai entrar na escola”. Eu perguntei: “você vai colocar a polícia contra mim?”. Ele disse: “jamais vou colocar a polícia para você”. Então eu disse: “então eu vou vir dar aula”. Quando retorno para dar aula, que eu me direciono à minha sala, a mando do diretor, os alunos foram retirados da sala e conduzidos à quadra. Fui até a quadra para conversar com os alunos, e expliquei que havia sido removida da escola, e que iria resistir, e perguntei se eles estavam dispostos a resistir, mas, quando se levantaram para me seguir, a coordenação ordenou que voltassem para a quadra. Tentaram, de todas as formas, impedir que eu filmasse o autoritarismo da gestão da escola. Fiz um vídeo denunciando e conclamando a solidariedade dos professores. Esse vídeo chamou a atenção do que estava ocorrendo. A partir daí, os dirigentes sindicais do Núcleo do Sinte tomaram conhecimento do relatório. Foram até a escola, tentar negociar com o diretor

para que eu retornasse, mostrando as irregularidades do processo. O diretor se comprometeu em rever, mas exigiu que eu não viesse dar aula. Reafirmamos que iríamos entrar com um recurso ao Conselho de Escola. O diretor da 1ª DIREC fez uma reunião com o Conselho (eu estava presente), e coloca que eu comparecesse na Secretaria em 72 horas, e propõe que o Conselho faça uma nova votação e, entre os encaminhamentos, uma assembleia geral na escola. O diretor se colocou contra. Dois professores, que representam a categoria, que estão no Conselho, votaram na proposta do diretor da 1ª DIREC. Tivemos pequena vitória. Mas, logo a posição do diretor da escola se fez valer. Assim, iniciou-se uma campanha contra minha remoção,

**Como sabemos, o Estado e suas instituições são organizados para manter o sistema econômico e suas estruturas ideológicas. Daí a opressão sobre todas as manifestações contrárias. Reafirmo que a escola é nova, e que o diretor é indicado pelo vice-prefeito (PT). Vale lembrar que o prefeito é do PROS. Tudo indicava que seria um diretor com uma visão democrática de escola. Mas, acabou sendo arrastado para posições autoritárias. Daí a importância da organização dos estudantes nos grêmios independentes, da organização dos professores nos sindicatos, e do fortalecimento da luta coletiva.**

e em solidariedade. Na assembleia do sindicato foi aprovada a campanha. Disse que não se tratava de uma defesa de uma professora, mas sim da luta contra a perseguição política e pelo direito de livre manifestação. Até o momento, estamos fazendo uma campanha política, não recorremos judicialmente. Há também uma campanha de moções junto a outros sindicatos, quem vem sendo feita pela Corrente Proletária. Quero agradecer você, Guilherme, pela oportunidade de expor a perseguição, e divulgar a campanha contra a “Escola sem Partido”.

*Guilherme: Mônica, para a gente finalizar essa conversa, seria*

*importante levantar uma discussão sobre a estrutura da escola. Porque, se isso está acontecendo, um dos problemas, na minha avaliação, é que a escola tem uma estrutura que permite que, infelizmente, casos como esse aconteçam. Do diretor ter um perfil, que o Estado quer que tenha. Também, principalmente, o coordenador da escola. Eu queria que você discutisse essa estrutura, para finalizar essa entrevista.*

**Mônica:** Nós sabemos que os que estão na gestão da escola acabam se submetendo aos projetos, e assumindo a burocratização, própria do Estado burguês. Como sabemos, o Estado e suas instituições são organizados para manter o sistema econômico e suas estruturas ideológicas. Daí a opressão sobre todas as manifestações contrárias. Reafirmo que a escola é nova, e que o diretor é indicado pelo vice-prefeito (PT). Vale lembrar que o prefeito é do PROS. Tudo indicava que seria um diretor com uma visão democrática de escola. Mas, acabou sendo arrastado para posições autoritárias. Daí a importância da organização dos estudantes nos grêmios independentes, da organização dos professores nos sindicatos, e do fortalecimento da luta coletiva. Quando estudantes, pais, funcionários e professores estão organizados em assembleia geral da escola, é possível defender os problemas da escola e do ensino, bem como enfrentar o autoritarismo de alguns gestores.

*Guilherme: Mônica, estamos chegando ao final de mais uma entrevista no Mesa de Debates. Quero, primeiramente, agradecer por você ter aceitado o convite. Boa sorte nessa campanha. Se precisar do Mesa de Debates, estamos aí, à disposição. E passo aí o bastão para você fazer as considerações finais.*

**Mônica:** Agradeço ao Guilherme por estar aqui no canal. Acho importante esse debate, exatamente no momento em os trabalhadores em educação, principalmente os professores, estão sendo atacados pelo autoritarismo da “Escola sem Partido”. A nossa fortaleza está na nossa união, para enfrentar as violentas medidas impostas pelos governantes. Daí a importância da organização coletiva. É preciso enfrentar esses projetos obscurantistas, autoritários e o ensino a distância, com os métodos próprios dos trabalhadores. Espero que na reunião de segunda-feira, o diretor e Conselho de Escola arquivem o processo, e me reintegrem à escola.

**LANÇAMENTO ▶**

**R\$ 35**

**ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR:**

**100 anos da Revolução Russa**

**RECONSTRUIR O PARTIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL, A IV INTERNACIONAL**

**Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.**  
**CAIXA POSTAL Nº 630 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO - [www.pormassas.org](http://www.pormassas.org) - [facebook.com/massas.por](https://facebook.com/massas.por)**